



**Faculdade de Ciências Sociais  
Departamento de Ciências da Educação  
Mestrado em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica**

**Shirley de Nazareth Lopes Braga**

**O uso das TIC como Inovação Pedagógica: um estudo de caso no Curso de Moda do  
SENAC/SEÇÃO CEARÁ**

**Dissertação de Mestrado**

**FUNCHAL – 2017**

**Shirley de Nazareth Lopes Braga**

**O uso das TIC como Inovação Pedagógica: um estudo de caso no Curso de Moda do  
SENAC/SEÇÃO CEARÁ**

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica.

Orientadores: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Cristina Duarte  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Cílvia Queiroz

**FUNCHAL - 2017**

Ao meu pai José Maria Braga (*in memoriam*) e a minha mãe Beatriz Lopes Braga que me ensinaram a lutar pela vida e incentivaram a buscar o conhecimento através da aprendizagem.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade da Madeira.

A DH2 por proporcionar a possibilidade do Mestrado numa parceria vitoriosa com a Universidade da Madeira, meu muito obrigada.

A minha orientadora da Universidade da Madeira Professora Doutora Ana Cristina Duarte pelas valiosas indicações de assuntos e fontes bibliográficas e documentais e contribuições ao nosso projeto.

A minha orientadora brasileira Professora Doutora Maria Cílvia Queiroz por sua grande contribuição.

A Professora Doutora Zuleide Queiroz por sua colaboração e presteza sempre que solicitada.

Ao Diretor de Educação Profissional do SENAC/CE Sr. Rodrigo Leite Rebouças que autorizou para que a pesquisa fosse realizada nas dependências da instituição.

A todas as pessoas que fazem parte da Biblioteca do SENAC/CE, em especial Katiuscia Dias.

Ao Professor/Instrutor do SENAC/CE Cícero de Araújo Silva (Khyko - *in memoriam*) por sua acolhida em sala de aula e a suas valiosas indicações na condução do trabalho acadêmico.

Aos funcionários da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará pela contribuição em vários momentos da dissertação.

Ao Sindtêxtil por possibilitar acesso ao seu acervo histórico.

Aos Professores Doutores da Universidade da Madeira Dr. Carlos Manuel Nogueira Fino e Dr<sup>a</sup>. Jesus Maria Sousa pela dedicação, solicitude e por estarem presentes em nossos textos mesmo quando não percebemos.

Aos colegas da turma de Fortaleza, em especial ao Professor Mestre Moacir Júnior por sua colaboração e incentivo nos momentos de angústia.

Ao Presidente do Sindicato dos Contabilistas do Ceará, Contador Manoel Pinheiro Cavalcante pelo incentivo em vários momentos da minha vida acadêmica.

A todos os amigos e amigas, que não foram citados, mas que de uma forma ou de outra contribuíram para realização deste trabalho.

Aos meus irmãos Aristides Neto, Nadja, Iranice, Fatima, Sara e Danielle, presentes e incentivadores do meu conhecimento.

Ao Professor Ricardo Pereira Viana (*in memoriam*) pelo apoio logístico em momentos cruciais.

## RESUMO

Vivemos em uma sociedade onde a máxima é aprender cada vez mais. O conhecimento depende da maneira como cada ser humano interage com o objeto de aprendizagem, como é o caso das tecnologias que nos possibilitaram ver o mundo com outros olhos, com outro pensar, onde o saber se redistribuiu de outra forma. Ao longo do processo histórico da humanidade a roupa surgiu como indumentária para proteger o ser humano das intempéries do clima, bem como evitar a exposição das partes íntimas. O uso e avanço das tecnologias provocaram mudanças significativas no mundo da moda mais precisamente no modo de tratar e conceber as peças. O processo de aprendizagem pelo uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) ofereceu ao mundo da moda a possibilidade de mudança. Ao entrar em contato com tecnologias, a indústria têxtil e seus asseclas mudaram seus comportamentos e buscaram estar em consonância com um mundo que evolui o tempo inteiro. Ao se trabalhar com a inserção de tecnologia dentro do contexto educacional, necessitamos estar atentos para que o uso das TIC não promova uma educação instrucionista. É necessário adequá-la dentro de um contexto construcionista, na qual o sujeito possa descobrir seu próprio conhecimento e refletir sobre os mesmos. O objetivo geral foi o de compreender de que forma a inserção das TIC pode contribuir para uma aprendizagem crítica baseada no desenvolvimento da autonomia e criatividade dos educandos do curso de moda do SENAC/CE. Nos objetivos específicos, procuramos identificar o uso das TIC na instituição educacional como contribuição para a construção do conhecimento do alunado do curso de moda; compreender a educação de qualidade como uma prática em que se dá o processo de aprendizagem crítico-reflexivo no curso de moda; compreender de que forma a inserção da TIC pode contribuir para uma aprendizagem crítica baseada no desenvolvimento da autonomia e criatividade dos educandos do curso de moda do SENAC/CE.

Palavras-Chaves: Aprendizagem, TIC, Educação Corporativa, Etnografia, Diário de Bordo.

## ABSTRACT

We live in a society where the maximum is to learn more and more. Knowledge depends on the way in which each human being interacts with the learning object, as in the case of technologies that allow us to see the world with other eyes, with other thinking, where knowledge is redistributed in another way. Throughout the historical process of humanity, clothing has emerged as clothing to protect the human being from the elements of the climate, as well as avoid exposure of the intimate parts. The use and advancement of technologies has brought about significant changes in the world of fashion more precisely in the way of treating and designing the pieces. The process of learning through the use of Information and Communication Technologies (ICT) has offered the world of fashion the possibility of change. By coming in contact with technologies, the textile industry and its minions changed their behaviors and sought to be in line with a world that evolves all the time. When working with the insertion of technology within the educational context, we need to be aware that the use of ICT does not promote an instructional education. It is necessary to adapt it within a constructionist context, in which the subject can discover his own knowledge and reflect on them. The general objective was to understand how the insertion of ICT can contribute to a critical learning based on the development of the autonomy and creativity of the students of the SENAC / CE fashion course. In the specific objectives, we try to identify the use of ICT in the educational institution as a contribution to the construction of the student's knowledge of the fashion course; Understand quality education as a practice in which the process of critical-reflective learning takes place in the fashion course; Understand how the insertion of ICT can contribute to a critical learning based on the development of the autonomy and creativity of SENAC / CE students.

Keywords: Learning, ICT, Corporate Education, Ethnography, Logbook.

## RESUMEN

Vivimos en una sociedad donde la máxima es aprender más y más. El conocimiento depende de cómo cada ser humano interactúa con el objeto de aprendizaje, tales como las tecnologías que nos permitieron ver el mundo con otros ojos, otros piensan, donde el conocimiento se redistribuye lo contrario. prendas de vestir proceso histórico de la humanidad a lo largo emergió como la ropa para proteger a las personas contra el tiempo climático y evitar la exposición de partes privadas. El uso y el avance de las tecnologías ha provocado cambios importantes en el mundo de la moda, más precisamente con el fin de tratar y el diseño de las piezas. El proceso de aprendizaje a través del uso de las Tecnologías de la Información (TIC) y le ofreció al mundo de la moda la posibilidad de cambio. Al comunicarse con tecnologías, la industria textil y sus secuaces han cambiado sus comportamientos y trató de estar en línea con un mundo que evoluciona todo el tiempo. Cuando se trabaja con la tecnología líder dentro del contexto educativo, tenemos que tener en cuenta que el uso de las TIC no promoverá una educación de instrucción. Es necesario ajustar dentro de un contexto constructivista en el que el sujeto puede descubrir su propio conocimiento y reflexionar sobre ellas. El objetivo general era entender cómo la integración de las TIC puede contribuir a un aprendizaje crítico basado en el desarrollo de la autonomía y la creatividad de los alumnos del curso de la moda del SENAC / CE. Los objetivos específicos, buscan identificar el uso de las TIC en la institución educativa como una contribución a la construcción de conocimiento del curso de la moda de los estudiantes; entender la calidad de la educación como una práctica que se da el proceso de aprendizaje crítico y reflexivo en el curso de la moda; entender cómo la integración de las TIC puede contribuir a un aprendizaje crítico basado en el desarrollo de la autonomía y la creatividad de los alumnos del curso de la moda del SENAC / CE.

Palabras clave: aprendizaje, TIC, educación corporativa, Etnografía, Diario.

## RÉSUMÉ

Nous vivons dans une société où le maximum est d'apprendre de plus en plus. La connaissance dépend de la façon dont chaque être humain interagit avec l'objet de l'apprentissage, tels que les technologies qui nous ont permis de voir le monde avec d'autres yeux, d'autres pensent, où le savoir est redistribué autrement. historique des vêtements de processus de long humanité a émergé comme des vêtements pour protéger la population contre les intempéries climatiques et prévenir l'exposition des parties intimes. L'utilisation et la promotion des technologies a provoqué des changements importants dans le monde de la mode plus précisément dans le but de traiter et de concevoir les pièces. Le processus d'apprentissage par l'utilisation des technologies de la communication (TIC) Information et offert au monde de la mode la possibilité de changement. Lorsque vous communiquez avec les technologies, l'industrie du textile et de ses sbires ont changé leurs comportements et cherché à être en ligne avec un monde qui évolue tout le temps. Lorsque vous travaillez avec la technologie de pointe dans le contexte éducatif, nous devons être conscients que l'utilisation des TIC ne favorisera pas une éducation pédagogique. Vous devez régler dans un contexte constructiviste dans lequel le sujet peut découvrir leurs propres connaissances et de réfléchir sur eux. L'objectif global était de comprendre comment l'intégration des TIC peut contribuer à un apprentissage critique sur la base du développement de l'autonomie et la créativité des étudiants du cours de mode de SENAC / CE. Les objectifs spécifiques, cherchent à identifier l'utilisation des TIC dans l'établissement d'enseignement en tant que contribution à la construction de la connaissance du cours de la mode du corps étudiant; comprendre la qualité de l'éducation comme une pratique qui donne le processus d'apprentissage critique et réflexive dans le cadre de la mode; comprendre comment l'intégration des TIC peut contribuer à un apprentissage critique sur la base du développement de l'autonomie et la créativité des étudiants du cours de mode de SENAC / CE.

Mots clés: apprentissage, TIC, éducation entreprise, Ethnographie, Diary.



**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

QUADRO I – HIERARQUIA DAS NECESSIDADES – Maslow.....	24
QUADRO II – CICLO DA MOTIVAÇÃO.....	25
QUADRO III – DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	58

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

AMIC: ASSOCIAÇÃO DE MODA ÍNTIMA DO CEARÁ

CEP: CENTROS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

CPD: CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS

EAD: EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

FENIT: FEIRA NACIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL

IEC: INSTITUIÇÃO DE ENSINO CORPORATIVO

MIT: INSTITUTO DE TECNOLOGIA DE MASSACHUSETTS

PRODE: PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE EDUCADORES

PRODEV: PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE EDUCADORES VIRTUAIS

SENAC: SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL

TIC: TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

UFC – UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

UMa: UNIVERSIDADE DA MADEIRA

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>IV</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>V</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>VI</b>
<b>RESUMEN.....</b>	<b>VII</b>
<b>RÉSUMÉ.....</b>	<b>VIII</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</b>	<b>IX</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....</b>	<b>X</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A INFLUÊNCIA DA MODA COMO PRÁTICA CRÍTICA- REFLEXIVA AO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO EDUCANDO.....</b>	<b>06</b>
1.1 – O uso das TIC no Curso de Moda como processo de aprendizagem.....	10
1.2 – Construcionismo e Construtivismo: a importância para a aprendizagem.....	14
1.3 – Inovação pedagógica e a aprendizagem na educação corporativa.....	18
1.4 – Atitude motivacional do sujeito frente ao processo de aprendizagem.....	23
1.5 – Contextualizando a moda no mundo, no Brasil e no Ceará.....	27
<b>CAPÍTULO 2 – OS PROCESSOS INVESTIGATIVOS NA RELAÇÃO COM O ESTUDO DA TEMÁTICA.....</b>	<b>42</b>
2.1 – Espaço pesquisado: histórico e contextualização.....	47
2.2 – Dos participantes da pesquisa.....	56
2.3 – Do procedimento da coleta de dados.....	58
2.4 – Da análise dos dados e teorização do Diário de Bordo.....	59
2.4.1 – Da análise dos dados.....	60
2.4.2 – Da teorização do Diário de Bordo.....	78

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>92</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>99</b>
<b>Apêndice 1 – Carta de anuência.....</b>	<b>100</b>
<b>Apêndice 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....</b>	<b>101</b>
<b>Apêndice 3 – Questionário.....</b>	<b>103</b>
<b>Apêndice 4 – Diário de Bordo.....</b>	<b>105</b>
<b>Apêndice 5 – Questionários Respondidos.....</b>	<b>118</b>

## INTRODUÇÃO

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.*

*Paulo Freire*

Vivemos em uma sociedade onde a máxima é aprender cada vez mais. Contudo, o conhecimento depende da maneira como que cada ser humano interage com o objeto de aprendizagem, por exemplo, os de usos tecnológicos que nos possibilitam a ver o mundo com outros olhos, com outro pensar, onde o saber se redistribui de outra forma.

Na maioria das instituições educacionais ainda hoje, apesar de todos os avanços tecnológicos vividos pela humanidade, ainda estão vinculados a um modelo em que o computador tem a tarefa de apenas ensinar o aluno. No entanto, essa tecnologia poderia ser instrumento a serviço do construcionismo.

Nesse mundo globalizado e tecnológico, onde tudo está em constante transformação, a educação também precisa mudar de paradigma como meios de atender aos desafios da sociedade na qual está inserida. Segundo Sousa & Fino (2008, p. 7)

Sensivelmente ao mesmo tempo em que se iam dando os primeiros passos na exploração dos computadores como máquinas de ensinar (mais do mesmo), de entre o grupo de cépticos quanto a essa a melhor via da integração dos computadores na educação, sobressaía uma figura que iria marcar indelevelmente toda a reflexão posterior em torno dessa questão. Essa personalidade é Seymour Papert, e seu nome está ligado à criação da linguagem Logo, por ter liderado o grupo que a desenvolveu, no Massachussets Institute of Techonology, na segunda metade dos anos sessenta.

Convém relembrar que a importância do Logo radica no facto de não apenas uma ferramenta informática, uma mera linguagem de programação, mas todo um projecto pedagógico de utilização de computadores na educação, segundo uma perspectiva que nada tinha que ver com a perspectiva do “ensino assistido por computador (EAC). De facto, enquanto o EAC fornecia, ou um substituto para o professor, ou algo que potenciase a sua capacidade de *ensinar*, a perspectiva de Papert apontava para a criação de uma ferramenta que, entregue aos aprendizes, potenciase as suas possibilidades de *aprender*, e de aprender para além do currículo. Algo que fizesse saltar o currículo tradicional, como Papert insinuou na sua obra mais divulgada, e talvez mais importante, publicada em 1980 e intitulada *Mindstorms: children, computers and powerful ideas*.

O que Papert implicitamente propunha com o Logo e o seu conhecimento conceptual era uma mudança de paradigma educacional, do paradigma *instrucionista*, velho de quase dois séculos, para um novo paradigma *construcionista*, como meio de responder ao desafio colocado à escola por uma

sociedade em profunda e acelerada mudança, notoriamente incapaz de “preparar para o futuro”, mas talvez ainda com alguma capacidade para formar pessoas peritas em aprender e em mudar.

Compreendendo o construcionismo inspirado no modelo construtivista elaborado por Jean Piaget, podemos dizer que na abordagem construcionista, o indivíduo é um ser ativo, um sujeito que constrói o seu próprio caminho na busca pelo conhecimento. Na qual deve ser motivado para que compreenda que ele não é apenas um executor das atividades propostas, pelo contrário ele tem de estar predisposto a realizar uma tarefa que irá trazer um conhecimento. Diante disso Piaget<sup>1</sup> (1972, p. 176) afirma:

[...] fazer é compreender em ação uma dada situação em grau suficiente para atingir os fins propostos, e compreender é conseguir dominar, em pensamento, as mesmas situações até poder resolver os problemas por elas levantadas, em relação ao porquê e ao como das ligações constatadas e, por outro lado, utilizadas na ação.

Entendemos que o sujeito deve compreender determinada ação, ao mesmo tempo em que ele consiga assimilar o conteúdo de forma que compreenda o seu processo de aprendizagem. Que ele se torne reflexivo, crítico e busque construir o seu conhecimento se aprofundando plenamente no assunto.

A velocidade da transformação nos locais de trabalho não é o único fator que confere crescente importância à habilidade de aprender. A escala global das consequências de ações humanas torna mais urgente entendermos o que estamos fazendo. A destruição da camada de ozônio, epidemias de AIDS, a explosão demográfica, o colapso social em cidades norte-americanas e em aldeias russas, a condição de sofrimento do continente africano e as demais questões que fazem as manchetes diárias são problemas mais do que urgentes. São exemplos do muito pior que virá, se os seres humanos não conseguirem, em uma escala até o momento sem precedentes, levarem-se a aprender novas formas de pensar (PAPERT, 2008, p. 14).

Percebe-se que o uso disseminado da tecnologia contribuiu e contribui, imensamente, para uma aprendizagem melhor. Entretanto, não é possível se eximir da responsabilidade que essa construção do conhecimento nos trás, já que estamos diante de uma evolução sem precedentes na história da humanidade. Ao utilizar essa tecnologia, a escola pode propiciar uma melhor aprendizagem, bem como contribuir para minimizar as consequências nefastas causadas no planeta.

---

<sup>11</sup> A Teoria Construtivista, surgiu no século XX, a partir das experiências do biólogo, filósofo e epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), o qual observando crianças desde o nascimento até a adolescência [...], percebeu que o conhecimento se constrói na interação do sujeito com o meio em que ele vive (NIEMANN, BANDOLI, 2012, p. 2).

O aprendiz é competente para realizar e construir seu conhecimento. Desenvolver seus “signos”, através das suas próprias buscas, suas interações entre o meio e ele. Tendo a possibilidade de alavancar sua aprendizagem. Ou seja, “aprender a aprender”. Vygotsky nos aponta que a aprendizagem pode ser mediada, na qual nos mostra que “o bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento” (VYGOTSKY, 1989, p.117). Afirma ainda que: “os processos de desenvolvimento não coincidem com os processos de aprendizado [...] o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado [...]” (VYGOTSKY, 1989, p. 118).

Entendendo o pensamento de Vygotsky (1989), o mesmo assevera que o processo de desenvolvimento leva em conta a questão evolutiva, física, biológica e afetiva; enquanto, que o processo de aprendizagem refere-se a tudo aquilo que foi construído através de procedimento educacional, inclusive levando-se em consideração a família e as oportunidades de uso de bens culturais, como o uso das tecnologias.

Em entrevista à Revista Atividades & Experiências, Moran indica que para a escola se apropriar das novas tecnologias é preciso passar por três fases. São elas:

[...] Na primeira, as tecnologias são utilizadas para melhorar o que já se vinha fazendo (melhorar o desempenho da gestão, automatizar processos, diminuir custos). Na segunda etapa, a escola insere parcialmente as tecnologias no projeto educacional. [...] desenvolve alguns projetos, há atividades no laboratório de informática, mas também intocados estrutura de aulas, disciplinas e horários. Na terceira, que começa atualmente, como o amadurecimento de sua implantação e avanço da integração das tecnologias, as universidades e escolas repensam seu projeto pedagógico, seu plano estratégico, e introduzem mudanças significativas [...] (MORAN, 2005, p. 12).

Para o autor, as instituições educacionais devem acompanhar as mudanças e utilizar esses recursos tecnológicos. Com a chegada das TIC dentro do mundo educacional, a teoria construcionista ganha força e maturidade dentro da sala de aula. Já que essa teoria colabora para que possamos oferecer uma educação de melhor qualidade para os nossos educandos. Buscando assim, favorecer não apenas uma educação mais primorosa, mais igualitária, onde todos possam usufruir juntos das mesmas oportunidades.

Como ex-aluna do Curso de Economia Doméstica e também do Curso de Ciências Contábeis, ambos da Universidade Federal do Ceará (UFC), atuando como contadora e como professora/instrutora nos cursos profissionalizantes do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) Seção Ceará, ao iniciar um Programa de Mestrado busquei refletir sobre

a prática pedagógica realizada no Curso de Moda na instituição em que trabalho, bem como os discentes se comportam utilizando as novas tecnologias dentro de sala de aula.

O estudo se propôs a responder a seguinte questão: “É possível considerar o uso das TIC no curso de moda como um processo de inovação pedagógica”?

Neste sentido, este estudo se desenhou por meio de pesquisa etnográfica de base qualitativa e teve como objetivo geral, verificar se a prática pedagógica vivenciada pelos aprendizes na sala de aula no curso de moda pode ser considerada uma inovação pedagógica. Como objetivos específicos, procuramos identificar o uso das TIC na instituição educacional como contribuição para a construção do conhecimento do alunado no curso de moda; compreender a educação de qualidade como uma prática em que se dá o processo de aprendizagem crítico-reflexivo no curso de moda; compreender de que forma a inserção das TIC pode contribuir para uma aprendizagem crítica baseada no desenvolvimento da autonomia e criatividade dos educandos no curso de moda do SENAC/CE.

Como forma de estruturar esta dissertação, a mesma foi dividida em 02 (dois) capítulos de desenvolvimento e as considerações finais. O primeiro capítulo tem como enquadramento o referencial teórico relativo à temática pesquisada. O segundo capítulo apresenta o estudo consagrado aos hábitos e principais características do aluno no curso de moda e seu processo de aprendizagem com o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

No primeiro capítulo intitulado “A influência da moda como prática crítica-reflexiva no processo de aprendizagem do educando”, bem como o uso das TIC no curso de moda como processo de aprendizagem, na qual visa a possibilidade do estudante refletir e tomar consciência da construção do seu próprio conhecimento. Ainda no primeiro capítulo ressaltamos a necessidade de escrever sobre a importância do processo construtivista e construcionista para a aprendizagem. O capítulo inclui ainda a questão da inovação pedagógica e a aprendizagem no âmbito da educação corporativa e a motivação dentro do processo de aprendizagem, já que a instituição em que se deu a pesquisa tem a motivação como uma das alavancas principais da sua trajetória, para a aprendizagem efetiva do seu alunado. Encerrando com um breve histórico da história da moda no mundo, no Brasil e no Ceará, desde o seu surgimento com o uso da primeira vestimenta por personagens bíblicos,



passando pela mesma em todo o processo histórico da humanidade, bem como seu desenvolvimento no país e no Estado do Ceará.

O segundo e último capítulo apresenta a metodologia utilizada no estudo e teve como ponto de partida uma abordagem etnográfica. O Diário de Bordo (Apêndice 4) foi necessário para anotar dados relativos às mais diversas falas dos sujeitos participantes, bem como outras informações que achamos necessárias. Ressaltamos que houve aplicação de 01 (um) questionário (Apêndice 3), tendo sido aplicado no horário em que os participantes estavam no seu local de estudo. Foram entrevistados 11 (onze) alunos dos quais 10 (dez) pertencem ao sexo feminino e 01 (um) ao sexo masculino. A idade dos participantes pesquisados variou entre a faixa etária de 23 (vinte e três) a 51 (cinquenta e um) anos de idade. Finalmente, encerramos o trabalho com as considerações finais, onde se procurou esclarecer os resultados obtidos ao longo da investigação.

## **CAPÍTULO 1 – A INFLUÊNCIA DA MODA COMO PRÁTICA CRÍTICA-REFLEXIVA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO EDUCANDO**

*“Vista-se mal e notarão o vestido.  
Vista-se bem e notarão a mulher.”*

*Coco Chanel*

Ao longo das últimas duas décadas, vivenciamos a busca por uma educação de qualidade, bem como aprendizes que possam construir o seu próprio conhecimento, buscando estar atentos e apto para um mundo que necessita de pessoas que estejam em harmonia com o universo que é cada vez mais dinâmico e em constante transformação.

Não há ferramenta de transformação humana e social mais poderosa que a educação. Só por meio dela é que poderemos ultrapassar o secular subdesenvolvimento que ainda – infelizmente – nos atinge. Não há compromisso maior que o da transformação da nossa sociedade, da melhoria das condições de vida de cada um por meio da prosperidade que a educação garante (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008, p. 94).

No processo de transformação humana é possível se motivar para reinventar a si próprio, bem como descobrir dentro de si novas aptidões, promovendo uma postura ativa, saindo de uma postura reativa.

O processo educacional no século XXI é de suma importância, não só para o crescimento dos países, mas também para o desenvolvimento do indivíduo, já que a demanda por sujeitos mais capacitados é a tônica do momento.

Na sociedade do conhecimento a aprendizagem é fundamental para transformação da organização e seu desenvolvimento. As pessoas são a mola mestre desse processo, utilizando suas competências para atuarem de forma eficiente no processo produtivo do conhecimento crítico (ANDRADE, RODRIGUES, 2008, p. 8).

Dialogando com os autores acima, percebemos que as competências dos indivíduos são trabalhadas para possibilitarem a construção de um conhecimento crítico e reflexivo.

Nesse sentido Lipovetsky e Charles (2004) indicam que vivemos em uma época onde tudo é exagerado, ou seja, tudo é desproporcional. O tempo está cada vez mais reduzido, os deslocamentos populacionais são constantes, as distâncias se tornaram menores, bem como o crescimento de forma assustadora do individualismo. A população mundial encontra-se desorientada e sem nenhuma perspectiva.

As coisas da natureza nos falam, as que são artificiais, nós temos que falar por elas: estas contam como nasceram, que tecnologia se utilizou em sua produção e de que contexto procedem. Nos explicam também algo sobre o usuário, sobre seu estilo de vida, sobre a sua real ou seu suposto pertencer a um grupo social, seu aspecto (BURDEK, 1999, p. 131-132).

Dialogando com Burdek (1999) se faz necessário olhar atentamente e analisar os objetos produzidos pela moda através do uso das novas tecnologias e de como os mesmos se relacionam com as pessoas.

É inegável a força que a moda tem conquistado no decorrer dos últimos anos no Brasil. Além de contribuir positivamente com todos os setores que compõem a cadeia têxtil, gerando empregos e a movimentação de dinheiro e de investimentos, ela como as demais linguagens que interagem no complexo mundo contemporâneo, tem dialogado, como em outras partes do globo com as artes-performáticas ou não-, com os estudos do design, com as pesquisas de novas tecnologias de materiais e, hoje, com a mídia principalmente (CASTILHO, MARTINS, 2005, p. 19).

Os produtos oriundos da moda estão em todas as partes, veiculados nas mídias tecnológicas, impressas nas capas das mais diversas revistas, nos desfiles de moda que acontecem ao redor de todo o planeta, bem como nas lojas dos shoppings centers. A grande maioria das pessoas percebe a moda como apenas uma peça de vestuário, ou seja, algo para vestir. Como bem diz Cidreira (2006, p. 13) “nada mais arraigado em nossa própria cultura do que o ato de vestir o corpo”. O indivíduo está apenas preocupado em vestir o corpo, nada mais do que isso.

Porém, está mais que provado que a imagem que nós projetamos quando nos vestimos comunica com os outros e que escolhemos, criteriosamente, aquilo que queremos vestir. É certo que nem todos têm esta consciência, mas também é certo que todos selecionamos determinado modo de nos apresentarmos através do uso do vestuário. Entretanto, o processo de confeccionar moda ganhou novos ares e novas formas de se fazer representar no dia a dia através do uso da tecnologia.

As mudanças se avolumam de forma nunca antes vista. A moda também passa por mudanças significativas. Hoje não é só saber costurar e/ou desenhar roupas e acessórios. É mais do que isso. A moda reflete comportamentos, mas também influencia a vida das pessoas.

O uso da tecnologia invadiu praticamente todas as searas. Há uma infinidade de informações circulando no mundo tecnológico, como a educação, a religião, a cultura, a moda entre outros. É difícil estar distante desse mundo tecnológico que se faz presente no dia a dia da população mundial.

No mundo da moda, além do processo artístico, existe uma ligação sem igual com o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Domingues (1997, p. 17) aponta que “a arte tecnológica assume também essa relação direta com a vida, gerando produções que levam o homem a repensar sua própria condição humana”.

O uso da moda atrelada à tecnologia proporciona a todos os envolvidos um novo repensar, um novo conhecimento, uma transformação contínua que leva a uma nova criação e a um novo fazer.

Conhecer é desvendar, na intimidade do real, a intimidade de nosso próprio ser, que cresce justamente porque a nossa ignorância vai se dissipando diante das perguntas e respostas construídas por nós, enquanto sujeitos entregues ao conhecimento, como dependência da compreensão de nosso ser no mundo. [...] Ao construirmos o conhecimento de um dado objeto, não é somente ele que se torna conhecido, mas essencialmente o próprio sujeito, isto é, o conhecimento de algo é também, simultaneamente, um autoconhecimento (GHEDIN, 2005, p. 141).

Ao refletir sobre uma moda crítico-reflexiva, o educando pode se apropriar não apenas da sua prática, mas, ele passa a se conhecer melhor, buscando se aprofundar nas suas experiências.

Toda atividade realizada por nós, está sujeita tanto a teoria quanto a prática. Ao trabalhar com a moda, o aprendente tem de unir teoria e prática, buscando dessa forma um entendimento crítico-reflexivo sobre sua prática.

Dewey (1959) aponta que o processo reflexivo consiste em examinar mentalmente um determinado assunto, para que seja possível uma ação que nos traga emancipação, buscando a solução para um fim comum. Ele afirma ainda que, “examinar até que ponto uma coisa pode ser considerada garantia para acreditarmos em outra e, por conseguinte, o fator central de todo o ato de pensar reflexivo ou nitidamente intelectual” (DEWEY, 1959, p. 20).

Dewey (1959, p. 39-40) elenca três formas de atitudes que são necessárias para um desenvolvimento do pensamento reflexivo. São elas:

- **Mentalidade aberta:** [...] a ausência de preconceitos, de parcialidade e de qualquer hábito que limite a mente e a impeça de considerar novos problemas e de assumir novas ideias e que integra um desejo ativo de escutar mais do que um lado, de acolher os fatos independentem da sua fonte, de prestar atenção sem melindres a todas as alternativas, de reconhecer a possibilidade do erro mesmo relativamente àquilo em que mais acreditamos;
- **Responsabilidade:** ser intelectualmente responsável quer dizer considerar as consequências de um passo projetado significa ter vontade de adotar essas consequências quando decorrer de qualquer posição previamente assumida. A responsabilidade intelectual assegura a integridade, isto é, a coerência a harmonia daquilo que se defende;
- **Atitude de coração:** que esteja absolutamente interessado em determinado objeto em determinada causa, atira-lhe, como dizemos “de coração” ou de todo coração. A importância dessa atitude ou disposição é geralmente reconhecida em questões práticas e morais. No desenvolvimento intelectual, é, entanto, igualmente grande. Não há maior inimigo do pensamento eficiente que o interesse dividido.

Dialogando com a citação acima, entendemos que o processo reflexivo na moda, evidencia claramente uma diferença entre o pensar algo como rotina, e o pensar de forma reflexiva, que busca autenticidade, inovação e valorização das experiências que se traz ao longo da própria vida, na qual se procura atitudes de se estar aberto às mais diversas possibilidades, bem como mergulhar de cabeça dentro dos interesses, permitindo-se assim seu envolvimento por inteiro.

Tacla (2002, p. 1), assevera que “uma boa estratégia de reflexão é aquela em que utilizamos nossa história de vida, pessoal e profissional, para daí retirarmos os elementos que podem vir a ser modificados ou aprimorados em nossa prática”.

Ao discutir a influência da moda como prática crítica-reflexiva na aprendizagem, vislumbramos a construção de um conhecimento mais abrangente por parte do aprendiz, que busca ao longo do seu caminhar, mesmo através da dificuldade em construir coletivamente, ser um sujeito que se transforma, que vai à luta, tentando assim se tornar um indivíduo mais autônomo, crítico, reflexivo, responsável, detentor do seu próprio destino, ao mesmo tempo em que deve estar em sintonia com um mundo que evolui constantemente de forma dinâmica.

## 1.1 – O uso das TIC no Curso de Moda como processo de aprendizagem

Os primeiros cursos de moda surgiram no Ceará na década de 1950 através do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), na qual tinha como objetivo central capacitar às costureiras de Fortaleza, trazendo consigo uma mudança para a construção do conhecimento tão necessária à profissão (ANUÁRIO DE MODA DO CEARÁ/JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 2014).

De acordo com o Anuário de Moda do Ceará/ Jornal Diário do Nordeste (2014), os cursos de moda se modernizaram ao longo de todo o seu processo histórico, levando a Universidade Federal do Ceará (UFC) a criar o curso de “Estilismo e Moda”, que posteriormente foi reformulado, tendo seu currículo atualizado, ao mesmo tempo em que o mesmo ganhou nova denominação, passando a se chamar “Designs de Moda”, que traz como objetivo uma visão mais completa, com o intuito de não só formar criadores de roupas e produtos, mas, também, o de formar gestores, empreendedores e criadores de comportamentos, ao mesmo tempo em que possam trabalhar e desenvolver novas tecnologias que aí se encontram, visando inovar e desenvolver novas roupas e tendências.

No mundo cada vez mais competitivo, necessitamos de indivíduos mais questionadores, mais criativos, mais aguerridos. Sujeitos que se façam presentes, que se sintam dispostos a construir e desenvolverem o seu próprio potencial.

Com as tecnologias digitais chegando aos diversos ambientes sociais reais, em especial às escolas, multiplicam-se as oportunidades de os aprendizes lidarem com o mar de informações disponível na grande rede, afim, de bem utilizadas, aplicarem-nas em sua formação de maneira interativa e multidimensional. Por maior esforço de inovação tecnológica que os gestores da educação venham efetuar nas instituições de ensino, elas não conseguirão sozinhas suprir a necessidade de informação e conhecimento fomentada pelas demandas contemporâneas. Cabe, portanto, ao aprendiz buscar por si mesmo complementar sua formação continuamente, desenvolver por conta própria estratégias suplementares que lhe possibilitem contemplar os saberes. Aprender mais e além do que a escola oferece é preciso, e para isso, o aprendiz deve familiarizar-se com os dispositivos digitais que têm se mostrado eficientes para esse propósito, sobretudo, quando devidamente utilizados nos espaços institucionais de aprendizagem (XAVIER, 2007, p. 5).

Faz-se necessário trabalhar esse novo aluno dentro da teoria construcionista, visando com que o mesmo possa ser o protagonista da sua aprendizagem, que ele possa se perceber como um sujeito individual, e que pode contribuir para a construção de um mundo

coletivo, além dele se perceber como parte integrante de um todo, motivando-o a participar de todas as atividades para o sucesso da sua aprendizagem.

Os avanços na área da tecnologia e da ciência nos últimos anos têm refletido na área têxtil por meio do desenvolvimento de novas fibras, fios ou tecidos, como também no aperfeiçoamento de uma qualidade já existente nos mesmos. As evoluções que ocorreram na indústria têxtil são um reflexo do comportamento do novo tipo de consumidor mais exigente e que busca aliar estética, funcionalidade e qualidade no vestir, gerando um novo tipo de mercado [...] (SUGANO, AIRES, AIRES, 2010, p. 349).

O uso e avanço das tecnologias proporcionaram a moda uma mudança significativa no tratar e conceber as peças de roupa. O processo de aprendizagem pelo uso das TIC ofereceu ao mundo da moda a possibilidade de mudança. Ao entrar em contato com tecnologias, a indústria têxtil e seus asseclas mudaram seus comportamentos e buscaram estar em consonância com um mundo que evolui o tempo inteiro.

Ao se trabalhar com a inserção da tecnologia dentro do contexto educacional, necessitamos estar atentos para que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) não seja apenas trabalhado como uma educação instrucionista. É necessário adequá-la dentro de um contexto construcionista, na qual o sujeito possa descobrir seu próprio conhecimento. Estimulando-o a pensar, a encontrar suas próprias soluções, contribuindo para formar um ser mais crítico e reflexivo (PAPERT, 2008).

Segundo postula Moran (2016, p.01),

Ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em acolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida.

O uso das TIC nos permite aprender com autonomia em diálogo com o professor. Entretanto, se faz necessária uma nova prática docente, onde o mesmo auxilie o aluno a interpretar os dados, favorecendo dessa forma a construção do conhecimento dentro de um determinado contexto, relacionando-o com o mundo que cerca esse aprendiz.

Na sociedade da informação, é preciso aprender e reaprender constantemente, estar aberto às novas descobertas que surgem todos os dias. É procurar estar preparado para as mudanças na educação, bem como em todas as áreas da sociedade.

Moran (2016) afirma que tanto os cursos convencionais quanto os à distância devem aprender a lidar com o conhecimento e com a informação, buscando integrá-los em um ambiente transformador, na qual o discente sinta-se motivado a aprender e que suas perspectivas possam ser questionadas de forma crítica e reflexiva.

Com o avanço das TIC no contexto mundial e sua popularização, entendemos que as práticas sociais, emocionais, profissionais entre outras, tiveram um grande impacto no dia a dia da sociedade. Porém, isso não garante uma educação de qualidade para todos, bem como uma instituição que esteja pronta para atender a demanda de dúvidas que se apresentam diariamente, onde “o sucesso reside na habilidade de resolver problemas de maneiras novas e criativas” (KHAN, 2013, p. 61).

Vivemos em um mundo que está em constante mutação. Faz-se necessário compreender que as instituições educacionais se permitam a empreender uma revolução nas suas pedagogias; que os professores que lá se encontram estejam preparados para mudanças significativas nas suas práticas pedagógicas.

Se quisermos reunir a visão e a vontade para mudar a essência da educação de forma significativa – alinhando o ensino e a aprendizagem com a realidade do mundo contemporâneo -, um dos saltos que precisamos dar é entender que o modelo educacional dominante nos dias de hoje, não era, na verdade, inevitável. É uma criação humana. Evoluiu por um determinado caminho, mas outros caminhos também eram possíveis (KHAN, 2013, p. 67-68).

No contexto atual, as organizações educacionais ainda se encontram atreladas ao sistema dominante, onde os currículos estão vinculados àquilo que se deve aprender a cada ano, não proporcionando ao aluno uma maneira do mesmo ser um indivíduo mais consciente de si e do mundo que ele habita.

Uma nova sociedade jamais será desenvolvida se os códigos instrumentais e as operações em redes se mantiverem nas mãos de uns poucos iniciados. É, portanto, vital para a sociedade [...] que a maioria dos indivíduos saiba operar com as novas tecnologias da informação e valer-se destas para resolver problemas, tomar iniciativas e se comunicar. Uma boa forma de se conseguir isto, é usar o computador como prótese da inteligência e ferramenta de investigação, comunicação, construção, representação, verificação, análise, divulgação e produção do



conhecimento. E o locus ideal para deflagrar um processo dessa natureza é o sistema educacional (BRASIL, 1997, p. 2).

Dialogando com a citação acima, o uso das novas tecnologias deve ser disponibilizado para todos, haja vista a possibilidade de melhorar o processo de ensino e de aprendizagem, visando dessa forma um sujeito voltado para o desenvolvimento científico e tecnológico.

Silva (2011) aponta que as novas tecnologias estão a influenciar a sociedade atual, pois, ao mesmo tempo em que elas podem maximizar e favorecer a aprendizagem, podem também alargar as distâncias entre incluídos e excluídos. O autor enfatiza que:

Para que a utilização de tecnologias no processo ensino-aprendizagem rompa as barreiras do tecnicismo e do modismo, é necessário se ter clareza das intenções e objetivos pedagógicos, ou seja, da intencionalidade das ideologias que estruturam os Projetos Pedagógicos e que determinam a práxis pedagógica. É preciso que os professores se apropriem da importância de seu papel social e tomem as rédeas do fazer pedagógico, trazendo para a sua prática tanto o novo quanto as mudanças necessárias para assimilá-lo de forma seletiva e crítica (SILVA, 2011, p. 541).

Entendemos que a prática e a teoria sobre o uso das TIC no ensino e na aprendizagem devem contribuir para uma transformação não apenas na prática pedagógica do docente, mas, também provocar um pensar crítico, reflexivo e criativo por parte do aprendiz.

Souza Júnior (2015, p. 6-7) assevera que:

Ao introduzir uma tecnologia de ponta na educação, como o uso da internet em sala de aula ou mesmo o computador, a escola deve ter o cuidado com a postura a ser adotada no âmbito educacional e não ir apenas inserindo equipamentos (computadores) de modo aleatório no seu meio ambiente, tentando assim se utilizar de novas tecnologias educacionais apenas por modismos ou porque o cenário socioeconômico e cultural assim o exige.

O uso das TIC nos ambientes educacionais tem de ser bem planejado, possibilitando uma aprendizagem ativa não apenas porque está na moda o uso das mesmas, mas que ela realmente seja utilizada com o intuito de construir o conhecimento.

Entendemos que as TIC vêm favorecer um ambiente de aprendizagem, que leva o indivíduo a procurar soluções para problemas que são colocados em sala de aula, e que busca desenvolvê-los como um ser que realmente pode construir o seu próprio futuro e isso só será possível com uma aprendizagem com mais qualidade, na qual contemple questões relevantes no sentido de construir um conhecimento mais sólido e mais participativo na sociedade.

## 1.2 – Construtivismo e Construcionismo: a importância para a aprendizagem

A teoria construtivista criada por Jean Piaget enfoca bem o sentido de que se deve despertar o desejo de aprender no aluno. A mesma defende que o sujeito é o responsável pelo seu próprio conhecimento. Ele é levado a realizar a construção do seu desenvolvimento de acordo com os seus desejos, seu tempo e potencial (BECKER, 1994; GREGÓRIO, PEREIRA, 2012).

Becker (1994, p. 88) define construtivismo como:

A ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos pensamento.

Diante da assertiva acima é necessário levar o aluno a construir seu próprio conhecimento de acordo com suas vivências, sua realidade, deixando-o livre para que o mesmo possa agir operar, planejar, criar e construir aquilo que ele deseja como conhecimento, nem que para isso o mesmo venha a cometer erros, que são de grande valia para sua aprendizagem.

Ferreiro e Teberosky (1985, p. 30) apontam que:

Na teoria de Piaget, o conhecimento objetivo aparece como uma aquisição, e não como um dado inicial. O caminho em direção a este conhecimento objetivo não é linear: não nos aproximamos dele passo a passo, juntando peças de conhecimento umas sobre as outras, mas sim através de grandes reestruturações globais, algumas das quais são “errôneas” (no que se refere ao ponto final), porém “construtivas” (na medida em que permitem aceder a ele). Esta noção de erros construtivos é essencial.

Dialogando com a citação acima, entendemos que o erro leva o sujeito a refletir sobre sua prática, pois o leva a reconstruir o que foi construído anteriormente. Como bem afirmam as autoras acima, o erro é necessário ao processo de aprendizagem.

A grande contribuição do construtivismo para o processo de aprendizagem é que o aprendiz deixou de ser um mero figurante passivo, para ser um protagonista atuante do seu próprio conhecimento, levando-o a se perceber como um indivíduo que pode pensar, refletir e tomar decisões por si só. A ele é dada a responsabilidade de se desenvolver, onde o seu

aprendizado tem de ser construído de forma sólida, com o intuito de não esquecer aquilo que foi construído por ele próprio.

Na teoria construcionista, Papert indica que o objetivo principal é de usar o computador como um instrumento que ajuda a criança a pensar, a se apropriar de novas ideias, buscando sempre assim construir um algo novo, alicerçando o seu comprometimento com o intuito de aprender cada vez mais e construindo o seu caminho na procura do seu próprio conhecimento (PAPERT, 2008).

Papert (1997) aponta que a “aprendizagem é facilitada quando é autodirigida”. Nesse sentido, concordamos com o autor, já que é preciso permitir ao nosso aluno que ele sinta-se motivado a construir seu próprio caminho, onde as suas ações sejam valorizadas, bem como incentivá-lo a buscar soluções para os problemas que venham a surgir.

Podemos observar que a teoria criada por Seymour Papert e sua equipe no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), tem como finalidade elaborar um programa onde todos possam ser os verdadeiros comandantes do seu próprio caminhar. Ainda é possível indicar que o construcionismo tem como inspiração o modelo construtivista elaborado por Jean Piaget.

Piaget explica que no construtivismo o estudante além de desenvolver sua inteligência, ele se aprofunda no assunto do seu interesse, não esperando de forma passiva só aquilo que o professor pode e quer ensinar (PIAGET, 1984).

Enquanto que para Papert (2008), o construcionismo além de se apropriar do construtivismo, o aluno pode usar o computador não apenas como máquina de instrução programada, pelo contrário, ele irá utilizá-la como uma ferramenta no sentido de uma aprendizagem melhor, provocando nele novas formas de pensar e solucionar os problemas apresentados a ele.

Em sua obra “A Máquina das Crianças: repensando a escola na era da informática” (2008), Seymour Papert, indica que saber ensinar é importante, mas, o saber aprender também o é. O autor nos mostra que a didática tem um papel de fundamental importância, pois oferece subsídios para o professor desempenhar melhor o seu ofício.

O Construcionismo está atento a dois aspectos interdependentes que sustentam a aprendizagem: o desenvolvimento de materiais que permitem uma atividade reflexiva por parte do aprendiz e a criação de ambientes de aprendizagem. A

elaboração de certos tipos de materiais para uso educacional favorecer o aprender – com e não somente o aprender – sobre. Portanto, a tecnologia é um meio que favorece aprendizagens significativas, e não o objeto da aprendizagem propriamente dita [...] (FREIRE e VALENTE, 2001, p. 56).

Entendemos que a teoria construcionista busca o caminho de uma formação atrelada ao processo reflexivo, na tentativa de conscientizar o indivíduo na compreensão daquilo que se passa ao seu redor, para que o mesmo seja não só um mero observador, e sim, aquele que pode experimentar, criar e ir em busca do seu próprio conhecimento.

Não adianta de nada ter instrumentos de última geração se ainda continuamos a fazer tudo da mesma maneira, sem nada mudar. Para que queremos programas bonitos, agradáveis se os mesmos não servem para que os alunos pensem, reflitam, questionem. Se faz necessário refletir sobre o porquê e para que as novas tecnologias são utilizadas em sala de aula.

Percebemos que o paradigma construcionista de Papert veio para construir um conhecimento mais bem elaborado no sentido de contribuir para um novo futuro. Futuro esse que já chegou há bastante tempo. Porém, ainda não nos damos conta que o futuro é hoje e não o que virá daqui a dois, cinco, dez ou vinte anos. O mundo muda constantemente e de forma rápida. De acordo com Alvin Toffler (2004) em sua obra intitulada “A Terceira Onda”, estamos vendo emergir uma nova civilização, nunca antes vista na história da humanidade. Estamos a buscar de forma incessante novas tecnologias, novas curas para doenças, formas diversas para gerir a economia, maneiras diferenciadas de viver coletivamente entre outras.

O paradigma construcionista vem colaborar para uma nova perspectiva dentro de sala de aula, já que a construção de qualquer processo educacional, pautada no saber do professor, não mais é a base essencial da educação. Pelo contrário, o aluno é que deve se sentir responsável pelo seu próprio conhecimento. Ele é que irá dinamizar ou não a sua própria aprendizagem.

Dialogando com Papert e sua obra, percebemos que ao desenvolver a autonomia do nosso alunado no processo de ensino e de aprendizagem através da teoria construcionista, construímos um indivíduo mais consciente do seu papel no mundo, bem como um sujeito mais autônomo que não espera para aprender. Pelo contrário, vai em busca daquilo que lhe interessa em um dado momento.

A escola precisa se modernizar e acompanhar as mudanças que aí estão e que já fazem parte do dia a dia da sociedade mundial. Tudo está interligado. Os nossos alunos já se apropriaram das novas tecnologias, dominando-as até bem mais dos que os próprios professores.

A escola deve acompanhar as mudanças que aí estão. Com a chegada dessas novas tecnologias, novos métodos, a teoria construcionista ganha força e maturidade dentro da sala de aula. Já que essa teoria colabora para que possamos oferecer uma educação de melhor qualidade para os nossos educandos. Buscando assim, favorecer não apenas uma educação mais primorosa, mais igualitária, onde todos possam usufruir juntos das mesmas oportunidades.

Ao usar o computador na sala de aula devemos sempre ter em mente que além de professores, somos também alunos, pois ao se permitir construir conhecimento através da máquina, compartilhamos com os alunos um envolvimento maior, onde a alegria reside em uma relação de cumplicidade, de confiança, onde todos saem ganhando com isso.

Conforme postula Fino & Sousa (2003, p. 7),

Como é o do conhecimento geral, os construtivistas sustentam que o conhecimento é construído pelo aprendiz e não fornecido pelo professor que, quanto muito, pode prover informação ou caminhos que conduzem a ela, competindo aos aprendizes a tarefa de transformar a informação, a recebida e a procurada autonomamente, em conhecimento, através de processos psicológicos complexos, que redundam sempre em novos rearranjos, que conduzem a (novos) equilíbrios provisórios.

É preciso valorizar o que cada ser humano carrega consigo, pois cada um de nós é único em sua essência. Construímos nossos próprios mundos. Ao valorizar o ser humano damos um grande salto de qualidade e é nisso que a teoria construcionista busca que é a valorização das construções das estruturas cognitivas através da construção do próprio mundo, da sua própria experiência.

Somos uma sociedade tecnológica, na qual a tônica dela é estar em constante evolução. Não adianta se utilizar da tecnologia apenas por usar, sem sabermos a que fim ela se destina. O uso do computador e da internet são meios que devem fazer parte cada vez mais da vida acadêmica. Entretanto, devemos utilizar desses instrumentos não como fins e, sim como meios.

Com o advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), as relações humanas tomaram outro rumo. O mundo encolheu, as distâncias se tornaram muito menores, o processo de globalização passou a ser mais interligado em todo o planeta. Percebemos que essas mudanças ainda estão longe de parar.

Ao usar uma tecnologia dentro da educação, como a internet ou mesmo o computador, a escola precisa ter o cuidado qual será a postura que ela irá adotar, já que não se pode usar a tecnologia por modismo, e depois deixá-la esquecida em um canto qualquer.

Devemos entender que na teoria construcionista o estudante tem de ser visto como um aprendiz, que deve ser mediado, procurando assim melhorar sua capacidade de aprendizagem, valorizando o seu lado criativo, levando-o a usar as novas tecnologias de forma proficiente, com o intuito de aperfeiçoar o seu desenvolvimento cognitivo. Onde o aprender é construir o próprio conhecimento (PIAGET, 1978).

Tanto o construtivismo quanto o construcionismo são de grande valia para o processo de aprendizagem, deixamos de ver o aluno do como mero expectador, levando-o a se tornar um ser que vai em busca do conhecimento que está à sua disposição em qualquer lugar nos dias atuais.

### **1.3 - Inovação pedagógica e a aprendizagem na educação corporativa**

Na sociedade atual a base geradora do sistema capitalista é o conhecimento produzido através das grandes corporações, em especial a que é criada e gerida nas organizações sociais.

Daí o conceito de educação corporativa despertar tamanho interesse nas organizações preocupadas com a competitividade, pois é um sistema de desenvolvimento de pessoas pautado pela gestão por competência onde a gestão do conhecimento organizacional é o elemento articulador (PEREIRA, BOSQUETTI, PAULA, ÉBOLI, 2006, p. 1).

Dialogando com a citação acima, o processo educativo sempre se ajustou ao capital, ao sistema dominante. Entretanto, com as mudanças avassaladoras pela qual o mundo passa, verifica-se dessa maneira que as instituições que lidam com a educação corporativa devem se ajustar aos novos tempos em que o processo de construção do conhecimento é uma necessidade para trabalhar cada vez mais com processos inovadores.

A Educação passa a ter um papel fundamental para que se possa atingir um grau de competitividade e modernidade compatível com as exigências do atual mundo de negócios. Neste sentido, as empresas devem adotar um sistema de Educação Estratégica para que consigam desenvolver com eficácia seus talentos humanos (PEREIRA, BOSQUETTI, PAULA, ÉBOLI, 2006, p. 5).

O mundo está sempre em constante mudança, incerteza e imprevisibilidade. Aquilo que pensávamos há pouco tempo atrás como verdades absolutas deixaram de ser algo certo e correto para ser algo que pode ser questionado.

Passamos a perceber que o futuro deve ser planejado com antecedência, para que seja possível não ser surpreendido por atos não planejados.

Diante disso a educação pode ser planejada, de modo que proporcione cenários possíveis, no sentido de que não seja necessário negligenciar a educação. Devemos sim, trabalhar com estratégias de futuro, no qual possamos tomar decisões mais acertadas, com o intuito de formar crianças, adolescentes e jovens para desempenhar seus papéis em uma sociedade que a cada dia se torna mais avançada tecnologicamente e que certamente eles serão os nossos futuros governantes (SOUSA, 2013).

O conhecimento humano ganha novo contorno a cada dia. Atualmente levamos cinco anos para nos modernizar. É provável que no ano de 2020, esse processo de conhecimento se dará em torno de setenta e cinco dias. Daremos assim, um salto de qualidade imenso.

Conforme o exposto acima, precisamos estar atentos aos fenômenos das mudanças, que estão sempre acontecendo. Nesse sentido Silva (2003, p. 53) indica que:

*A crise de percepção* que fragmenta a consciência interna – coerência – de modos de interpretação e a gênese da *vulnerabilidade institucional* que fragmenta a consistência externa – correspondência – entre modos de intervenção e o contexto de sua aplicação e implicações. A vulnerabilidade institucional – *crise de legitimidade* das “regras do jogo” do desenvolvimento – é um *problema social* porque afeta todas as organizações que interessam à sociedade. A premissa da mudança da época inspira e orienta processos de mudança institucional, porque exerce uma pressão criativa para mudar nossa forma de interpretar a realidade para compreendê-la e de intervir para transformá-la. Uma mudança de época também muda a natureza de nossas perguntas, problemas e respostas.

Estamos sempre ávidos por mudanças. A busca pela transformação de tudo que nos cerca, sempre foi uma constante no processo histórico do ser humano. É preciso apoderar-se dos conhecimentos que aí se encontram para que seja possível traçar os mais diversos

cenários que porventura venham a acontecer no sentido de tomar as decisões mais acertadas. Nesse sentido a educação corporativa torna-se uma necessidade dentro das organizações.

Tendo em conta as mudanças que ocorrem na sociedade, a educação e a formação de professores sentem-se forçadas a se adaptarem às novas circunstâncias, não acompanhando muitas vezes as mudanças operadas fora da escola, por se centrarem ainda nos problemas de hoje ou de ontem. As mudanças na sociedade têm a ver, de entre vários factores, com a globalização, a aceleração do conhecimento, a explosão da sociedade de informação, a crescente diversidade cultural, etc. São estas rápidas alterações na sociedade que vêm exigir novas abordagens, talvez radicais, à educação, se esta desejar ter de facto um papel activo no desenvolvimento das pessoas, em aspectos como a redução da pobreza, da exclusão, da ignorância, da guerra e da opressão. A educação tal como a temos hoje, não consegue dar resposta às exigências de amanhã (ATEE/RDC 19, 2001, p. 2).

Entendemos que o processo educacional hoje perpassa na aprendizagem do indivíduo. Não importa um sujeito que apenas segue o roteiro previamente definido. As organizações necessitam sim, de pessoas que possam tomar decisões mais acertadas, que venham a questionar o sistema na busca por uma inovação, construindo assim uma sociedade pautada no conhecimento.

Drucker (1999) aponta que os ativos mais valiosos do século XXI são os resultados que serão alcançados através do conhecimento. Para ele, o maior desafio das organizações será o de desenvolver e aprimorar o capital humano.

Eboli APUD Simioni, Campanholo (2016, p. 3),

Coloca o conhecimento como fonte de vantagem competitiva para as empresas que visam um desenvolvimento sustentável. Gerar e transferir conhecimento na empresa é sempre um processo de aprendizagem organizacional: conhecimento não é coleção, é conexão, mais importante do que gerar novos conhecimentos é fazer conexões com conhecimentos já existentes, ampliando a rede de relacionamentos internos e externos da organização. A aprendizagem bem como sua aplicabilidade, é um tema que vem sendo amplamente discutido pelos acadêmicos e profissionais especializados.

Entendemos aqui que a aprendizagem é uma tendência mundial. A busca pelo conhecimento é uma constante, não apenas individualmente, mas também por parte das instituições sejam elas públicas e/ou privadas.

Dodgson (1993, p. 378), indica que a aprendizagem organizacional é: “uma busca proposital com o objetivo de reter e incrementar a competitividade, a produtividade, e a inovação em circunstâncias de incerteza tecnológica e de mercado [pois], quanto maiores as incertezas, maior a necessidade de aprender”.



A aprendizagem é um processo de mudança, que se faz presente através da prática e das experiências acumuladas pelo indivíduo ao longo da sua vida, levando-o a modificar seu comportamento, bem como refletir sobre os novos conhecimentos aprendidos.

Mudanças vêm exigindo renovação e desenvolvimento contínuo do conhecimento organizacional, isto é, as organizações e pessoas que nelas trabalham devem buscar o aprendizado contínuo. Pela aprendizagem capacita-se a constante atualização e recreação das habilidades e da base do conhecimento da organização. Uma cultura de aprendizagem gera habilidades de criar, absorver e assimilar novos conhecimentos, beneficiando-se, também das lições aprendidas em experiências anteriores. É importante frisar que todas as inovações dependem de um nível pré-existente de conhecimento e entendimento (PATON, PETERS, QUINTAS, 2016, p. 1).

Dialogando com a citação, entendemos que a aprendizagem tem de ser contínua, já que o acesso ao conhecimento necessita contemplar a todos independentemente da raça, credo, orientação sexual entre outras. As organizações precisam estar preparadas para as mudanças que ocorrem o tempo todo, visando dessa forma alavancar o conhecimento em suas fileiras. E, diante de tudo isso, é necessário que a educação corporativa esteja presente nas instituições, buscando dessa forma um novo ambiente para que a aprendizagem se torne cada vez mais presente na vida da população mundial.

É preciso agir de forma inovadora, construindo ambientes favoráveis para a aprendizagem. Para que isso ocorra é necessário realmente querer agir com inovação. Com desejo de mudança em toda sua plenitude.

Como explicita Fino (2013, p. 5)

A inovação pedagógica não é uma questão que possa ser colocada em termos estritamente quantitativos ou de mera incorporação de tecnologia, do género mais depressa, mais eficazmente, mais do mesmo. Muito menos pode ser colocada em termos de mais tecnologias disponíveis na escola, nomeadamente quando a proposta da sua utilização consiste em fazer com ela exatamente o que se faria na sua ausência, embora, talvez, de forma menos atractiva. A inovação pedagógica só se pode colocar em termos de mudança e de transformação. Transformação da escola e dos seus pressupostos fabris, pelo menos a nível micro, ou seja, no espaço onde se movimentam aprendizes concretos assessorados por professores que estão empenhados em garantir, [...], o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino. Por outras palavras, a inovação pedagógica passa por uma mudança na atitude do professor, que presta muito maior atenção à criação dos contextos da aprendizagem para os seus alunos do que aquela que é tradicionalmente comum, centrando neles, e na actividade deles, o essencial dos processos. E perguntando, evidentemente, o que é que a incorporação de nova tecnologia pode fazer para ampliar o poder dos alunos, enquanto aprendizes, ao invés de conjecturar a exploração da tecnologia para reforçar o seu controlo sobre a turma, em actividades estritamente curriculares, num processo em que é o principal agente.

É preciso transformar a sala de aula em um ambiente inovador, que seja atrativo de todos os pontos de vista. É querer ser um instrumento na busca por uma inovação pedagógica. É poder saber que é possível mudar, apesar de todos os medos que iremos ter ao se pensar em mudanças. Já que toda e qualquer mudança traz no seu bojo insegurança, gerando medo.

É muito difícil sair da nossa zona de conforto, pois a cada mudança, quebramos paradigmas existentes e que em muitos momentos são difíceis de serem colocados em xeque, pois, carregamos conosco vícios que há muito tempo estão inseridos dentro da nossa forma de viver, trabalhar e entender o processo educacional.

Inovar não significa fazer algo diferente. Inovar tem um caráter mais profundo que busca sempre mudanças significativas, onde a criticidade seja a chave mestra dessa inovação.

Uma inovação pedagógica deve se dar não nas reformas de ensino e da aprendizagem e nem tão pouco nas mudanças curriculares. Pelo contrário, a inovação pedagógica deve se dar de dentro para fora, pois ela é a construção individual do professor, que precisa estar atento e sensível às possíveis mudanças que ocorrem no seu entorno.

De acordo com o relato de Fino (2013, p. 6)

Enquanto atravessamos esta terra de ninguém entre paradigmas, em que a escola fabril se deprecia cada vez mais rápida e acentuadamente, mas ainda não se consubstanciou o paradigma seguinte, a investigação em educação assume uma importância ainda mais decisiva, nomeadamente a que se debruça sobre a inovação pedagógica. No século em que os professores já se tornaram excedentários, pelo menos em Portugal, temos inteligência instalada, como nunca antes, para se pensar seriamente sobre o modelo de escola que precisamos para substituir a que temos. Esse pensamento só pode sair da investigação que separe as práticas verdadeiramente inovadoras do alarido em redor dos pseudo-inovação contida nos planos de dotação das escolas com quadros interactivos, acesso de banda larga à internet, computadores [...] para todos, etc. E não porque essas aquisições não sejam importantes, nem que seja para reconciliarem os actuais ambientes escolares com tecnologias do seu tempo, ou mesmo para darem a mais crianças a possibilidade de terem acesso às tecnologias de que são contemporâneas.

A inovação pedagógica implica em uma atitude de descontinuidade das práticas pedagógicas até então utilizadas em sala de aula, consistindo em uma quebra na forma tradicional de ensinar, deixar de se ver como algo pequeno e sem importância, para se perceber como algo grandioso, que pode e deve fazer a diferença na busca por uma

aprendizagem com maior qualidade, onde todos que façam parte do contexto escolar, não apenas alunos e professores, mas também, núcleo gestor, comissão de pais, representantes dos órgãos da educação, funcionários administrativos, funcionários menos graduados, bem como a comunidade que faz parte do entorno da instituição educacional, possam usufruir de uma instituição mais bem preparada não apenas do ponto de vista físico, mas também do ponto de vista cognitivo, onde seja possível ser mais crítica, além de ser mais solidária e mais democrática e isso se adequa muito bem dentro da educação corporativa.

#### **1.4 – Atitude motivacional do sujeito frente ao processo de aprendizagem**

Ao estimular o educando é preciso motivá-lo para que seja possível que o mesmo sinta-se inserido dentro do contexto da aprendizagem.

A palavra motivação deriva do latim *motivus*, *movere*, que significa mover. Em seu sentido original, a palavra indica o processo pelo qual o comportamento humano é incentivado, estimulado ou energizado por algum tipo de motivo ou razão. O comportamento humano sempre é motivado. Sempre há um motor funcionando que movimenta o comportamento humano. De vez em quando o motor fica em ponto morto ou para de funcionar e a pessoa fica desmotivada (MAXIMIANO, 2006, p. 147).

Do ponto de vista funcional o conceito de motivo pode ser definido como uma condição interna, relativamente duradoura, que leva o indivíduo ou o predispõe a persistir num comportamento orientado para um objetivo, possibilitando a satisfação do que era visado (BUENO, 2007).

Conforme postula Almeida (1986, p. 54-55)

Os motivos segundo Maslow derivam das necessidades que significam carência, déficit, falta de algo no organismo. Este autor elaborou uma teoria das necessidades explicando-as dentro de um sistema integrado e hierarquizado no qual as necessidades de nível mais alto não se desenvolvem até que as de nível mais baixo estejam satisfeitas.

De acordo com a citação acima, só é possível satisfazer necessidades mais elaboradas, quando às necessidades mais básicas, como o respirar, alimentar-se entre outras, estão satisfeitas, pois elas são o início do desenvolvimento humano, que vai se moldando ao longo de nosso percurso existencial.

O quadro abaixo mostra a hierarquia das necessidades, conforme Maslow APUD Almeida (1986, p. 54-55):

**QUADRO I - HIERARQUIA DAS NECESSIDADES – Maslow**

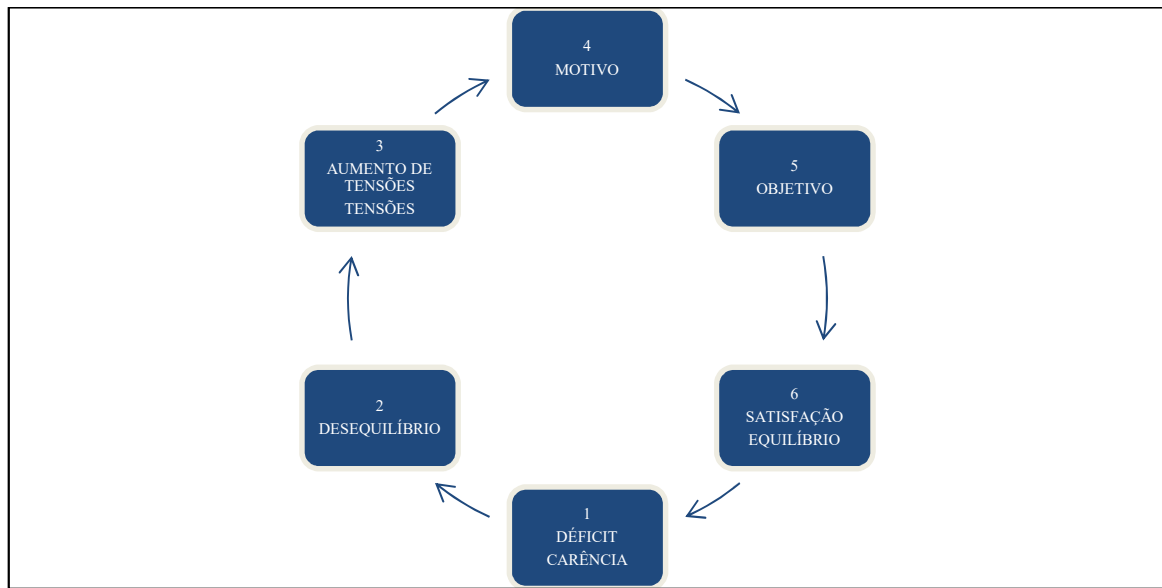
Necessidades de Auto-realização: realização e compreensão das próprias potencialidades...
Necessidades do Ego: auto-estima, autonomia, autoconfiança, reconhecimento, apreciação...
Necessidades Sociais: participação, aceitação, associação, estima, apreço...
Necessidades Fisiológicas: alimento, água, ar, sono, satisfação sexual, atividades...

Fonte: Almeida (1986, p. 54-55).

No que se refere às necessidades pessoais do indivíduo Maslow apresenta um referencial teórico importante, uma vez que, o estágio de desenvolvimento de cada um apresenta motivações distintas e o autor indica o grande valor de se considerar estas variações.

A motivação, em geral, envolve um complexo de necessidades e não apenas uma necessidade isolada. Conforme indica Almeida (1986, p. 58) o ciclo motivacional pode ser esquematizado da seguinte forma, de acordo com a figura 01:

## QUADRO II - CICLO DA MOTIVAÇÃO



Fonte: Almeida (1986, p. 58).

O ciclo da motivação envolve mais que o levantamento dos interesses e das necessidades: inclui o estabelecimento de relações entre esses interesses e o comportamento instrumental que conduzirá aos objetivos previstos.

De acordo com o Manual de Liderança e Gestão de Equipas (2011, p. 13-14), vale à pena refletir sobre algumas técnicas e princípios da motivação que podem ser de grande valia para impulsionar a construção do conhecimento, bem como um melhor ambiente de aprendizagem. São elas:

Z

- A aprendizagem cooperativa é percebida como mais motivante e interessante do que a aprendizagem individualista, que implica um maior nível de competição;
- A organização flexível de grupo aumenta a motivação intrínseca do grupo;
- As tarefas criativas aumentam o nível de motivação, por oposição às repetitivas;
- Conhecer as causas do êxito ou do fracasso de uma tarefa aumenta a motivação;
- O reconhecimento do sucesso, por parte do líder, é bastante motivador;
- O registro dos progressos aumenta a motivação intrínseca;
- Começar a realizar uma tarefa pelas actividades mais fáceis pode ser motivador porque faz com que êxito promova êxito nas actividades seguintes;
- Quando a tarefa é significativa para o sujeito, gera motivação intrínseca. É, pois, importante que o sujeito se identifique com a tarefa e que retire algum prazer dela;
- O nível de estimulação dos sujeitos tem de ser doseado: se a estimulação ou o desafio for reduzido, não há promoção de mudança. Já se for um desafio excessivo pode levar a sentimentos de frustração e de ansiedade. Há que dosear o desafio com a competência do sujeito, para que o nível motivacional seja adequado. Tarefas demasiado difíceis ou demasiado fáceis geram desmotivação;

- As mudanças moderadas ao nível da dificuldade e da complexidade favorecem a motivação intrínseca. Já as mudanças bruscas e repentinas têm o efeito contrário e diminuem o nível motivacional do sujeito;
- O líder que dá autonomia no trabalho promove a motivação, o sucesso e a auto-estima;
- O ambiente que se desenvolve no contexto laboral poderá ser mais motivador se houver bom ambiente, optimismo e confiança. A atmosfera interpessoal influencia o desempenho;
- É importante que a equipa conheça os objetivos que se pretende alcançar;
- Evitar a repreensão pública, o sarcasmo, as comparações para ridicularizar, as tarefas em demasia, já que são promotores de grande desmotivação; comunicar à equipa, os resultados do seu trabalho já que funcionam como um poderoso estímulo;
- O líder deve mostrar interesse por cada elemento da equipa, de um modo individual e de um modo mais global, como elemento pertencente do grupo;
- As estratégias operativas e participativas são mais motivantes que as passivas;
- A competição doseada pode ser um bom recurso à motivação, quando usada como jogo de grupo, ou como auto-desafio consigo mesmo;
- Há que atender às diferenças individuais na motivação, sendo que uma estratégia pode ser muito eficaz com um sujeito/grupo e muito pouco eficaz com outro.

É importante ter sempre em mente que qualquer trabalho realizado em equipe por menor que seja, tem sempre suas próprias características, suas particularidades, suas dificuldades e suas facilidades. É por isso, que se motiva o trabalho coletivo, pois a riqueza de se criar supera e muito um trabalho individualizado, pois ao motivar ultrapassam-se as dificuldades que surgem ao longo de todo o percurso no ambiente de aprendizagem.

A motivação é um processo que se passa no interior do indivíduo com o sentido de satisfazer às necessidades mediante a obtenção de determinados objetivos. É necessário motivar os educandos no uso de todas as suas capacidades, fazendo com que os mesmos possam se sentir úteis, ao mesmo tempo em que sua qualidade de vida torna-se melhor, não só dentro da instituição educacional, mas também, fora dela.

Ao motivar o aluno ao usar o computador dentro da sala de aula devemos ter em mente que além de professores, somos também alunos, pois ao se permitir construir conhecimento através da máquina, compartilhamos com os alunos um envolvimento maior, onde a alegria reside em uma relação de cumplicidade, de confiança, onde todos saem ganhando com isso. Conforme postula Fino & Sousa (2003, p. 7),

Como é do conhecimento geral, os construtivistas sustentam que o conhecimento é construído pelo aprendiz e não fornecido pelo professor que, quanto muito, pode prover informação ou caminhos que conduzem a ela, competindo aos aprendizes à tarefa de transformar a informação, a recebida e a procurada autonomamente, em

conhecimento, através de processos psicológicos complexos, que redundam sempre em novos rearranjos, que conduzem a (novos) equilíbrios provisórios.

É preciso valorizar o que cada ser humano carrega consigo, pois cada ser é único em sua essência. Construímos nossos próprios mundos. Ao valorizar o ser humano damos um grande salto de qualidade e é nisso que a Teoria Construcionista busca que é a valorização das construções das estruturas cognitivas através da construção do próprio mundo, da sua própria experiência.

### **1.5 – Contextualizando a moda no mundo, no Brasil e no Ceará**

Ao longo do processo histórico da humanidade a roupa surgiu como indumentária para proteger o ser humano das intempéries do clima, bem como cobrir o corpo da exposição das partes íntimas. O surgimento da roupa vem para suprir a necessidade do homem não apenas o de se agasalhar, mas também para se sentir bem com a roupa que carrega no corpo.

Conforme explicita Braga (2007, p. 17-18),

A sequência evolutiva da vestimenta humana foi exatamente essa. Primeiro as folhas vegetais e, posteriormente, as peles de animal. Como nos diz a Bíblia Sagrada, no Antigo Testamento, o ser humano cobriu o corpo pelo caráter de pudor. Todavia, há outras interpretações seculares que dizem ter os seres da condição humana coberto o corpo pelo caráter de adorno e, também, pelo de proteção. Qualquer que tenha sido a sua intenção, cobrir o corpo foi uma necessidade.

Dialogando com a citação acima, entendemos que o homem vem cobrir o corpo em um primeiro momento justificado como medida de pudor, pois o mesmo está nu, com os órgãos sexuais completamente à amostra. Isso fica bem entendido na passagem bíblica que é de domínio público, na qual relata que Adão e Eva viviam nus no Paraíso, e que por ordem divina confeccionaram vestimentas com folhas de parreiras para ocultar suas partes íntimas (BRAGA, 2007).

Os povos primitivos nos deixaram através das pinturas rupestres – registros iconográficos de extrema importância-, não só como os mesmos viviam, mas também da forma com estavam trajados para resistirem às ações climáticas, bem como o modo de vida deles.

Após esse primeiro momento em que o homem se cobre com folhas para se agasalhar, o mesmo busca na natureza meios para fazer evoluir sua vestimenta. Nesse aspecto

o indivíduo começa a caçar e transformar a pele do animal como material de uso diário. Braga (2007, p. 18) indica que:

[...] outro aspecto, o de proteção, está associado à questão de sobrevivência com relação às agressões externas e às intempéries, principalmente o frio. O ser humano protegeu o corpo com as peles das caças [...].  
As peles, inicialmente usadas com o próprio pelo do animal, eram normalmente de urso ou rena e passaram por processos de mastigação para serem amaciadas. Posteriormente, passou a ser normal untar essa pele com óleos ou gorduras animais para atribuir-lhe uma certa impermeabilidade e maciez, o que dava à peça uma maior durabilidade. Na sequência de uso de recursos, utilizava-se um elemento advindo de certas cascas de árvores ricas nessa substância, que realmente beneficiava com mais apuro a pele do animal: era o tanino, liberado dessas cascas ao serem mergulhadas em água. Tornou-se uma técnica de grandes resultados no tratamento das peles, que eram presas ao corpo com as próprias garras dos animais ou mesmo atando-as umas às outras com nervos, tendões ou até fios da crina ou do rabo de cavalos.

A partir do momento em que o homem começa a se estabelecer na terra, ou seja, tomar posse do lugar e deixa de ser nômade, ele começa a se preocupar mais com sua indumentária. Ao criar animais e conseqüentemente domesticá-los, o sujeito passa a ter uma série de matéria prima para melhorar sua vestimenta, na tentativa de produzir peças que possam agasalha-lo melhor e com mais durabilidade (BRAGA, 2007).

Laver (2005) ressalta que com o passar do tempo o homem primitivo foi aprimorando suas técnicas de confeccionar sua vestimenta. Isso proporcionou um grande avanço haja vista que o mesmo concebeu um dos maiores avanços tecnológicos da humanidade, pois dessa forma ao produzir agulhas para costurar sua indumentária proporcionou a si próprio uma maneira mais sofisticada e inovadora para a história da humanidade.

Laver (2005, p. 10-11) indica que:

[...] Grandes quantidades dessas agulhas, feitas de marfim de mamute, de ossos de rena e de presas de leão-marinho foram encontradas em cavernas paleolíticas, onde foram depositadas há 40 mil anos. Algumas são bem pequenas e primorosamente trabalhadas. Essa invenção tornou possível costurar pedaços de pele para amoldá-los ao corpo. O resultado foi o tipo de vestimenta ainda hoje usado pelos esquimós.

Entendemos aqui que o ser humano conseguiu se adequar aos mais difíceis climas do planeta, de forma que uma tecnologia inovadora como o uso da agulha favoreceu imensamente a maneira do homem a se fazer presente nos mais diversos ambientes. Neste contexto, fica claro que o homem é um ser inovador e que busca evoluir através do uso de instrumentos, para satisfazer suas necessidades.



O mundo passou por diversas transformações ao longo do seu processo histórico. Com a evolução tanto do homem, como das sociedades que os mesmos faziam parte, a vestimenta também foi evoluindo. Foi assim na sociedade do Egito Antigo, que confeccionou peças de linho, as quais eram amarradas em torno do corpo, sendo muito vezes fixadas com espinhos, o que podemos supor que tenham dado origem aos alfinetes (FEGHALI, DWYER, 2010).

Em outro período histórico do Egito Antigo, mais precisamente do Médio para o Novo Império, os egípcios usavam o "chanti", uma espécie de saiote usado pelos homens e que consumia muito tecido, já que o mesmo tem como característica ser enrolado no quadril do homem, bem como o uso de bastante drapeados. O uso de grande quantidade de tecido indicou claramente, o momento de apogeu da cultura e economia egípcia, já que a mesma podia arcar com os altos custos. Salientamos que em períodos de crises a vestimenta utilizada era um "chanti" com pouco tecido e sem nenhum tipo de adorno ou drapeamento (FEGHALI, DWYER, 2010).

O povo persa utilizava roupas repartidas como calças e jaquetas. Na sociedade cretense, as mulheres usavam saias e jaquetas que deixavam os seios à vista de todos; os homens vestiam um saiote com avental fixado por um cinto metálico. Os gregos já tinham por hábito usar roupas mais coloridas. O branco só era utilizado como traje de gala para frequentar o teatro, já que era uma indumentária obrigatória para os frequentadores, pois o lugar era considerado um santuário purificado, por isso o uso de tecidos brancos (FEGHALI e DWYER, 2010).

Feghali e Dwyer (2010) indicam que a civilização romana pode ser considerada a mais rica da Antiguidade, já que a mesma através do uso de vários tecidos em uma mesma vestimenta demonstrava o poderio econômico dessa sociedade frente a outros povos do mesmo período.

Saindo do período da Antiguidade e desembarcando na Idade Média, mais precisamente entre o século V ao século XIV d. C., vimos surgir uma vestimenta bem diferenciada daquela que vigorava nos Impérios do Ocidente e do Oriente. A roupa usada no Ocidente recebeu uma influência dos povos bárbaros, mais precisamente seguindo a indumentária dos povos romanos e germânicos (FEGHALI e DWYER, 2010).

A vestimenta utilizada no Oriente tinha como característica o uso da barra de sedas nas túnicas, posteriormente bastante copiado pelos povos do Ocidente. Nesse período, a Europa começa a se abrir para um processo reflexivo sobre a existência do homem na Terra, gerando dessa maneira uma valorização do ser humano, se fazendo presente nas roupas utilizadas na época (FEGHALI e DWYER, 2010).

As autoras Feghali e Dwyer (2010) apontam que no século XII, as roupas possuíam padrões bicolores, característica de cada feudo, já que as cores e símbolos identificavam os mesmos. Para elas, o estilo gótico surge entre o século XIII e o século XIV, que vem impondo uma nova característica, pois a vestimenta passou por uma transformação bem mais contundente com o uso de mais cores e materiais bem diversificados. Nesse período as formas foram deixadas de lado e o período marcou o fim da Era Medieval e início da Era Moderna.

Entre os séculos XV e XVI, a Idade Moderna trouxe à tona um novo homem, um ser mais racional, um indivíduo que buscava compreender mais sobre política, economia e as bases produtivas. Com o surgimento do Renascimento a moda ganhou um grande destaque, pois as artes plásticas tiveram uma maior visibilidade. Os artistas são convocados a desenharem roupas exclusivas para os nobres para frequentarem as festas realizadas pela realeza. É importante destacar que esse período surgia uma nova classe social denominada burguesia e com ela novas formas de pensar e de dominação (FEGHALI e DWYER, 2010).

A matéria prima utilizada na confecção das roupas ganhou maior qualidade. A silhueta ficou mais alongada, já que a mesma ficou marcada logo abaixo do busto. As formas femininas se tornaram mais arredondadas e o modelo gótico saiu de cena (FEGHALI e DWYER, 2010).

No século XVII, a França começava a despontar como um país produtor de moda. As primeiras publicações surgem nesse período. A elite francesa passou a usar roupas mais bem elaboradas e cheias de camadas. A população mais pobre copiava o modelo exibido pela nobreza, obviamente usando um material de menor qualidade e sem muitos detalhes (FEGHALI e DWYER, 2010).

De acordo com Feghali e Dwyer (2010, p. 45-46), indicam que:

No reinado de Luís XIV, a França chega ao seu apogeu. Mas o que se assiste, logo em seguida, é a decadência da nobreza francesa em razão da política centralizadora

do rei. As mudanças e inovações dessa época eram totalmente determinadas pela casa real. Há uma valorização das formas femininas que ressalta os quadris e acentua a cintura.

Dialogando com a citação acima, é possível perceber que tanto a vestimenta feminina quanto a masculina ganhou novos contornos, enquanto a roupa da mulher valorizava os quadris e a cintura, no homem ela está atrelada a mostrá-lo um pouco mais feminino.

Para as autoras Feghali e Dwyer (2010), no século XVIII, a Europa passava pelas mais diversas mudanças em todas as áreas. Em relação ao vestuário, a França passou a comandar a criação na moda, enquanto que a Inglaterra inovava na questão técnico-industrial, já que com o processo de Revolução Industrial ocorrida lá, a alfaiataria necessitava de um estudo mais minucioso das formas do corpo humano.

No século XVIII, surgiu o estilo ou período Rococó, na qual a moda era tratada de forma mais lúdica. Ou seja, a mesma era vista como uma fantasia a ser usada pelos indivíduos. O vestuário feminino mudou drasticamente, já que a indumentária masculina quase não teve alteração. A roupa se apresentava de forma mais simples, confortável e leve, se comparada à de períodos anteriores. As cores utilizadas eram as mesmas da bandeira da França, que é azul, branca e vermelha (FEGHALI e DWYER, 2010).

No século XIX, com a transição do mundo saindo do período antigo e se encaminhando para a modernidade, a moda, em especial o guarda roupa feminino ganhou uma nova adaptação, sai de cena o lado fantasioso, lúdico do período Rococó, para dar lugar a uma vestimenta mais romântica, marcada pelo uso da crinolina, uma enorme armação de arame das saias. A mulher nessa época adotou uma saia mais esférica. O homem passou a trajar roupas mais sérias com cores sóbrias. O uso da gravata passou a ser um acessório cada vez mais utilizado no dia a dia (FEGHALI e DWYER, 2010).

A roupa ganhou uma característica de conforto, já que os homens que trabalhavam fora necessitavam de roupas mais leves, para que pudessem se movimentar com maior facilidade. A mulher se vestia de acordo com poder aquisitivo do marido, ou seja, o que ele pudesse comprar. Mais uma vez, a maneira de vestir da época estava associada à condição social (FEGHALI e DWYER, 2010).

Já no século XX, a moda variou bastante de acordo com o período. Nos anos 10 surgiram mudanças significativas no vestuário feminino. O uso das cores fortes era uma forte

tendência. Foi uma época em que a mulher madura é exaltada, com o busto e a silhueta sendo bastante valorizada e explorada (FEGHALI e DWYER, 2010).

Com a explosão da Primeira Guerra Mundial, a moda se viu em um momento de estagnação, haja vista que muitos dos estilistas e desenhistas foram convocados ou resolveram se alistar de forma voluntária. Entretanto, a alta costura foi na contra mão, pois tentou criar uma moda apesar de toda a problemática da época. Nesse período a indumentária masculina não sofreu nenhuma intervenção, continuando da mesma forma. Em contrapartida a peça feminina se tornou mais austera e funcional, com roupas inspiradas nos elementos militares, com intuito de dar uma maior comodidade e mobilidade a mulher (SILVA, 2005).

Nos anos 20, após a Primeira Guerra Mundial, a moda volta a aparecer. Um novo conceito passou a ser estabelecido. As mulheres passaram a despontar no cenário mundial, pois as mesmas começaram a adotar um estilo andrógino, em que tentavam se parecer ao máximo com os homens. Apesar das mesmas usarem bastante maquiagem, usavam cortes de cabelos bem curtos para o período. A estilista francesa Coco Chanel<sup>2</sup> é o ícone desse momento. Ela traz uma nova concepção de moda feminina com o uso de cortes retos, blazers dentre outros. As saias que eram utilizadas nesse período ganharam novos contornos, tendo diminuído de tamanho, vindo a causar grande escândalo na sociedade puritana da época, na qual as mulheres que usavam esse tipo de saia estavam sujeitas a serem penalizadas com multas e/ou prisões (SILVA, 2005).

Já nos anos 30, a moda foi muito influenciada pelas atrizes de Hollywood que, através do cinema, ditavam o que as mulheres de todo o mundo deveriam vestir. Com a popularização das roupas sintéticas, as mesmas diminuíram de preço. A moda feminina ganhou novos contornos, com o lançamento da cor “rosa shocking” pela francesa Elsa Schiaparelli. Este período afirma que a mulher voltou a se tornar mais feminina (SILVA, 2005).

---

<sup>2</sup> Gabrielle Bonheur Chanel ou Coco Chanel nasceu em Saumur, na França, em agosto de 1883. Ela se interessou pela moda desde 1910 e, em poucos anos, já era dona de duas lojas de acessórios. Começaram então, suas primeiras criações em roupas, que caracterizavam a nova mulher do século XX: jovem, independente, flexível e atlética. Dos vestidos *chemisiers* soltos, aos *twinsets*, passando pelo “pretinho básico”, suas coleções priorizavam o conforto, a simplicidade e o funcionalismo.

Chanel tornou-se um verdadeiro ícone, com seguidores em todo o mundo. São homens e mulheres que não deixam de reconhecer nas suas criações a elegância, a classe e o perfeccionismo. A estilista criou a moda da mulher do século XX e continua no auge da moda até hoje no mundo inteiro (ROBERTY, DIAS, CATÃO, VOLKOV, 2006, p. 85, 87).

Com o advento da Segunda Guerra Mundial nos anos 40, a moda sobreviveu às intempéries de um momento tão crítico para a história da humanidade. Paris, sendo considerada como sendo o centro da moda no período, estava sob o julgo alemão. Mas, apesar disso, novamente vemos a moda sendo inovada. As saias voltaram a ser encurtadas. O uso da calça comprida se tornou comum junto às mulheres, pois elas eram mais práticas, se tornando dessa forma bastante populares. O uso de adereços, maquiagens e saltos plataformas inspiravam-se na criatividade da cantora e atriz luso-brasileira Carmem Miranda. Em 1947, Christian Dior criou o “new look”, na qual as cinturas estão bem apertadas e o uso das saias amplas. Esse novo padrão foi copiado pelas mulheres de todo o mundo (SILVA, 2005).

Na década de 50, as mulheres voltaram com tudo. A moda ressurgiu com todo fôlego. A sofisticação se tornou lugar comum. A beleza se tornou tema central. A procura por roupas para jovens e alta-costura se firmou na economia. Os estilistas franceses da época tentavam manter a hegemonia da França como centro da moda mundial. Em contrapartida, um grupo de jovens americanos vai de encontro à moda vigente. Eles trazem consigo o uso de “calças curtas, malhas simples, sapatos baixos, uso de óculos escuros e pretos” (SILVA, 2005, p. 40).

Nesse mesmo período o modo de vestir das pessoas mais jovens do mundo ocidental é influenciado pelo *rock and roll* e o novo ídolo desse gênero musical Elvis Presley dança de forma provocante e sensual. O cinema também aderiu a esse novo padrão. James Dean<sup>3</sup> é o melhor exemplo, já que o uso de jaquetas e calças mais colantes pelos homens carregam consigo um sentimento de rebeldia contra o sistema vigente e isso se faz refletir na moda. O uso da calça jeans se torna uma vestimenta para qualquer ocasião (SILVA, 2005).

Segundo postula Silva (2005, p. 41),

[...] a alta-costura evolui graças aos jovens que entram nesse mercado. Pierre Cardin abre sua casa em 1953, Gabrielle Chanel volta com força total em 1954, e vê difundido e copiado seu *tailleur-cardigan*. Depois da morte de Dior, Yves Saint Laurent, na altura com 21 anos e novo diretor da famosa casa, foi um impulsionador

<sup>3</sup> O nome dado a James Byron Dean ao nascer, em 8 de fevereiro de 1931, na pequena cidade de Marion, Indiana, já anunciava involuntariamente o papel que o marcaria tanto em cena quanto longe das câmeras. O herói romântico é cercado de conflitos, inquietação, isolamento, tristeza, lirismo, sensibilidade, perigo e, muitas vezes, acontecimentos trágicos. É o autor que Mildred Wilson, a mãe de Dean, quis homenagear ao batizar o filho, o britânico Lord Byron, entrou para a história justamente como uma vida e obra que são exemplos do Romantismo, com traços como inadequação à sociedade, rebeldia e angústia. Assim como o poeta que lhe emprestou o nome e que encantava Mildred – por sua vez, uma influência fundamental na trajetória do filho –, James Dean foi um herói romântico. Mas foi também um símbolo – eterno – da juventude. E dos anos 1950. E de um jeito de ser e de atuar (ABBADE, 2012, p. 27).

revolucionário da moda. Em 1958, lançou a linha trapézio iria ser exatamente importante para o desenvolvimento da moda nos anos 60. Em 1959, a boneca Barbie foi desenvolvida e comercializada nos EUA, sendo pouco tempo depois exportada para a Europa.

Dialogando com a citação acima, é possível perceber que com a entrada de novos estilistas no mundo da moda, a mesma passa mais uma vez por uma inovação. O lançamento da boneca Barbie<sup>4</sup> nos Estados Unidos vem promover a moda para as meninas naquele país, e, posteriormente, na Europa.

Nos anos 60, as roupas se tornam mais geométricas e padronizadas. O uso das transparências se torna comum, levando a peça ser mais sensual e com decotes. A nova vedete desse período é o surgimento da minissaia, na qual é atribuída a criação pela inglesa Mary Quant e o francês André Courrèges. Segundo palavras de Mary Quant: “A ideia da minissaia não é minha, nem de Courrèges. Foi a rua que a inventou” (BLOGINVOGA, 2016).

Nessa época, os tecidos apresentavam uma grande variedade tanto de estampas quanto nos materiais. As fibras sintéticas se tornaram mais populares. Vale ressaltar que, a moda íntima se tornou mais comum, já que para usar a minissaia era necessário utilizar a meia calça (BLOGINVOGA, 2016).

Para Braga (2004), com os movimentos da Pop Art e da Op Art, a moda se popularizou bastante, já que ambos os movimentos estavam empenhados em uma cultura de cunho e consumo popular, onde os rostos de famosos da época (década de 60) estampavam os mais diversos tipos de produtos, desde camisas até histórias em quadrinhos.

Ainda para Braga (2004), a moda feminina foi influenciada pela modelo Twiggy (graveto em português), que ditou regras nesse período. Todas as mulheres do mundo queriam ser como ela, o padrão de beleza e elegância daquele momento histórico. A moda masculina

---

<sup>4</sup> A boneca Barbie, sem sombra de dúvidas é uma das bonecas mais famosas do mundo. É considerada símbolo de beleza e moda, sendo referência de muitas jovens garotas. Uma de suas marcas registradas é o cabelo loiro com vestimentas em rosa.

A verdadeira história da Barbie é que seu nome verdadeiro não é Barbie e sim Barbara Millicent Roberts. O nome foi dado em homenagem a filha da criadora da boneca (Ruth Handler) chamada Barba Handler.

A boneca foi oficialmente lançada em março de 1959 nos EUA, pela empresa Mattel. A ideia surgiu com Ruth Handler, pois sua filha (Barbara) quando criança, brincava muito com bonecas de bebês. Com passar dos anos, a jovem Barbara ainda continuava a brincar com essas bonecas. Foi nesse momento, em que Ruth teve a ideia de criar uma boneca diferente do padrão existente na época, uma boneca jovem e mais adulta (A VERDADEIRA HISTÓRIA DA BARBIE, 2016, p. 1).

também se transformou muito. O homem deixou de lado o paletó e a gravata, para usar algo mais moderno e descolado. A moda passou a ser unissex.

Os anos de 1970 começaram trazendo toda a referência da moda *hippie* que começara na segunda metade dos anos de 1960. Portanto, todo aquele visual característico desses jovens como calça boca-de-sino, multiestampas, cabelos longos, batas indianas etc ainda estavam em vigência na moda dos primeiros anos da década de 1970. Os negros, por sua vez, usavam o penteado “*black-power*”, superdifundido pela militante negra norte-americana Angela Davis, a partir de 1971, contra o racismo nos Estados Unidos (BRAGA, 2007, p. 90).

Dialogando com a citação acima, entendemos que a moda nos anos 70 tem um caráter contestador. A geração paz e amor dos hippies se fez presente na moda e se transformou no processo de contracultura daquele momento.

Ressalte-se que as roupas esportivas caíram no gosto popular e começaram a ser usadas no dia a dia. A calça jeans boca de sino se tornou a indumentária padrão do período (BRAGA, 2004).

Os anos 80 foram marcados por mudanças significativas na moda, pois a mesma se tornou mais disseminada em todo o mundo. Diversos países começaram a criar seus próprios estilos, dando assim um caráter inovador a moda (RÜTHSCHILLING, 2009).

Já a partir da década de 1990, a moda se caracteriza por um consumidor mais exigente, que está mais informado e consciente do seu papel no planeta. É um indivíduo que busca e tem seu estilo próprio de se vestir (RÜTHSCHILLING, 2009).

A moda nos anos 90 é marcada por um grande desenvolvimento tecnológico, não apenas nos materiais utilizados, mas também na forma de confeccionar os tecidos (FEGHALI e DWYER, 2010).

Do início do século XXI até o presente momento (2016), a moda tem vivido um outro contexto, já que o processo de globalização influencia diretamente na mesma.

Para Gostinski (2009, p. 82), indica que:

Os anos 2000 protagonizam a consolidação da era da globalização, e a moda adere aos tecidos de alta performance, que absorvem suor, mudam de cor e refletem a luz. As possibilidades da moda tornam-se infinitas e cabe a cada um escolher o que mais combina com seu perfil. O jovem consolida-se como o grande formador de novos conceitos de moda.

Diante do que está acima descrito, entendemos que a moda ganha uma nova dimensão com os materiais inteligentes, ao mesmo tempo cria as mais diversas possibilidades de misturar tecidos. Os jovens ditam as novas tendências. E o surgimento das grandes modelos na década de 90 alterou o perfil das mesmas fazendo surgir as megas modelos como, por exemplo, a brasileira Gisele Bündchen que trouxe para a moda um destaque nunca antes visto.

A moda no Brasil sofreu influência da corte portuguesa, principalmente quando das festas religiosas em que as mulheres necessitavam estar presentes usando xales e mantilhas (DURAND, 1988).

Para Durand (1988, p. 63-64),

Por volta de 1830, franceses começam a abrir lojas de moda no Rio de Janeiro, dedicando-se também a outros gêneros de bens de luxo. A mudança nos hábitos de vida da classe dirigente, ao longo do século XIX, deve muito a esses importadores. Seus negócios tomaram impulso, sobretudo depois de 1860, quando o vapor substituiu a navegação a vela e reduziu o tempo de travessia do Atlântico.

Dialogando com a citação acima, entendemos que com o impulso das novas tecnologias da época, a navegação a vapor, proporcionou um grande avanço não apenas para a moda, mas também para a economia. Pois, a Europa era considerada o centro das atividades mundiais. A mesma ditava as regras do período.

Durand (1988) aponta que as primeiras tecelagens que se estabeleceram no Brasil em 1840, tinham como objetivo apenas fazer tecidos grosseiros para a confecção de sacos de café e roupas de escravos.

Com o grande fluxo de imigrantes no Brasil, o número de costureiras cresceu bastante. Os imigrantes italianos eram o de maior número. Durand (1988) aponta que como a moda francesa imperava no país, as costureiras italianas se consideravam madames e geralmente afrancesavam seus nomes. As mulheres das classes mais privilegiadas dificilmente procuravam essas costureiras, pois as mesmas faziam questão de se vestir diretamente de Paris (DURAND, 1988).

Ainda de acordo com Durand (1988), com a crise do café, o país viu crescer sua indústria têxtil e de confecções diversas. Os grandes fabricantes de tecido tornaram-se os poderosos de então.



A moda no Brasil sempre esteve ligada a elite, sendo influenciada, diretamente, pela moda que vinha de Hollywood. Incentivados por colonistas de renomes, a moda brasileira, finalmente, desponta no cenário mundial, criando assim uma massificação da mesma (DURAND, 1988).

Com o avanço da tecnologia, a indústria têxtil no país avançou significativamente promovendo um melhor aproveitamento do algodão e da produção de fios sintéticos, favorecendo dessa forma o aparecimento de feiras industriais financiadas pelos expositores, como a Feira Nacional da Indústria Têxtil (FENIT) em 1958 (DURAND, 1988).

Vale salientar que após os anos cinquenta (1950) e sessenta (1960) a indústria de confecções e malharias no Brasil teve um imenso progresso. As empresas empregavam um grande número de mão de obra, principalmente feminina.

Para Durand (1988), a moda no Brasil é contada de vários ângulos, já que existiam figuras que “criavam”<sup>5</sup> moda copiando modelos estrangeiros; e estilistas que frequentavam a mídia e que ousavam muitas vezes de forma bizarra para a época.

O autor acima descreve em seu livro “Moda, luxo e economia” publicado em 1988 pela editora Babel Cultural, que a moda no país foi influenciada diretamente pelas novelas, em especial a apresentada no horário nobre, na qual a Rede Globo de Televisão resolveu explorar o uso de *merchandising* nas suas novelas, dando assim início a um novo filão na moda brasileira. É claro que tudo foi feito de forma muito artesanal, e que foi ganhando profissionalismo com o passar dos tempos. A moda televisiva ganhou às ruas de todo o país.

### A Moda no Estado do Ceará

A moda no Estado do Ceará se deu de forma muito lenta. A mesma era inspirada e/ou copiada de acordo com o que era ditado pelos grandes centros urbanos. O estado era um grande produtor de algodão mocó (de fibra longa), no qual foi bastante explorado no século XVIII, para abastecer a Inglaterra que era um grande consumidor desse produto. Com o surgimento da cultura algodoeira dos Estados Unidos no século XIX, o estado do Ceará entrou em declínio devido às doenças nas plantações de algodão, bem como o preço mais

---

<sup>5</sup> Grifo nosso.

competitivo dos americanos (ANUÁRIO DE MODA DO CEARÁ/ JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 2014).

Com o evoluir do comércio do fruto, o algodão acabou por se tornar o principal produto responsável por movimentar a economia do Ceará. Em 1927, o comércio do algodão no Ceará chegou inclusive a superar São Paulo, historicamente mais influente [...] (ANUÁRIO DE MODA DO CEARÁ/ JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 2014).

Conforme citação acima é possível perceber que o Ceará ganhou destaque nacional no cultivo do algodão, sendo considerado um produtor de grande renome no cenário nacional.

No Ceará, a primeira indústria têxtil foi a Progresso, sob a razão social de Pompeu & Irmãos, no ano de 1881, mas só começando a operar em 1883 (ANUÁRIO DE MODA DO CEARÁ/ JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 2014).

Conforme o Anuário de Moda do Ceará/ Jornal Diário do Nordeste (2014, p. 25),

Há registro de que em 1895 existiam seis fábricas de fiação e tecelagem no Ceará. Essas primeiras fábricas foram criadas por homens influentes na sociedade cearense e de alto poder aquisitivo para investir na indústria do Estado. Eram elas a Fábrica Progresso, Cia. Fábrica de Tecidos União Comercial, Cia. Fabril Cearense de Meias, Santa Thereza, Fábrica Ceará Industrial e Sobral.

Dialogando com a citação acima, é possível verificar que a moda no Ceará tem a ver com o processo de instalação da indústria têxtil, produzindo tecidos para serem comercializados, com o intuito de desenvolver um mercado consumidor para os produtos, bem como trabalhar com uma mão de obra experiente.

Segundo o que consta no Anuário de Moda do Ceará (2014), o Ceará teve um grande desenvolvimento têxtil, no qual se desenvolveu tendo como base a industrialização nacional. Vale salientar que com a crise mundial de 1929, a industrialização no Brasil sofreu um grande revés. Entretanto, a indústria têxtil cearense mesmo abalada pela crise mundial, conseguiu sobreviver com os incentivos fiscais do governo federal. Mesmo com esses aportes

financeiros, muitas indústrias vieram à falência devido a grandes períodos de seca (1915, 1919, 1932, 1958, 1983, 1993 e 1998)<sup>6</sup>.

A partir de 1960, houve um novo incentivo fiscal do governo, fazendo surgir uma nova indústria têxtil, já que também surgiam órgãos federais para trabalharem com o período de estiagem, bem como desenvolver essa indústria por se tratar da relevância para a economia regional. Com isso, o aporte financeiro dado pelo governo federal, contribuiu para que muitos empresários do setor pudessem renovar seus equipamentos e/ou instalassem novas empresas a um custo menor (ANUÁRIO DE MODA DO CEARÁ/ JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 2014).

Mesmo tendo passado por diversas crises, o setor têxtil cearense só não foi mais abalado devido aos apoios financeiros oriundos do governo federal e em outros momentos pelo governo estadual. Ressalte-se que a indústria têxtil cearense era de vital importância não só para a economia local, mas também para a regional (ANUÁRIO DE MODA DO CEARÁ/ JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 2014).

A moda no Ceará, mais especificamente na cidade de Fortaleza era feita sob medida, por pessoas que eram denominadas de modistas. Os consumidores compravam os tecidos e os levavam até as mesmas para serem confeccionados. A moda tinha um caráter individual e único. O maior polo de consumo na capital era a avenida Monsenhor Tabosa, que até hoje permanece como referência.

Para o Anuário de Moda do Ceará/ Jornal Diário do Nordeste (2014, p. 45),

[...] a moda em Fortaleza começa a ganhar uma cara própria. A cidade que antes era referência em confecção, foi aos poucos se revelando um polo de produção de moda autoral, e não mais uma simples cópia do que era feito em outras localidades. Nessa época, surgiram muitos dos grandes nomes do estilismo local. Lino Villaventura, Cabeto, Capucho e Beatriz Castro são apenas alguns dos que estavam em atividade no Estado. Considerados a geração dos estilistas autodidatas no Estado, eles foram desenvolvendo sua moda, com características próprias, e garantindo ao Ceará um lugar no mercado de moda autoral no Brasil.

---

<sup>6</sup> ALVES, J. M. B.; SILVA, R. A.; SOUZA, E. B.; REPELLI, C. A. **PRINCIPAIS SECAS OCORRIDAS NESTE SÉCULO NO ESTADO DO CEARÁ: UMA AVALIAÇÃO PLUVIOMÉTRICA**. Departamento de Meteorologia – Divisão de Tempo e Clima – FUNCEME. Fortaleza – Ceará. Disponível em: <http://www.cbmet.com/cbm-files/13-1380726e80520f5fb2161d562051b1ad.pdf>. Acesso em: 02.08.2016.

Entendemos que a partir do surgimento de estilistas autorais no Ceará, a moda no estado protagonizou uma explosão de talentos e criatividade garantindo, assim, à moda do Ceará no cenário nacional. Ressalte-se ainda que o estado, além de ser o segundo polo de confecção do Brasil, passou a ser visto como um dos polos criadores do país.

Além de se tornar um polo criador, o Ceará passou a fomentar a indústria de confecção. Com isso resolveu criar nos anos de 1982 o Festival de Moda de Fortaleza (FMF), idealizada pelo empresário cearense Manoel Holanda, com o intuito de alavancar vendas, ao mesmo tempo estimular o mercado da moda local (ANUÁRIO DE MODA DO CEARÁ/ JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 2014).

A FMF foi um sucesso, dando origem nos anos de 1990, o Maraponga Mart Moda, sendo um local especializado em venda por atacado. Destacamos que a FMF acontece até hoje nesse espaço, considerado um local de visibilidade nacional e de grande importância, pois lida com cifras grandiosas, bem como ainda promove concursos para jovens estilistas mostrarem seus talentos (ANUÁRIO DE MODA DO CEARÁ/ JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE, 2014).

De acordo com “A História da Moda no Ceará” (2016), o estado é hoje o terceiro maior polo têxtil do país, se destacando em toda cadeia produtiva, sendo considerado um centro de grande dinamicidade da moda no Brasil.

O Ceará tem se destacado pela exportação de confecções, e suas criações são elogiadas no mundo inteiro, com destaque para a moda íntima. Todos os anos são produzidas cerca de 500 mil peças íntimas no Ceará, o que fez com que a **Associação de Moda Íntima do Ceará (AMIC)** lançasse o evento Moda Íntima Ceará, que entrou para o calendário oficial da moda (A HISTÓRIA DA MODA NO CEARÁ, 2016, p. 03).

Com o crescimento da moda íntima no estado, as oportunidades de negócios despontaram para todos os setores produtivos da cadeia têxtil, permitindo assim ao Ceará crescer no cenário nacional, bem como também no internacional, buscando sua expansão através de novos mercados consumidores.

Salientamos que vários eventos fizeram e/ou fazem parte do calendário da moda no Ceará. Porém, existem dois eventos que sempre chamam a atenção não apenas pela moda produzida, mas, por seu caráter inovador e de criatividade. São eles:

- Dragão Fashion Brasil, realizado desde 1998, atraindo designers e estudantes dos cursos de moda. Evento de cunho nacional e que abre caminhos para que os estilistas locais possam mostrar seus trabalhos;
- Ceará Summer Fashion ocorre tanto no Maraponga Mart Moda, quanto nos shoppings da cidade de Fortaleza, apresentando as tendências para a moda verão, contando com a presença de atores e atrizes conhecidos do grande público (A HISTÓRIA DA MODA NO CEARÁ, 2016).

Por fim, damos por encerrado esse breve contexto histórico da moda, desde o seu surgimento com o uso da primeira vestimenta por personagens bíblicos, passando pela mesma em todo o processo da história da humanidade, chegando até os dias atuais, levando em consideração a moda no mundo, no Brasil e também no Ceará.

## CAPÍTULO 2 – OS PROCESSOS INVESTIGATIVOS NA RELAÇÃO COM O ESTUDO DA TEMÁTICA

*“Os que leem muito sabem, mas os que observam e meditam às vezes sabem mais”.*

*Alexandre Dumas – Escritor francês*

Entendemos que o ato investigativo precede da curiosidade natural do ser humano. Porém, para que a investigação seja algo sério e tenha respaldo, se faz necessário que ela tenha compromisso com a ética em todas as suas instâncias. É preciso além de seguir critérios éticos, também seguir os rigores que uma pesquisa científica deve ter e/ou conter.

Diante disso, procurou-se no desenvolvimento do estudo, algumas metas que pudessem auxiliar na obtenção do material necessário para, a partir dele, conhecer e analisar os dados, conforme o assunto do trabalho, buscando dessa maneira estar contribuindo com a perspectiva política e social da pesquisa, ou seja, gerando algum tipo de contribuição para a instituição escolhida.

Para conceituar a pesquisa buscaram-se autores cuja produção é referência no mundo acadêmico, pois segundo Asti Vera (1979, p. 9), o “significado da palavra não parece ser muito claro ou, pelo menos, não é unívoco”, revelando que não há consenso na definição do termo.

Segundo postula Ruiz (1996, p. 48), “Pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência”.

De forma mais complexa e detalhada Ander-Egg (1978, p. 28) conceitua pesquisa como um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Observa-se que para o autor, trata-se de um caminho repleto de formalidade, que envolve método e pensamento reflexivo, permitindo a geração de conhecimento.

Nesse sentido Ausubel *et al* (2003, p. 58) defende que:

O pensamento sistêmico é uma nova forma de abordagem que compreende o desenvolvimento humano sobre a perspectiva da complexidade. Neste contexto, estabelecem-se as relações de aprendizagem e uma nova forma de olhar o mundo. Deve-se sempre partir do princípio de que o todo é mais que a soma das partes, [...]. Entender esse diálogo sistemicamente significa, literalmente, colocá-lo dentro de um contexto e estabelecer a natureza de suas relações.

É preciso ampliar os nossos conhecimentos, os nossos horizontes, ao mesmo tempo perceber que as relações entre as pessoas evoluem com o tempo. Diante do exposto Capra (1996, p. 22) afirma que “quanto mais estudados os problemas de nossa época, mais se percebe que eles não podem ser entendidos isoladamente”.

Para atender o objetivo desta investigação que é o uso das TIC no Curso de Moda do SENAC/CE, a metodologia vê como ponto de partida uma base qualitativa, na qual a pesquisa etnográfica foi à estrada. Spradley APUD Fino (2014, p. 1) explicita que:

A etnografia deve ser entendida como a descrição de uma cultura, que pode ser a de um pequeno grupo tribal, numa terra exótica, ou a de uma turma de uma escola dos subúrbios, sendo a tarefa do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo.

Conforme citação é dever do investigador etnográfico perceber as nuances que ocorrem no momento da pesquisa, bem como interpretar os dados colhidos de forma consciente e crítica. Para André (2008) etnografia é o estudo de uma pesquisa que está ligada a questão da antropologia social. Geertz (1989, p. 15) entende que:

[...] praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os procedimentos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”.

Macedo (2005, p. 3) indica que:

[...] a interpretação em etnopesquisa é sem dúvida uma atividade extremamente exigente em termos intelectuais. Convoca-se em geral uma grande capacidade de mobilização para refletir fora de formalidades paradigmáticas, desaguando num espírito crítico e de aguçada curiosidade face às realidades à primeira vista avaliadas como demais banais e óbvias. Há, portanto, que imbuir-se de uma imaginação metodológica que ultrapasse a mera descrição e interpretação sumárias, produto de simples constatações.

O pesquisador etnográfico tem a possibilidade de compreender, descrever e interpretar os dados que são apresentados quando da sua observação no ambiente natural do pesquisado, trabalhando assim com uma observação participante.

A observação participante toma a si, por conseguinte, a tarefa de descobrir, a partir da “participação” do pesquisador na vida das pessoas que ele estuda, os valores, as normas, as categorias, que caracterizam essas pessoas e de descobri-las “desde dentro”. É somente por esse procedimento, diz-se, que a descrição dos fenômenos sociais será feita, a partir do ponto de vista dos atores e não, como na sondagem por meio de questionários, da ótica dos pesquisadores (LAPASSADE, 2005, p. 81).

Diante do exposto, resolvemos ter como base uma entrevista utilizando a aplicação de questionário aberto e que pudesse favorecer a resposta mais clara e objetiva do participante da pesquisa, já que procuramos desenvolver uma entrevista participativa, onde o indivíduo pesquisado sentiu-se à vontade para responder sobre sua vida de forma natural. Ressaltamos que o uso do mesmo não possui nenhum caráter quantitativo, muito pelo contrário, ele serviu de base para um melhor entendimento das falas dos participantes. Neste panorama Michetat APUD Silva (1994, p. 46) aponta que:

[...] a contribuição [da entrevista] parece-nos essencial todas as vezes que se procura apresentar e prestar conta dos sistemas de valores, de normas, de representações, de símbolos próprios a uma cultura ou a uma subcultura (...). O recurso à entrevista não diretiva repousa igualmente sobre a hipótese de que a informação mais acessível, aquela que é conseguida por questionário, é a mais superficial, a mais estereotipada e a mais racionalizada (...). Ao contrário, a informação conseguida pela entrevista não diretiva é considerada como correspondendo a níveis mais profundos, isto porque parece existir uma relação entre o grau de liberdade deixado ao entrevistado e o nível de profundidade das informações que ele pode fornecer. A liberdade deixada ao entrevistado (sendo não diretividade todavia relativa) facilita a produção de informações sintomáticas que correriam o risco de serem censuradas num outro tipo de entrevista, (...) quanto mais importante é o material, mais ele se enriquece com elementos que permitem ao analista atingir níveis mais profundos. (...) o que é da ordem afetiva é mais profundo, mais significativo e mais determinante dos comportamentos do que o que é apenas intelectualizado. Isto não quer dizer que o que é afetivo não tem seu correspondente numa expressão intelectualizada, ou não tem componente intelectualizado (...). “Considera-se que a entrevista não diretiva permite, melhor do que outros métodos, a emergência deste conteúdo sócio-afetivo profundo, facilitando ao entrevistador o acesso às informações que não podem ser atingidas diretamente”.

De acordo com a citação, a entrevista, na prática, antes de poder ser considerada uma técnica, deve ser vista como um contato social entre duas pessoas. O sucesso da entrevista dependerá, portanto de qualidades gerais de um bom contato social, sobre o qual se apoiam as técnicas específicas. A atuação do entrevistador etnográfico neste momento deve ser a de ajudar o entrevistado a se sentir à vontade, para que o mesmo possa relatar sua vida



de forma tranquila, consciente, bem como o levando a rever sua prática de desenvolvimento humano.

O objetivo central do questionário e da observação participante foi o de poder anotar a maior quantidade de relatos relativos às experiências vivenciadas pelos participantes (DIÁRIO DE BORDO – APÊNDICE 4). Entendemos ainda que o estudo de caso foi de suma importância para o estudo da pesquisa, já que conforme Chizzotti (2006, p. 135) o estudo de caso é uma:

Coleta sistemática de informações sobre uma pessoa particular, uma família, um evento, uma atividade ou, ainda, um conjunto de relações ou processo social para melhor conhecer como são ou como operam em um contexto real e, tendencialmente, visa auxiliar tomadas de decisão, ou justificar intervenções, ou esclarecer porque elas foram tomadas ou implementadas e quais foram os resultados.

O estudo de caso contempla uma situação em particular, favorecendo assim abranger o caso pretendido, estabelecendo dessa maneira contato com os sujeitos envolvidos para analisar determinadas particulares. Ressalte-se ainda que o mesmo vem colaborar para que a análise etnográfica seja melhor entendida, bem como melhor estruturada, facilitando dessa maneira um maior e melhor entendimento dos resultados.

Em relação ao locus, a investigação foi realizada nas dependências do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial Seção Ceará (SENAC-CE), localizado no município de Fortaleza, no estado do Ceará. A instituição onde a pesquisa ocorreu foi previamente contatada, tendo liberado suas dependências para que o estudo fosse desenvolvido sem prejudicar o andamento das aulas.

Abaixo segue os passos que foram seguidos para chegar ao processo investigativo da pesquisa.

Quando comecei a cursar as disciplinas de acesso ao Mestrado percebi que podia enveredar pelos cursos que o SENAC/CE (instituição em que atuo profissionalmente) oferecia. Passei a pesquisar e verificar qual deles seria mais conveniente que eu viesse a estudar.

Depois de muito perambular pelos mais diversos cursos do SENAC, resolvi que iria pesquisar sobre o curso de Moda, que além de ter me encantado, seria um desafio para mim, já que sou da área de Ciências Contábeis.

Entrei em contato com o Diretor de Educação Profissional do SENAC/CE, para saber se existia a possibilidade de realizar essa observação na turma do curso de Moda. O diretor em questão solicitou cópia do meu anteprojeto para ler e saber se existia essa possibilidade.

Depois de decorrido dois dias após a entrega da cópia do projeto, o Sr. Rodrigo entrou em contato solicitando minha presença na instituição. Cheguei à mesma e fui muito bem recebida pelo mesmo, no qual informou que minha solicitação para realizar a pesquisa na instituição tinha sido aprovada. Porém, como condição o Sr. Diretor indicou que eu só poderia começar a observar a turma após minha qualificação junto à Universidade da Madeira – UMa.

Fui qualificar o projeto na UMa e fui questionada do porquê de estudar uma área sem vínculo nenhum comigo. Expliquei que me sentia desafiada em buscar um conhecimento diferente daquilo que aprendi em termos profissionais.

Após minha chegada à cidade de Fortaleza resolvi tirar uns dias e pensar de como deveria começar. Decorrido esse pequeno recesso, comecei a escrever a dissertação, bem como sempre estava em contato com a coordenação do curso de Moda para saber quando uma nova turma começaria para poder investigar a mesma desde o seu momento inicial até o seu término.

Depois de um momento relativo extenso de espera o curso começou em junho de 2015, já que a turma que eu iria investigar começou no período em que eu estava em Funchal qualificando meu projeto.

Após saber de quando o curso começaria fui à procura do professor/instrutor da área de Moda, para saber mais qual seria o curso, bem como apresentar minhas referências e falar sobre o que iria pesquisar.

Fui levada até a presença do mesmo, no qual fomos apresentados. Expliquei a ele o motivo da minha pesquisa e o que eu buscava. O mesmo sentiu-se muito à vontade para saber de tudo, e apresentou algumas sugestões para um melhor desenrolar da pesquisa. Lembro aqui que o mesmo sempre foi um entusiasta pela área de Moda, e tudo que viesse a colaborar para que seus alunos pudessem aprender mais e melhor seria de muito bom grado.

Ressalto que tudo foi explicado em todos os detalhes para que não ficasse nenhuma dúvida sobre o modo como a pesquisa seria conduzida.

Após o primeiro contato mantido entre a pesquisadora e o professor/instrutor, foi selecionada uma turma do curso de moda que estava a iniciar o curso. O docente selecionou a turma de acordo com o perfil da pesquisa. Depois de selecionar a mesma, nos encaminhamos para a sala de aula onde fui apresentada para os discentes e explicado o motivo da presença da pesquisadora, bem como o teor da pesquisa.

Os alunos ouviram tudo de forma muito atenta. Em nenhum momento existiu questionamentos por parte dos mesmos. Depois de tudo acertado e tendo distribuído os formulários para a participação dos estudantes (Apêndice 2), os mesmos me devolveram no mesmo dia. Ressalto aqui que não houve em nenhum momento pressão e/ou constrangimento para que os discentes participassem da pesquisa.

A turma foi observada desde o seu primeiro momento de sua aprendizagem, no seu horário de aula, na qual está relatado no Diário de Bordo (Apêndice 4).

Logo após todo esse caminhar, foi realizada uma pesquisa documental para levantar a bibliografia sobre o tema proposto.

## **2.1 – Espaço Pesquisado: histórico e contextualização**

A história do ensino profissional do Ceará teve início nas primeiras décadas do século XX. É necessário ressaltar que sempre esteve ligado, predominantemente, às atividades do comércio, como seria de se esperar, até pelo fraco desenvolvimento dos outros setores econômicos. Entretanto, apesar de já tradicional, nosso ensino técnico ainda se ligava a uma percepção antiquada da prática comercial (LIVRO SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) cearense locus da pesquisa em questão, nasceu na Associação dos Merceeiros em 1948. O primeiro núcleo educacional do SENAC cearense contava, já no primeiro ano, com três escolas e mais de 700 (setecentos) alunos matriculados. Esta “proeza” deveu-se ao fato de terem organizado, sob a mesma sigla, escolas técnicas comerciais já existentes. A estratégia de englobar escolas comerciais particulares sob a sigla do SENAC foi repetida em todo o país (LIVRO SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) é uma instituição de educação profissional, de âmbito nacional, de caráter privado, sem fins lucrativos, criado em

10 de janeiro de 1946 e mantido por empresários do comércio de bens, serviços e turismo (INSTRUTORIA SENAC, 2013).

No Ceará, desde 20 de maio de 1948, acompanha os processos de mudança no mundo do trabalho, provocados pelas transformações e inovações no cenário político, econômico, científico, social, tecnológico e educacional. Nesta conjuntura desempenha um papel de agente de educação profissional comprometido com o desenvolvimento do cidadão trabalhador, orientado por um planejamento estratégico expresso em objetivos e competências.

Diante do exposto acima, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) indica que as diretrizes estratégicas têm como premissa uma construção baseada nas diversas dimensões organizacionais (financeira, pessoas, gestão, processos, cliente e inovação, são os referenciais para a atuação do SENAC). São formadas pela composição dos valores organizacionais, pelo cumprimento da missão e pelo alcance da visão de futuro. São elas: promoção social, orientação para o mercado, inovação e gestão do conhecimento, gestão institucional e imagem institucional (INSTRUTORIA SENAC, 2013).

Os objetivos estratégicos da mesma podem ser definidos como orientadores para a operacionalização das diretrizes traçadas. Neste sentido, foram definidos cinco objetivos estratégicos: promover a inclusão social por meio da oferta de educação profissional de qualidade; fomentar a orientação mercadológica; incentivar as iniciativas voltadas à inovação e ao gerenciamento do conhecimento; desenvolver a gestão institucional integrada com foco em resultados; e, fortalecer a marca (INSTRUTORIA SENAC, 2013).

As competências básicas são determinadas da seguinte forma: conhecimento e capacidade de inovação em educação profissional e tecnológica; e, capacidade de resposta às demandas em educação profissional e tecnológica (INSTRUTORIA SENAC, 2013).

O SENAC Ceará tem por Missão “Educar para o trabalho em atividades do comércio de bens, serviços e turismo”, e como Visão o “Reconhecimento do SENAC, como referência cearense em educação para o trabalho, conciliando ações mercadológicas e de promoção social” (INSTRUTORIA SENAC, 2013).

O SENAC-CE conta hoje com a seguinte divisão. São elas: Presidência; Diretoria Regional; Diretoria de Educação Profissional; Diretoria Administrativo-Financeira; Gerência

Jurídica; Gerência de Recursos Humanos; Gerência de Planejamento; Gerência de Controladoria; Gerência de Tecnologia da Informação; Gerência de Desenvolvimento e Tecnologia Educacional; Gerência de Negócios Estratégicos; Gerência de Inclusão e Tecnologia Social; Gerência do Centro de Educação Profissional - Polos Fortaleza, Crato, Juazeiro do Norte, Sobral e Iguatu; Gerência de Marketing; Gerência de Produção Editorial; Consultoria de Produtos Educacionais – Ambiente e Saúde; Consultoria de Produtos Educacionais – Gestão e Negócios; Consultoria de Produtos Educacionais – Informação e Comunicação; Consultoria de Produtos Educacionais – Produção Cultural e Design; Consultoria de Produtos Educacionais – Desenvolvimento Educacional e Social; Consultoria de Produtos Educacionais – Tecnológico e Infraestrutura; Consultoria de Produtos Educacionais; Turismo, Hospitalidade e Lazer; Consultoria Pedagógica; Consultoria Pedagógica da Editora; Coordenação da Unidade Secretaria Acadêmica; Coordenação de Bibliotecas; Coordenação da Unidade de Educação a Distância; Coordenação da Pós-Graduação; Coordenação de Consultoria; Coordenação de Contabilidade; Coordenação de Finanças; Coordenação de Infraestrutura; Coordenação de Tecnologia da Informação; Coordenação de Patrimônio; Coordenação de Compras; Coordenação de Tesouraria; Coordenação da Central de Atendimento Senac; Coordenação do banco de Oportunidades; Coordenação de Unidade Educacional; Coordenação de Polo Educacional – Fortaleza, Litoral Leste e Litoral Oeste; Supervisão Pedagógica – Fortaleza, Litoral Leste, Litoral Oeste, Crato, Iguatu, Juazeiro do Norte e Sobral (INSTRUTORIA SENAC, 2013).

O SENAC Ceará está organizado em uma estrutura circular para facilitar a interação entre os agentes citados acima.

No desenvolvimento das ações, o SENAC Ceará dispõe das seguintes modalidades que visam melhor atender às necessidades e conveniências de sua clientela: Centros de Educação Profissional (CEP): laboratórios de ensino com salas-ambientes e mobiliário próprio em que se realizam ações de educação profissional; Senac Móvel: carretas equipadas e preparadas para desenvolver ações de Turismo, Informática, Gestão e Negócios, Beleza e Saúde. São escolas sobre rodas que levam educação profissional para locais carentes deste tipo de serviço; Educação a Distância (EAD): modalidade que possibilita o estudante gerenciar a sua aprendizagem com autodisciplina, autonomia e flexibilidade. O estudante interage com orientadores que atuam no esclarecimento de dúvidas, correção de tarefas e resolução de dificuldades por telefone, carta, fax e-mail e em ambientes virtuais de aprendizagem, e também com tutores que promovem a mediação do conhecimento utilizando

ambiente virtual; SENAC Soluções Corporativas: é um programa especialmente voltado para o fortalecimento dos segmentos de atuação profissional do SENAC Ceará e empresa, visando promover o desenvolvimento do comércio cearense. A partir das necessidades das empresas, as soluções corporativas são criadas, customizadas e desenvolvidas (INSTRUTORIA SENAC, 2013).

O SENAC Ceará organiza as suas ações de educação profissional seguindo as tipologias orientadas pelo SENAC Departamento Nacional, que são as seguintes: I - Formação inicial e continuada: Aprendizagem; Qualificação; Aperfeiçoamento; Programa Socioprofissional; Programa Sociocultural; Programa Instrumental. II - Educação Profissional Técnica de Nível Médio: Qualificação Profissional Técnica; Habilitação Técnica de Nível médio; Especialização Técnica de Nível Médio. III - Educação Profissional Tecnológica de Graduação e de Pós-Graduação: Qualificação tecnológica; Graduação; Pós-Graduação; Extensão. IV - Ações extensivas à Educação Profissional – palestras, seminários, teleconferências, concursos, campanhas entre outras. V - Ações complementares – encaminhamento de egressos, pesquisas, elaboração de material didático (INSTRUTORIA, 2013).

De acordo com a proposta curricular, os cursos estão organizados em Itinerários Formativos, compreendidos como o conjunto de etapas que compõem a organização da Educação Profissional em uma determinada área, o que possibilita o aproveitamento contínuo e articulado dos estudos e se constitui na formação de uma trajetória de educação permanente que está pautada nos seguintes pressupostos: Formação contínua; Desenvolvimento de competências; Flexibilização curricular (INSTRUTORIA, 2013).

A organização se dá através de módulos, já que é uma das formas de flexibilizar e organizar um currículo centrado na aprendizagem do estudante e na ampliação de competências. Os módulos podem ser entendidos como um conjunto de conhecimentos profissionais que, estruturados pedagogicamente, respondem a uma etapa do processo de formação (INSTRUTORIA, 2013).

De acordo com a metodologia de ensino, a ação docente está focada na aprendizagem do estudante, com a finalidade de desenvolver as competências previstas no currículo. Neste sentido os procedimentos metodológicos envolvem exposições dialogadas, análise e solução de problemas, estudo de casos, elaboração de projetos, dramatização,

demonstração (operacional e experimental), dinâmicas de grupos, estudos através de pesquisas e outros que integrem teoria e prática e focalize o contexto de trabalho, de modo a mobilizar o raciocínio, estimular a percepção analítica e a contextualização de informações, o raciocínio hipotético, a solução sistemática de problemas e a construção de novos conhecimentos, visando assegurar o saber, o saber fazer e o saber ser (INSTRUTORIA, 2013).

Para os cursos de formação continuada, o estudante poderá vivenciar momentos de prática em duas dimensões, sendo uma orientada pelo docente, que une teoria e prática, e a outra supervisionada, onde o estudante demonstra com autonomia os indicadores previstos para a formação. Para os cursos técnicos, conforme a lei, os estudantes são encaminhados aos estágios supervisionados em estabelecimentos que dão suporte para vivência do que se construiu nos ambientes pedagógicos (INSTRUTORIA, 2013).

O SENAC sempre se preocupou com a formação e o aperfeiçoamento de seus profissionais, e para implementar tais ações criou a Educação Corporativa que, a cada ano, oportuniza acesso a novas ferramentas de trabalho, melhoria das competências necessárias à função, bem como oportunidades de formação acadêmica. Dentre os programas pode-se relacionar: Cidadania Corporativa; Programas Fechados; Educação Formal; Educação Aberta; Aprendizagem Corporativa (INSTRUTORIA, 2013).

Para os docentes há programas específicos. São eles: Programa de Desenvolvimento de Educadores (Prode), que engloba as seguintes atividades: Semana Pedagógica – encontro que reúne educadores do SENAC Ceará (instrutória, supervisão, consultorias de produtos educacionais e pedagógica) e marca o dia do início do ano letivo. Aborda diversos temas de origem técnica e pedagógica; Ação Docente na Educação Profissional – curso destinado a educadores recém-contratados com o objetivo de desenvolver competências didático-pedagógicas no contexto da educação profissional; Jornadas Pedagógicas – oficinas que visam preparar os educadores (instrutória e supervisão) para a construção de situações de aprendizagem dos temas transversais a serem trabalhados ao longo dos cursos; Programa de Desenvolvimento de Educadores Virtuais (Prodev), com vistas a desenvolver a Educação Flexível trabalha as seguintes ações: Cursos, aperfeiçoamentos e oficinas – destinados à instrutória e à supervisão os quais pretendem desenvolver atividades como tutores ou de acompanhamento de cursos à distância. Como exemplo o de tutoria online; Comunidades – visam à criação de redes de conhecimento utilizando o ambiente

virtual de aprendizagem para troca de experiências, orientações, estudos, documentos e comunicação entre os educadores do SENAC Ceará. Estão em atividade, desde 2009, as comunidades dos consultores de produtos educacionais e pedagógicos e de supervisores, bem como a comunidade dos instrutores (INSTRUTORIA, 2013).

Estes programas contribuem para o aprimoramento do “fazer pedagógico” institucional, o senso crítico e os conhecimentos científicos e tecnológicos da equipe técnico-pedagógica do SENAC (INSTRUTORIA, 2013).

Ao longo dos últimos 68 (sessenta e oito) anos de atuação no Estado do Ceará, e, 70 (setenta) anos de atuação em todo o Brasil, o SENAC se consolidou como um dos mais ativos polos da educação profissional cearense. Esteve, neste sentido, sempre à frente de seu tempo, disseminando o conhecimento ao se antecipar às transformações sociais. Sintomático foi seu pioneirismo na difusão dos conhecimentos de informática, ainda nos anos 1980, quando o computador fazia parte do imaginário da ficção científica (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

Da mesma maneira, iniciou de forma continuada a formação dos primeiros profissionais em hotelaria e turismo no Ceará, quando o Estado ainda não tinha descoberto todas as suas potencialidades no setor. É necessário que se ressalte o compromisso do SENAC na escolha dos melhores profissionais de cada área. Dessa maneira, sempre pôde contar com um corpo intelectualmente qualificado, capaz de entender as transformações e preparar o futuro profissional para os desafios do tempo (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

O SENAC Ceará caminha no sentido de prover a sociedade de bons profissionais comprometidos com as questões éticas do mundo do trabalho e responsáveis por suas ações. Não há ferramenta de transformação humana e social mais poderosa que a educação. Só por meio dela é que poderemos ultrapassar o secular subdesenvolvimento que ainda – infelizmente – nos atinge. Não há compromisso maior que o da transformação da nossa sociedade, da melhoria das condições de vida de cada um por meio da prosperidade que a educação garante (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

No Ceará, a participação cada vez mais intensa nos mais vários espaços de discussão de nossa comunidade tem sido a tônica da ação SENAC. Esta inserção garante o papel de interventor ativo, respaldado pela extensa lista de serviços que o SENAC, já prestou



ao estado. A lista de eventos, as ações desenvolvidas pela Instituição, o alcance de suas ações, a inclusão social, a interiorização dos serviços, o acesso a bibliotecas e atualização pedagógica e tecnológica é imensa. São incontáveis as atividades desenvolvidas e tão abrangentes que dão conta de várias áreas do ensino comercial de bens, serviços e turismo (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

O SENAC Ceará vem ajudando a promover uma série de eventos relacionados às mais diversas atividades, dentre as quais há um destaque para o turismo. Todos os grandes eventos do setor no Ceará têm a participação, direta ou indireta, do SENAC e alguns já se tornaram referência no calendário da cidade, como o Tecn-Hotel ou o Fórum Estadual da Atividade Turística (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

As ações de integração social e de geração de renda sempre estiveram em pauta no Senac, proporcionando a formação de mão de obra qualificada para o empreendedorismo, um dos fundamentos mais sólidos da nossa economia. No campo da ação social é realizada a promoção humana sem qualquer traço de assistencialismo. Os projetos relativos ao primeiro emprego, à popularização dos cursos de informática, a garantia do acesso à educação ao deficiente físico, às ações de conscientização ambiental, à promoção da saúde, etc. são mostras da capacidade realizadora e multiplicadora que o SENAC Ceará vem promovendo nos últimos anos (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

A interiorização das ações do SENAC promove a democratização ao acesso à educação profissional. Desde seu primeiro ano de existência no Ceará, em 1948, os núcleos do interior sempre gozaram de destaque consolidando, cada vez mais, a interiorização. A oferta de serviços em vários municípios cearenses e a melhoria da infraestrutura educacional, verificada nas sedes de Juazeiro do Norte, Crato, Iguatu, Sobral, Limoeiro do Norte, Quixadá, Cedro, Itapipoca, Aquiraz e Maranguape e nas carretas que compõem o Projeto Senac Móvel, são provas disso (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

A interiorização não é apenas uma questão física. Naturalmente que a infraestrutura de prédios, equipamentos e profissionais é importante, mas é necessário algo mais: é preciso conhecer e entender o lugar, identificando-se com sua cultura e incorporando a “alma” local. O respeito do SENAC pela cultura sertaneja gerou uma nova cena em todo o Ceará: a do resgate das tradições. A cultura passa a ser, assim, um instrumento de valorização

do indivíduo e da comunidade, gerando reconhecimento e divisas para o turismo cultural (SISTEMA FÉCOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

Frente aos desafios que hoje se colocam para o Sistema S, a necessidade de inovar as formas de gestão das instituições que compõem o referido Sistema tem se tornado imperativo. No caso do SENAC Ceará, a adoção de modernas ferramentas de gestão, como o planejamento estratégico, reflete uma nova visão da presidência e da diretoria da instituição que busca articular e garantir condições capazes de assegurar a sustentabilidade e a efetividade da ação institucional (SISTEMA FÉCOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

Nesta perspectiva, o SENAC Ceará tem articulado o fazer institucional de acordo com os seguintes objetivos definidos no seu planejamento estratégico: realizar a gestão do portfólio de programações; promover ações de inclusão social; orientar a gestão para resultados; e, fortalecer a imagem institucional (SISTEMA FÉCOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

Partindo do pressuposto que existe uma relação indissociável da educação profissional com o mundo do trabalho, os currículos dos cursos de capacitação do SENAC Ceará se organizam em módulos de forma a articular os saberes técnico-científicos, sociais e específicos do trabalho (SISTEMA FÉCOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

A modularização facilita a flexibilidade curricular e permite aos alunos construir itinerários diversificados segundo seus interesses e possibilidades, não só para fases circunscritas de formação como também com vistas à educação continuada, simultânea ou alternadamente a fases do exercício profissional (SISTEMA FÉCOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

A organização da educação profissional, nesta perspectiva, reflete e incorpora a dinâmica do mundo do trabalho em diversas articulações, que vão desde a oferta focada em demandas apontadas em pesquisa sobre as necessidades de mão de obra qualificada até a introdução, no âmbito dos currículos, das inovações acontecidas nos processos produtivos, as atuais formas de gestão e a incorporação de novos conhecimentos e tecnologias (SISTEMA FÉCOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

Em sintonia com essa dinâmica do mundo do trabalho, os cursos do SENAC Ceará são organizados salientando o desenvolvimento de competências. Todos são planejados com foco em competências gerais e específicas, relacionadas às áreas de formação e aos perfis profissionais de conclusão, incluindo temas que contribuem para o exercício da ética e da

cidadania. A estrutura curricular é feita de forma que privilegia a articulação entre teoria e prática, por meio de estratégias pedagógicas que buscam assegurar o saber, o saber fazer e o saber ser (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

Com uma política pedagógica de qualidade e à frente do seu tempo e dispondo do que há de mais moderno em tecnologia e infraestrutura para oferecer a excelência da educação profissional, o SENAC contribui para a projeção e desenvolvimento das pessoas e organizações nas áreas de Comunicação, Artes e Design; Comércio e Gestão; Conservação e Zeladoria; Imagem Pessoal e Moda; Gastronomia; Turismo, Hotelaria e Meio Ambiente; Idiomas; Saúde; Informática e Telecomunicações; Segurança Alimentar; Desenvolvimento Social e Tecnologia Educacional, em níveis de formação inicial e continuada de trabalhadores, educação profissional técnica de nível médio e educação tecnológica de nível superior (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

Resulta da definição de Itinerários Formativos um processo de revitalização da oferta de cursos do SENAC Ceará, a qual se concretiza por meio da focalização de novas tendências e nichos de mercado, com a oferta de cursos e ações que posicionam a instituição na vanguarda da educação profissional em suas diversas áreas de atuação (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

Todas as áreas agora contam com uma nova programação de cursos visando fortalecer o mercado de trabalho do Estado, ministrados por profissionais expoentes, locais e nacionais, com o intuito de garantir a formação profissional necessária para atender a demanda existente e prospectar novas tendências do mercado de trabalho cearense. Como um diferencial SENAC, o eixo condutor das ações educacionais é a formação humana com base no fomento da cidadania, da ética, da inovação e da sustentabilidade ambiental e econômica (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

É assim, dinâmico e integrado, que age o SENAC Ceará. Defender valores cria as condições de um futuro melhor. Trabalhando ao lado da sociedade e participando de seu cotidiano, acredita que o desenvolvimento deve estar centrado na promoção humana e na construção da prosperidade para todos (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

## 2.2 – Dos participantes da pesquisa

A pesquisa se deu em uma turma do curso de “Desenho de Moda no Corel Draw X5”, que contava em suas fileiras com um total de 18 (dezoito) alunos, sendo 03 (três) alunos do sexo masculino e 15 (quinze) do sexo feminino.

No primeiro contato com os alunos e com o instrutor da turma, foi informado o teor do estudo, bem como a possibilidade dos pesquisados (estudantes) optarem em aceitar ou não de participarem do estudo.

Após essa conversa preliminar, foi aberto diálogo para esclarecer as principais dúvidas existentes, e em seguida, os alunos ficaram à vontade, sem a presença do pesquisador para decidirem que decisão tomar. Após um período de 30 (trinta) minutos a pesquisadora voltou à sala de aula e recolheu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2), verificando dessa forma quais foram os sujeitos que resolveram participar da pesquisa.

Informamos que apesar de nem todos os alunos participarem da pesquisa não houve nenhuma divisão em sala de aula, já que os próprios discentes que resolveram participar do estudo correspondem a mais da metade dos estudantes. Não tendo em nenhum momento prejuízo para a pesquisa, onde apenas foram focados os alunos participantes.

Num primeiro momento foi acordado com o professor/instrutor do curso de moda uma separação dos sujeitos pesquisados dos alunos que não estavam dispostos a participarem do estudo em questão.

Entretanto, ao fim do primeiro dia de observação o professor/instrutor achou melhor não criar esse clima de “apartheid”<sup>7</sup> na sala de aula, já que isso poderia provocar um clima de muita hostilidade, sendo muito prejudicial para o bom desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. O que eu concordei plenamente.

Para contornar tal situação tanto o professor/instrutor quanto a pesquisadora resolveram consultar os alunos para resolver a situação de maneira muito democrática e que pudesse ser resolvida pela comunidade dos estudantes do Curso de Moda. Os mesmos decidiram que todos ficariam juntos na mesma sala. Porém, os alunos seriam apenas separados de cada lado da sala para facilitar a observação dos participantes (APÊNDICE 4).

---

<sup>7</sup> Grifo nosso.

Indicamos também que mesmo tendo essa divisão em sala, em nenhum momento os participantes da pesquisa receberiam apoio e/ou sofreriam retaliação por parte daqueles que resolveram não participar. Isso fez com que fosse percebido certa maturidade da turma para resolver determinadas questões a que foram expostos em um primeiro momento como uma “divisão da turma”<sup>8</sup>.

Faz-se preciso explicar que mesmo tendo apenas alguns poucos discentes não dispostos a colaborar com a pesquisa, foi realizada dentro da sala de aula uma observação participante, que consta no Diário de Bordo (APÊNDICE 4), sendo levado em consideração apenas os sujeitos pesquisados.

Dos 18 (dezoito) alunos do Curso de Moda, a pesquisa contou com um grupo de 11 (onze) sujeitos sendo 01 (um) do sexo masculino e 10 (dez) do sexo feminino. As questões foram respondidas de forma muito colaborativa. Não tendo em nenhum momento qualquer tipo de constrangimento e/ou entrave.

Para descrever os alunos participantes da pesquisa consideramos variáveis como: sexo, idade, nível educacional e uso das novas tecnologias no curso de moda.

Os alunos foram identificados através de uma letra do alfabeto, dando assim um caráter sigiloso na identificação dos mesmos.

Para um melhor entendimento dos indivíduos pesquisados, elaboramos um quadro para uma melhor visualização dos estudantes pesquisados. Segue o mesmo:

---

<sup>8</sup> Grifo nosso.

### **QUADRO III – DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES**

IDENTIFICAÇÃO	IDADE	SEXO	NÍVEL EDUCACIONAL	UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS	NECESSIDADE DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO CURSO DE MODA
A	31ANOS	F	SUPERIOR INCOMPLETO	SIM	SIM
B	23 ANOS	F	SUPERIOR INCOMPLETO	SIM	SIM
C	49 ANOS	M	SUPERIOR INCOMPLETO	SIM	SIM
D	51 ANOS	F	SUPERIOR COMPLETO	SIM	SIM
E	21 ANOS	F	SUPERIOR INCOMPLETO	SIM	SIM
F	30 ANOS	F	PÓS GRADUADO	ÀS VEZES	SIM
G	23 ANOS	F	SUPERIOR INCOMPLETO	SIM	SIM
H	23 ANOS	F	TECNOLOGA EM DESIGN DE MODA	SIM	SIM
I	28 ANOS	F	TECNOLOGO(A) EM DESIGN DE MODA	SIM	SIM
J	42 ANOS	F	SUPERIOR INCOMPLETO	ÀS VEZES	SIM
K	32 ANOS	F	SUPERIOR COMPLETO	ÀS VEZES	SIM

Fonte: Dados da Pesquisadora 2015

### **2.3 – Do procedimento da coleta de dados**

A coleta de dados da pesquisa se deu no horário em que os estudantes estavam no seu local de estudo. Mais precisamente na sala de aula em que o uso do computador como ferramenta é essencial para o aprendizado do aluno.

O período da coleta de dados estava planejado para começar dia 06 de junho de 2015, e, finalizar no dia 08 de agosto do mesmo ano. Entretanto, o curso se estendeu até o dia 22 de agosto de 2015, devido ao registro de duas faltas do professor/instrutor por motivo de saúde, tendo o mesmo recuperado posteriormente, por isso o prolongamento do curso.

O curso teve início no dia previsto, ou seja, no sábado dia 06 de junho de 2016, com duração de 04 horas, tendo começado no horário de 08h às 12h. Informamos ainda que o curso teve a duração de 32 horas aulas. O curso em questão se deu aos sábados.

Os questionários (APÊNDICE 3) foram respondidas através do uso de perguntas, no qual o próprio aluno recebeu e teve a oportunidade de responder o mesmo de acordo com suas possibilidades e tempo. Foi repassado após a entrega do questionário, que os discentes deveriam respondê-lo dentro da própria sala de aula. Entretanto, alguns dos cursistas resolveram levar o próprio formulário para responder em casa com mais calma e precisão, conforme explicação dos mesmos e que consta no diário de bordo (APÊNDICE 4).

Informamos que viabilizamos a possibilidade das perguntas serem respondidas em casa e que todos foram sumariamente devolvidos.

## **2.4 – Da análise dos dados e teorização do Diário de Bordo**

Para efetuar a análise dos dados procurou-se através das transcrições dos questionários analisar e classificar as falas dos alunos pesquisados de acordo com as categorias explicitadas acima. Algumas falas, pelo conteúdo, se enquadram em mais de uma categoria.

Os resultados obtidos com esses procedimentos serão apresentados a seguir, obedecendo à sequência das categorias descritas acima.

A seguir serão analisados trechos das falas dos alunos do Curso de Moda Corel Draw selecionados e agrupados de acordo com as categorias apresentadas anteriormente e explicitadas de forma direta e indireta conforme o que foi respondido pelos participantes e pela observação realizada pela pesquisadora através do Diário de Bordo (APÊNDICE 4).

Todos os questionários que foram respondidas pelos participantes tiveram como base um questionário pré-estabelecido (APÊNDICE 3), na qual os indivíduos deixaram bem claro seu posicionamento quanto às perguntas feitas e também levou-se em consideração o que foi colhido ao longo de todo o processo de observação e que está contido no Diário de Bordo (APÊNDICE 4).

Indicamos que todos os questionários foram lidos diversas vezes para que se pudesse trabalhar com os dados coletados, para que fosse possível identificar as falas que apontavam a relação entre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no Curso de Moda Corel Draw, falas que apontavam a relação dos estudantes pesquisados com o curso em questão, bem como a instituição Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

(SENAC-CE). Para que isso ocorresse, foi necessário estabelecer categorias que serviriam como guia na seleção das falas entre outras.

Desse modo, foi possível delinear, a partir dos questionários respondidos pelos os alunos participantes, um total de 06 (seis) categorias com subdivisão nas falas 01 (um) e 02 (dois). As categorias elaboradas foram as seguintes:

1. Falas que **indicam o interesse pelo Curso de Moda Corel Draw;**
  - 1.1. Maneira como chegou até o Curso de Moda;
2. Falas que **explicitam a utilização das novas tecnologias no Curso de Moda;**
  - 2.1. Necessidade das novas tecnologias no Curso de Moda;
3. Falas que **compreendem a aprendizagem no Curso de Moda;**
4. Falas que **avaliam a prática pedagógica do professor/instrutor;**
5. Falas que **revelam a própria aprendizagem;**
6. Falas que **indicam a escolha da instituição SENAC.**

#### **2.4.1 – Da análise dos dados**

Abaixo foram analisados trechos das falas dos estudantes que participaram de forma voluntária e que foram agrupados de acordo com as categorias apresentadas anteriormente e explicitadas de forma direta e indireta conforme as respostas dadas pelos mesmos.

A categoria 1 (falas que indicam o interesse pelo Curso de Moda Corel Draw), foi umas das categorias que apresentou um grande número de frequência de falas, isso só foi possível devido à criação de uma subcategoria, visando uma melhor classificação das **falas**.

É de conhecimento de todos que o uso de tecnologias é comum em todas as áreas do conhecimento, dessa maneira também se faz presente nas falas dos indivíduos pesquisados (CATEGORIA 2), bem como associar essas falas a uma subcategoria em relação ao uso dessas tecnologias no mundo da moda.

Entendemos também, que o processo de aprendizagem além do uso das novas ferramentas tecnológicas, se dá através da compreensão de como essa aprendizagem se desenvolve dentro do curso de moda (CATEGORIA 3).



É importante frisar que a prática do professor/instrutor (CATEGORIA 4) é de vital importância para que a aprendizagem do aluno se dê de forma efetiva (CATEGORIA 5), bem como a instituição que os discentes escolhem para cursarem (CATEGORIA 6).

A análise das falas agrupadas, em cada categoria identificada, será apresentada a seguir. Para um melhor entendimento, as falas serão transcritas de acordo como foram colhidas. Segue abaixo análise das mesmas. São elas:

### 1. Falas que indicam o interesse pelo Curso de Moda Corel Draw

Entendemos que os cursos realizados nas áreas de Moda ganham cada vez mais espaços no mundo, bem como uma valorização maior por parte do profissional que busca essa qualificação.

Ressaltamos que a questão do interesse está ligada a motivação do indivíduo, além de ser um ponto estratégico para o mercado de trabalho, já que com o advento da globalização que toma conta de todo planeta e é um caminho sem volta, percebe-se uma mudança no sistema de produção, pois o mercado exige profissionais mais qualificados, mais ágeis, ao mesmo tempo em que eles sejam também criativos.

Segundo Casarotto, Pires (2002, p. 18),

O resultado é que a globalização veio para ficar, e com ela o nivelamento por baixo em termos de salário e assistência social governamental, como regra para diminuir custos de mão-de-obra e impostos, em prol do aumento da competitividade de cada país.

Dialogando com a citação acima, fica bastante claro que a busca pela aprendizagem e pelo conhecimento é o grande divisor dessa globalização. Em virtude disso, foi possível identificar esse diferencial nas falas dos entrevistados participantes A, B, E, G e I que enfatizaram o seu interesse para o mercado de trabalho, ou seja, a participação no Curso de Moda desses indivíduos se dá em relação de sobrevivência nesses tempos cruciais de crise econômica pela qual passa o país.

Uma das falas que reflete bem isso é a do entrevistado A, que afirma: **“Tenho interesse, pois quero entrar no mercado de trabalho que exige experiência no Corel e Photoshop”**.

Outra fala também que aponta na mesma direção é a do entrevistado G, que indica **“Me especializar para o mercado de trabalho”**.

Diante disso, temos o entrevistado C, no qual aborda na sua fala a seguinte informação: **“Estou pensando seriamente em empreender, esse curso será indispensável para a continuidade de meus projetos”**.

De acordo com a fala do entrevistado acima, é possível verificar que o mesmo busca um conhecimento, uma aprendizagem mais significativa dentro do seu contexto enquanto aluno, mas, também, como um ser empreendedor.

Entendemos que o participante entrevistado C se sente altamente motivado. Porém, suas ações ultrapassam a motivação, elas têm um caráter de auto realização. Nesse sentido, Not APUD Moraes e Varela (2007, p. 3), assevera que “toda atividade requer um dinamismo, uma dinâmica, que se define por dois conceitos: o de energia e de direção”.

Essa forma de perceber que é através da construção do conhecimento que é possível um futuro num mundo altamente competitivo, na qual a busca pela aprendizagem deve ser uma constante, haja vista que é necessário um sujeito mais ativo, que tenha como objetivo uma visão de futuro, mas que ao mesmo tempo possa estar em sintonia com as mudanças que ocorrem o tempo todo nos mais diversos rincões do planeta.

Ressaltamos ainda que as falas dos entrevistados D, F, H, J e K, também chamaram atenção por indicarem que o interesse dos mesmos estava atrelado em participar do Curso de Moda no sentido de melhorar suas técnicas. D afirma que: **“Melhorar as técnicas de desenho e melhorar com o manuseio das ferramentas no Corel Draw”**.

Outro entrevistado que teve sua fala indicada é H, onde informa que seu interesse é **“Aperfeiçoamento dos métodos de criação”**.

O entrevistado K afirma que seu intuito é o de **“Adquirir novos conhecimentos, que possam ser úteis no meu desempenho como designer de moda”**.

Após analisar as falas acima, ficou muito claro que o interesse dos participantes está voltado ou para o mercado de trabalho, ou para se aprofundar em novos conhecimentos, ou ainda, num processo de construir o conhecimento através de uma aprendizagem que seja de grande valia para o mercado de trabalho, bem como conhecimento (entrevistado C).

Neste sentido a teoria construcionista de Seymour Papert aponta que o uso das novas tecnologias vem a alavancar nosso conhecimento, bem como favorecer um aprofundamento da própria aprendizagem.

### 1.1. Maneira como chegou até o Curso

Foi feita a seguinte pergunta para todos os participantes da pesquisa: “Como você chegou ao Curso desenho de Moda com o Corel Draw no SENAC?”.

As respostas dadas pelos entrevistados foram as seguintes:

Entrevistado A: **“O Senac já é conhecido como referência em cursos profissionalizantes. E os de moda são muito bons”.**

Entrevistado B: **“Através da internet”.**

Entrevistado C: **“Através da internet”.**

Entrevistado D: **“Através do próprio Senac e porque tinha muito interesse nesse curso pelo Senac”.**

Entrevistado E: **“Por indicação, pois faço moda”.**

Entrevistado F: **“Através da internet”.**

Entrevistado G: **“Pesquisando na internet”.**

Entrevistado H: **“Soube através da internet”.**

Entrevistado I: **“Por meio da internet”.**

Entrevistado J: **“Através de uma colega da faculdade”.**

Entrevistado K: **“Através da divulgação feita por amigos da área de moda”.**

De acordo com as respostas colhidas, é possível identificar que a maior fonte de informação é o uso recorrente da internet como fonte de procura por cursos, oportunidades entre outros, já que é a maneira mais fácil de conseguir informações rápidas sobre o que se deseja, ou seja, dos 11 (onze) alunos investigados 06 (seis) tomaram conhecimento por meio da internet.

Ressalte-se ainda que a instituição SENAC/CE é uma organização que possui muito valor dentro dos meios profissionalizantes, sendo considerada de referência não apenas para os alunos que conhecem a mesma, mas também pelos alunos oriundos de outras instituições. Isso fica claro nas falas apontadas pelos entrevistados E, J e K.

## 2. Falas que **explicitam a utilização das novas tecnologias no Curso de Moda**

A utilização das novas tecnologias não é de hoje, muito pelo contrário. Ela se faz presente já há bastante tempo. Porém, nas últimas duas décadas o avanço das TIC deu um grande salto, haja vista que a massificação das novas tecnologias, se tornou praticamente em algo comum a todos. Entretanto, vale a pena frisar que ainda existem muitos sujeitos que não usam dessas tecnologias. Mas, o uso das mesmas se dá de um modo nunca antes visto.

Vivemos em um mundo onde as novas tecnologias nos espaços educacionais nem sempre são vistas de forma a facilitar o processo de aprendizagem. Isso vai depender da sensibilidade não apenas do professor, mas também, de gestores que entendam a valorização na busca de construir o conhecimento. O que vale é o aprender e não o resultado pronto e acabado (MORAN, 2016).

Foi realizada a seguinte pergunta para os participantes:

Entrevistadora: Você sabe utilizar as novas tecnologias no seu curso de moda?

Entrevistado A: “**Sim**”.

Entrevistado B: “**Sim**”.

Entrevistado C: “**Sim**”.

Entrevistado D: “**Sim**”.

Entrevistado E: “**Sim**”.

Entrevistado F: “**Às vezes**”.

Entrevistado G: “**Sim**”.

Entrevistado H: “**Sim**”.

Entrevistado I: “**Sim**”.

Entrevistado J: “Às vezes”.

Entrevistado K: “Às vezes”.

Diante do exposto acima, verifica-se que para os entrevistados A, B, C, D, E, G, H e I, sabem como utilizar as novas tecnologias no Curso de Moda. Dialogando com Dolabela (2003), o autor afirma que ao propagar o conhecimento das novas tecnologias favorecemos tanto o ensino quanto a aprendizagem não apenas na educação, mas em todas as áreas do conhecimento humano, ampliando as mais diversas possibilidades para que os indivíduos possam promover uma aprendizagem que seja plenamente significativa para todos.

Correia (2011, p. 77) indica que:

A escola é o lugar onde a intervenção pedagógica intencional desencadeia o processo ensino-aprendizagem. O professor tem o papel explícito de interferir no processo, diferentemente de situações informais nas quais a criança aprende por imersão num ambiente cultural. Portanto, é o papel do docente provocar avanços nos alunos e isso torna-se possível com a sua interferência na zona proximal.

Entretanto, 03 (três) pesquisados (entrevistados F, J e K) relataram que às vezes sabem como utilizar as novas tecnologias.

Para que todos saibam como utilizar as novas tecnologias no Curso de Moda, se faz necessário uma aprendizagem reflexiva, que leve o discente a ser um indivíduo que questione o mundo que se descortina à sua frente. Que ele possa se utilizar de uma aprendizagem mais ativa e que seja possível a busca por respostas.

[...] é preciso substituir os processos de ensino que priorizam a exposição, que levam a um receber passivo do conteúdo, através de processos que não estimulem os alunos à participação. É preciso que eles deixem de ver a “ciência” como um produto acabado, cuja transmissão de conteúdos é vista como um conjunto estático de conhecimentos e técnicas (D’AMBRÓSIO, 2000, p. 11-12).

Entendemos que as práticas educacionais tradicionais não mais satisfazem ao processo de aprendizagem, já que o mundo no qual habitamos muda em uma velocidade impressionante, onde a rapidez e o conhecimento são uma constante desses nem tão novos tempos.

A escola juntamente com o professor deve buscar trabalhar com as novas tecnologias um meio de promover uma interação entre os alunos e a modernidade que está

sempre em evolução. Possibilitando assim uma aprendizagem onde o professor deve ser visto como um colaborador que apresenta a ferramenta ao aluno e o ajuda a construir o conhecimento do estudante, transformando assim a sua aprendizagem utilizando para isso a teoria construcionista.

Diante desse contexto Papert afirma que:

O construcionismo também possui a conotação de “conjunto de peças para a construção”, iniciando com conjuntos no sentido literal, como o *Lego*, e ampliando-se para incluir linguagens da programação consideradas como “conjuntos” a partir dos quais programas podem ser feitos, até cozinhas como “conjunto” com os quais são construídas não apenas tortas, mas receitas e formas de matemática-em-uso. Um dos meus princípios matemáticos centrais é que a construção que ocorre “na cabeça” ocorre com frequência de modo especialmente prazeroso quando é apoiada por um tipo de construção mais pública, “no mundo” – um castelo de areia ou uma torta, uma casa *Lego* ou uma empresa, um programa de computador, um poema ou teoria do universo (2008, p. 137).

Podemos favorecer imensamente o aprendiz, no sentido de valorizar sua interação com os pares, ao mesmo tempo motivá-lo a buscar seu próprio conhecimento, explorando o mundo que o cerca, refletindo sobre as suas ações, descobrir caminhos diferentes dos atuais, procurando assim colaborar efetivamente para uma aprendizagem compartilhada entre professor e aluno, aluno e aluno, aluno e família, e entre aluno e sociedade.

## 2.1. Necessidade das novas tecnologias no Curso de Moda

Vivemos em uma sociedade onde a máxima é aprender cada vez mais. Nesse sentido, surge a necessidade de aperfeiçoamento, repensar as práticas educacionais existentes, bem como integrar tecnologia com a aprendizagem.

D’Ambrósio (2002, p. 81), assevera que:

A capacidade de explicar, de aprender e compreender, de enfrentar, criticamente, situações novas, constitui a aprendizagem por excelência. Aprender não é a simples aquisição de técnicas e habilidades e nem memorização de algumas explicações e teorias.

As práticas educacionais utilizadas no Curso de Moda devem se utilizar das novas tecnologias para que seja possível a facilitação da aprendizagem por parte do aluno, bem como estimular uma melhor abordagem da prática do docente.

Todos os entrevistados (de A a K), informaram acreditar que as novas tecnologias são necessárias no Curso de Moda. Algumas respostas chamam mais atenção que outras. Abaixo transcrevemos aquelas que se aproximam mais do entendimento geral sobre o assunto. Segue abaixo essas falas. São elas:

Entrevistadora: Você acredita que as novas tecnologias são necessárias no Curso de Moda?

**Entrevistado A**

Resposta: **“Sim”**.

Entrevistadora: Porquê?

Resposta: **“Totalmente, pois a tecnologia facilita e beneficia o estilista na criação do produto”**.

**Entrevistado C**

Resposta: **“As mudanças de mercado está acontecendo a mil por hora, temos que estar sempre nos reciclando para não ficarmos fora do mercado”**.

**Entrevistado D**

Resposta: **“Hoje tudo gira em torno das novas tecnologias e o Curso de Moda não pode ficar de fora, visto que precisa acompanhar as mudanças [...] hoje é tudo muito rápido [...] tecnologia ajuda”**.

**Entrevistado F**

Resposta: **“Pois facilita a comunicação entre os alunos, compartilhando informações, solucionando dúvidas e problemas”**.

**Entrevistado H**

Resposta: **“Quando não se moldamos aos avanços da tecnologia, seja em qual área for, ficamos presos a um mundo ultrapassado e o mercado não perdoa”**.

Analisando as respostas acima, percebe-se claramente que o uso das novas tecnologias está atrelado a duas características, que são: primeiro ao acompanhamento das mudanças e em segundo, a exigência do mercado de trabalho.

Para Brasil/Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 351),

A rápida transformação na produção de bens e serviços acabam por causar efeitos jamais imaginados. Novas tecnologias e formas de gerenciamento na produção promovem o aumento da produtividade que elimina, com a automação, postos de trabalho, gerando chamado desemprego tecnológico.

As divisões de trabalho se alteram, surgem novos campos de trabalho, grandes contingentes de trabalhadores industriais são expulsos para o setor terciário da economia ou para o chamado “setor informal”, ou, ainda, são totalmente excluídos do mercado de trabalho, criando desemprego conjuntural e o da exclusão<sup>9</sup>.

Vale ressaltar que a busca por conhecimento deve ser uma constante, pois o grande desafio é proporcionar sujeitos melhores preparados para realizarem atividades educacionais e profissionais que valorizem a construção do próprio conhecimento, tendo como base o norteamento para o bom uso das novas tecnologias.

### **3. Falas que compreendem a aprendizagem no Curso de Moda**

Compreender a própria aprendizagem é algo muito particular, haja vista que envolve muitas características complexas, como por exemplo, motivação, objetivo, mercado de trabalho entre outras.

De acordo com Souza Júnior (2015, p. 9),

As novas tecnologias são uma constante em qualquer categoria educacional. Com o uso das mesmas, o processo de ensino e de aprendizagem se tornou muito mais dinâmico, o conhecimento passou a ser construído pelo aluno de forma mais participativa, passando a ser um sujeito mais ativo, que busca incessantemente descobrir novas possibilidades, novos saberes.

Com a globalização se tornando cada vez mais presente é preciso que tenhamos alunos que possam perceber e compreender melhor o processo de aprendizagem; saber de que forma entendem o processo que assola esse mundo tecnológico, bem como o uso das novas tecnologias pode favorecer o processo de aprendizagem dos mesmos.

---

<sup>9</sup> Segundo o Dieese citado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o desemprego conjuntural é aquele que resulta das políticas econômicas adotadas, que privilegiam alguns setores em detrimento de outros; o desemprego tecnológico é resultado dos processos de introdução de novas tecnologias e de técnicas organizacionais que provocam novas percepções do que seria a racionalidade desejável dentro do processo produtivo; o desemprego de exclusão é definido como resultante de desqualificação para o trabalho nos núcleos mais dinâmicos da economia.



É possível perceber que as falas dos discentes entrevistados possuem em sua essência muita similaridade. Entretanto, algumas das mesmas diferem entre si. Abaixo estão transcritas as falas que mais se destacaram por suas respostas. Foi feita a seguinte pergunta:

Entrevistadora: Como você compreende a sua aprendizagem dentro do Curso de Moda com o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)?

#### **Entrevistado A**

Resposta: **“Eu acredito que quem não acompanhar a tecnologia vai acabar ficando para trás. Então é indispensável se atualizar”.**

#### **Entrevistado B**

Resposta: **“Estou aprendendo muito com essas tecnologias porque o mercado está cada vez mais priorizando esse tipo de trabalho”.**

#### **Entrevistado C**

Resposta: **“Muito proveitosa. Está sendo de suma importância. Todo conhecimento adquirido é o berço de seu futuro, sua vida no futuro é o que você fez ou aprendeu no passado”.**

#### **Entrevistado F**

Resposta: **“A tecnologia me proporciona acesso a todo tipo de informação, em qualquer hora e lugar”.**

#### **Entrevistado G**

Resposta: **“O TIC é fundamental para o Curso de Moda, pois o curso lida diretamente com a sociedade, cultura e a tecnologia faz parte diretamente da sociedade”.**

Analisando as falas acima, podemos verificar claramente que os entrevistados A e B possuem praticamente a mesma visão de que a compreensão da aprendizagem se faz presente através do uso da tecnologia. Visão essa comum ao propalado por Papert (1986) ao indicar que o uso do computador como ferramenta utilizável pode favorecer uma melhor compreensão da aprendizagem.

O entrevistado C compreende sua aprendizagem como algo feito no passado e que ele carrega consigo para o futuro. Entendemos que para usufruir bem de algo futuro é preciso alicerçar bem o passado.

Para os pesquisados F e G, a compreensão da aprendizagem está presente “**em qualquer hora e lugar**” (Entrevistado F) e “**TIC é fundamental para o Curso de Moda**” (Entrevistado G). As afirmações dos mesmos demonstram o que bem postula Papert (2008) que é uma transformação bastante profunda e que atinge a toda a sociedade e em todas as áreas. É possível compreender a aprendizagem a qualquer momento, inclusive fora dos muros acadêmicos (SOUZA JÚNIOR, 2015).

#### 4. Falas que avaliam a prática pedagógica do professor/instrutor

Informamos que no Plano de Cargos e Carreiras do SENAC/CE, está denominado o cargo de instrutor para o docente. Lembramos aqui, que a palavra instrutor é apenas meramente usada como atribuição ao exercício da profissão de professor dentro da instituição.

Toda instituição educacional desenvolve uma proposta educativa, mesmo não sendo muito explícita para o alunado; sem ter muita consciência ou quem sabe, sem muita consistência sobre a própria proposta pedagógica, o que dificulta a realização e a exploração do trabalho coletivo da equipe que trabalha em toda organização, uma vez que esta depende diretamente da clareza e do objetivo que todos os envolvidos devem ter em relação aos princípios e metas que orientam suas ações.

É de suma importância que cada instituição concretize sua proposta pedagógica educativa num projeto que sirva como norteador de um trabalho sério, eficiente e respeitoso com todos os seus educandos.

É dentro deste contexto que aparece o papel do professor e/ou instrutor como destaque fundamental que dará suporte de importante contribuição para uma melhor qualificação do discente. Ou seja, o aluno deve avaliar a prática pedagógica do seu docente de forma muito clara e concisa, evitando classificá-lo de forma aleatória.

A avaliação, para nós, assume outra função, que não a tradicional medição e constatação de aprendizagem realizada pelo docente. Ela serve como indicador para orientar a prática educacional, para mostrar aos professores e alunos quando é preciso realizar ajustes no processo educativo, dando elementos para fazerem e refazerem o seu plano de trabalho,

determinando os conteúdos e o nível de aprofundamento de cada unidade. Desta forma, a avaliação não pode ser realizada apenas em momentos específicos ou no final do semestre letivo; ela precisa ocorrer ao longo de todo o período de trabalho acadêmico.

Algumas falas são bem elucidativas quanto a avaliação do professor e/ou instrutor. São elas:

#### **Entrevistado A**

Entrevistadora: De que forma você avalia a prática pedagógica do professor dentro do Curso desenho de Moda com o Corel Draw no SENAC para a construção de sua aprendizagem?

Resposta: **“Professor é uma ótima pessoa, mas no início ele demonstrou não ter paciência, fazendo com que as pessoas ficassem com medo de tirar suas dúvidas. Mas depois ele melhorou”.**

#### **Entrevistado F**

Resposta: **“Durante o curso pude desenvolver meu aprendizado no Corel, hoje sou capaz de realizar diversas tarefas. Porém, na minha opinião, o professor precisa trabalhar a relação aluno/instrutor, tendo mais calma e disponibilidade”.**

#### **Entrevistado G**

Resposta: **“Para mim é bom, pois está sempre disponível para ensinar coisas novas”.**

#### **Entrevistado J**

Resposta: **“Muito boa, só precisa ser menos agitado (risos). Mas aprendi a mexer nas ferramentas do programa e agora sei desenhar no Corel. Quanto ao aperfeiçoamento do desenho, vai depender da minha dedicação”.**

#### **Entrevistado K**

Resposta: **“Me ajudou bastante, pois eu tinha várias dúvidas que ele conseguiu tirar. Mas às vezes sinto que falta um pouco de paciência em relação aos alunos”.**

Ao analisarmos as falas acima, entendemos que os alunos entrevistados têm pontos de vista diferenciados. Porém, é inegável perceber que o professor/instrutor tem amplo domínio da disciplina, bem como de uma prática pedagógica que visa auxiliar os discentes quanto às suas dúvidas.

Entretanto, quando os pesquisados se referem a **“ter mais calma”**, **“ser mais atencioso”**, **“mais paciência”**, entendemos que tem outro significado, que é o de ter observado em sala de aula, educandos conversando, ou então, usando telemóvel sem dar a mínima importância para o que está a acontecer dentro da sala de aula, bem como na fala do próprio docente (DIÁRIO DE BORDO – APÊNDICE 4).

Esclareço aqui que me refiro apenas aos alunos que foram contemplados na pesquisa, e, não aqueles que ficaram de fora.

Porém, acreditamos que o educador deve lutar para criar uma nova mentalidade junto aos alunos, aos colegas educadores e gestores, superando o senso comum deformado a respeito da avaliação. O trabalho de sala de aula está inserido numa totalidade e é muito difícil se concretizar uma transformação quando o coletivo não está envolvido.

Quando se preconiza que o professor deve construir em sala de aula uma aprendizagem significativa é importante que saiba que esta nunca é um “oito” ou um “oitenta”, um “tudo” ou “nada”, mas, ao contrário, um procedimento que alcança pessoas diferentes em níveis diferentes (ANTUNES, 2002, p. 22).

Cabe assim ao professor descobrir o grau de significatividade da aprendizagem realizada por este e por aquele aluno, aplicando tarefas que possam ser resolvidas em diferentes graus e acreditar que discentes que alcançam níveis diferentes na realização dessa tarefa podem ser iguais ao construírem o melhor possível para cada um.

Desse modo, a avaliação resultaria em uma ação renovadora e precursora de qualidade, medindo a construção do homem. O educador não pode mais atuar como juiz dando o veredicto a réus (alunos). Professores e discentes não são culpados de nada, são apenas atores que fazem parte do universo educacional.

Nesta abordagem não se quer considerar o professor/instrutor como vilão (por ser o único responsável pelo fracasso dos educandos) ou vítima (por impossibilidade de fazer

algo em função das determinações estruturais). Entende-se que o mesmo, como qualquer agente social, está perpassado por contradições.

Por um lado, ele é a autoridade na sala de aula e, portanto, goza de certa liberdade para fazer o que quiser; neste sentido, o professor é o responsável pelo sucesso ou fracasso de seus alunos. Por outro, esse “querer” está transpassado por determinantes presentes (regras estabelecidas pelo sistema escolar, as quais deve seguir em sua prática pedagógica) e passados (história pessoal e formação profissional) (FREITAS, 2000, p. 53).

Para que o professor/instrutor possa por em prática a concepção de construção de conhecimento a partir do ato avaliativo, este terá que fazer uma reflexão de sua vida pessoal e profissional, ou seja, ver a avaliação como meio de (re)construção de conhecimento, de história de vida, que vai lavrar toda uma visão de homem e de mundo. Assim a verificação da aprendizagem passa a ser início de uma construção e não mais um fim.

Não há começo, nem limites, nem fim absoluto no processo de construção do conhecimento, referindo-se à teoria de Piaget. Na medida em que a ação avaliativa exerce uma função dialética e interativa, ela promove os seres moral e intelectual, tornando-os críticos e participativos, inseridos no seu contexto social e político (HOFFMANN, 1996, p. 45).

Pode-se dizer que o novo conceito nos remete à ideia de um veículo propulsor de melhoramento moral e intelectual e porque não dizer físico, pois com a avaliação, nós podemos verificar nossos pré-conceitos diante de nós mesmos e do outro que divide o espaço social conosco, avaliação nos permite a humanização.

O motivo central do interesse do professor é apreender o significado de suas decisões no cotidiano do processo de aprendizagem de cada aluno. Esse processo, em permanente construção, é uma oportunidade histórica que possibilita, a cada passo, oferecer condições para o desenvolvimento máximo das capacidades individuais e coletivas dos alunos e de si mesmo.

Assim como o médico existe para prevenir e curar e sua felicidade é a recuperação do doente, o professor deveria pensar que sua missão é a de ensinar a quem não sabe, ajudar a amadurecer os imaturos e que sua felicidade está em ver o progresso gradual de todos eles, caso contrário, não haveria necessidade de escola, professores e sistema educacional (WERNECK, 2002, p. 28).

A avaliação do processo de ensino e de aprendizagem só se concretiza com a participação do professor e aluno, isso nos mostra que, a avaliação se apresenta como a capacidade do professor de: apreender o saber do aluno por meio do que ele é capaz de

expressar, detectar as dificuldades e auxiliá-lo na transposição das barreiras, por meio de reorientação, permitir ao docente certificar-se de que o discente está capacitado para o exercício proposto.

Ao observar as atividades dos alunos, o docente busca compreender qual o potencial de cada um e como pode atuar para favorecer o processo, procurando sinais do que o educando sabe e do que pode vir, a saber. Uma instituição educacional é um lugar de trabalho e trabalho difícil. Ali estão pessoas que precisam aprender, principalmente em se tratando de educação corporativa.

De acordo com Papert (2008) os alunos têm a chave do seu aprendizado, e o professor possui a importância de conduzir esses alunos para abrir as portas desse universo que é o conhecimento, orientando-os e conduzindo-os pelos caminhos da aprendizagem, proporcionando assim um ambiente apropriado, em um currículo adaptado às necessidades do aprendiz, usando as ferramentas tecnológicas para produzir e aprender de forma prática e acessível.

### **5. Falas que revelam a própria aprendizagem**

Segundo alguns estudiosos, a aprendizagem é um processo integrado que provoca uma transformação qualitativa na estrutura mental daquele que aprende. Essa transformação se dá por meio da alteração de conduta de um indivíduo, seja por condicionamento operante, experiência ou ambos, de uma forma razoavelmente permanente.

O ato ou vontade de aprender é uma característica essencial do psiquismo humano, pois somente este possui o caráter intencional, ou a interação de aprender; dinâmico, por estar sempre em mutação e procurar informações para a aprendizagem; criador, por buscar novos métodos visando à melhoria da própria aprendizagem, por exemplo, pela tentativa e erro. Outro conceito de aprendizagem é uma mudança, relativamente durável do comportamento, de uma forma mais ou menos sistemática ou, não adquirida pela experiência, pela observação e pela prática motivada.

O ser humano nasce potencialmente inclinado a aprender, necessitando de estímulos externos e internos (motivação, necessidade, desejo) para o aprendizado. Há aprendizados que podem ser considerados natos, como o ato de aprender a falar, a andar, necessitando que ele passe pelo processo de maturação física, psicológica e social.

Na maioria dos casos a aprendizagem se dá no meio social e temporal em que o indivíduo convive. Sua conduta muda, normalmente, por esses fatores e por predisposições genéticas.

Verificamos que todos os entrevistados informaram que o grande responsável pela sua aprendizagem é ele próprio. Isso se faz presente em falas como: **“Pois, depende de mim estar aberto a aprender, praticar”**; **“Porque só depende de mim para ter um bom desempenho”**; **“Pois o aprendizado principal é feito com a prática do que foi passado em sala de aula e isso depende 100% do aluno”**; **“Para mim a aprendizagem depende diretamente do aluno, pois só o aluno sabe o que ele realmente deseja, os professores só direcionam”**.

Verificamos através das falas colhidas acima que, os entrevistados percebem que para efetivarem sua aprendizagem necessitam estar focados na construção do próprio conhecimento. Papert (2008) indica que a aprendizagem deve ser uma busca do próprio alunado. Ou seja, o professor/instrutor deve ser visto apenas como um mediador, um indivíduo que cria a situação problema para que o discente busque e encontre a solução desejada.

Este mediador também tem que estar atento ao processo de aprendizagem e proporcionar o enriquecimento do ambiente e o acesso aos meios necessários para fomentar as aprendizagens etc. Nesse sentido é possível citar como exemplo Vygotsky e sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

A aprendizagem é um processo que começa com o nascimento e continua de uma forma ou de outra por toda a nossa vida. Muito do que aprendemos não é uma aprendizagem acadêmica. Aprendemos atitudes em relação a nós mesmos e aos outros; aprendemos a ser o tipo de indivíduo que realmente somos.

A aprendizagem é um processo constante e contínuo. Cada sujeito tem seu próprio ritmo de aprendizagem que, irá construir sua individualidade. Dialogando com Drovett (1990), as diferenças individuais levam alguns indivíduos a serem mais lentos na aprendizagem, enquanto outros são mais rápidos. A aprendizagem é, portanto, um processo pessoal e individual, isto é tem um fundo genético e depende de vários fatores, como: esquemas de ação inatos de cada pessoa; do estágio de maturação de seu sistema nervoso; do seu tipo

psicológico constitucional (introvertido ou extrovertido); de seu grau de envolvimento, seu esforço e interesse.

Tudo o que foi explicitado acima ficou comprovado pelas falas dos entrevistados, já que todos eles fizeram questão de frisar que sua aprendizagem “**só depende de mim**”.

As novas aprendizagens do indivíduo dependem de suas experiências anteriores. Assim, as primeiras aprendizagens servem de pré-requisitos para as subsequentes. Por esse motivo, dizemos que aprendizagem é um processo cumulativo, ou seja, cada nova aprendizagem vai se juntar ao repertório de conhecimentos e de experiências que o sujeito já possui indo constituir sua bagagem cultural. Este processo de acumulação de conhecimentos não é estático. A cada nova aprendizagem o mesmo reorganiza suas ideias e estabelece novas relações entre as aprendizagens anteriores e as novas, fazem juízos de valores, na qual colocam seus sentimentos nos julgamentos que realizam. Trata-se, portanto, de um processo integrativo e dinâmico (FALCÃO, 1991).

#### **6. Falas que indicam a escolha da instituição SENAC**

Em um passado assim não tão distante, o processo de competitividade não era tão acirrado quanto o cenário que temos agora. Com o aumento contínuo e gradativo das mais diversas Instituições de Ensino Corporativo (IEC), bem como de organizações educacionais superiores, os cursos ofertados ganharam novos contornos para se adequarem a um mundo extremamente rápido, competitivo e desafiador.

Conforme aponta Alésio, Domingues e Scarpin (2010, p. 5),

Atrair e reter alunos não é uma tarefa fácil para as IES, considerando-se o nível de disputa, entre as mesmas e perceptível redução na procura dos serviços de educação superior, por parte dos alunos. Com base nisso, torna-se de grande importância conhecer os pontos favoráveis ou não das mesmas no que se refere principalmente ao momento de atração do público.

Dialogando com a citação acima, entendemos que o foco pela escolha de uma organização educacional se dá através da família e dos amigos que propagam a eficiência e eficácia da mesma (ALVES, 1999; FRANCO, 2000).



Vale ressaltar que algumas instituições são reconhecidas pelo seu elevado nível de excelência educacional e, também, pelo seu reconhecimento no mercado de trabalho (MUND, DURIEUX E TONTINI, 2001).

Conforme estudos de Stafford (1994), Kotler e Fox (1994), indicam que existem grupos de valores específicos para se escolher determinada instituição educacional em detrimento de outra. São elas: o valor funcional (expectativas dos estudantes no sucesso que possam estar relacionadas a futuros empregos); o valor social (escolha de instituições onde já se encontram conhecidos da pessoa); o valor emocional (depende totalmente da pessoa e seus gostos pessoais); o valor epistêmico (inovações no curso, por exemplo, a grade curricular); o valor condicional (fatores acadêmicos para a graduação) (CARVALHO apud ALÉSIO, DOMINGUES E SCARPIN, 2010, p. 5).

Ressaltamos que muitos fatores influenciam na tomada de decisão de escolher a instituição, pois conforme os entrevistados A, E, F e G, os mesmos escolheram a instituição SENAC, pela mesma ser reconhecida em âmbito nacional, além de terem professores muito competentes, e ser reconhecida com uma organização muito bem conceituada pelo mercado de trabalho.

Outro fator mencionado para a tomada de decisão foi a de que o certificado obtido no SENAC/CE é um grande diferencial no momento da contratação para um determinado emprego (entrevistados A, D, J e K).

É preciso salientar que para sobreviver em um cenário onde as disputas por alunos é bastante acirrada, se faz necessário apostar em uma instituição que além de ter um nome muito marcante no mercado, tem de oferecer profissionais qualificados, atualização constante do seu quadro funcional e também da sua formação acadêmica (leia-se grade curricular), além de inovar por algo que seja o diferencial na busca de uma construção de conhecimento que esteja em sintonia com o mundo que está em plena efervescência.

A instituição SENAC/CE está além das faculdades que oferecem curso de Moda e Estilismo, já que a mesma recebe muitos alunos graduados que buscam uma melhor qualificação, pois a organização é vista no mercado de trabalho um modelo inovador, tendo seus profissionais disputados pelas mais diversas instituições empresarias e/ou educacionais não apenas no Ceará como em todo o país.

### 2.4.2 – Da teorização do Diário de Bordo

O Diário de Bordo é um instrumento do qual o pesquisador através da sua escrita relata todos os acontecimentos ao longo da sua observação, tendo como objetivo principal elaborar um questionamento crítico-reflexivo do objeto estudado.

O uso da escrita é uma constante no Diário de Bordo. Alves (2016) aponta o mesmo como um momento de transformação onde a investigadora pode questionar as práticas pedagógicas do professor/instrutor, levando-o a um processo de mudança e inovação. O autor ainda indica que a função da escrita é que ela pode proporcionar uma melhor aprendizagem. Nesse sentido:

A escrita supõe um processo de expressão e de objetivação do pensamento que explica sua atitude de reforçar ou construir a consciência daquele que escreve. Escrever sobre si é auto revelar-se, é um recurso privilegiado de tomada de consciência de si mesmo, de forma mais acabada do que da expressão oral (CATANI, BUENO, SOUSA, SOUZA, 2000, p.41-42).

Analisando a citação acima, a escrita nos servirá de ponto de partida para organizar as ideias, corrigir rotas, bem como refletir sobre as experiências e tomadas de decisões que são vivenciadas no dia a dia.

Alves (2016) indica que o Diário de Bordo é um relato das nossas vivências pessoais e/ou profissionais, nas quais estão impregnadas dos mais diversos tipos de sentimentos e que falam a respeito de nós mesmos.

Bertoni APUD Dias, Pitolli, Prudêncio e Oliveira (2013, p. 4) postula que no Diário de Bordo,

[...] podemos identificar as dificuldades encontradas, os procedimentos utilizados, os sentimentos envolvidos, as situações coincidentes, as situações inéditas e, do ponto de vista pessoal, como se enfrentou o processo, quais foram os bons e maus momentos por que se passou e que tipos de impressões e de sentimentos apareceram ao longo da atividade, ao longo da ação desenvolvida. É uma via de análise de situações, de tomada de decisões e de correção de rumos.

A maior contribuição do Diário de Bordo além de relatar sobre o que acontece na sala de aula, é que o mesmo nos dá a possibilidade de refletir sobre a prática pedagógica utilizada, nos proporcionando assim, descobrir novas formas de aprendizagem para a construção do conhecimento através de um processo inovador na prática.

A observação participante dentro da sala de aula nos proporcionou a possibilidade de conversas informais entre a pesquisadora e o professor/instrutor, bem como pesquisadora e alunos. Ressaltamos ainda poder fazer uma exploração em toda instituição, tendo em diversos momentos dialogando com vários sujeitos que participam do dia a dia da organização.

Diante de tudo acima descrito, utilizamos o Diário de Bordo como um instrumento de grande valia para o desenvolvimento do trabalho, já que o mesmo teve um período de observação que teve duração de 32 horas aula, tendo iniciado no dia 06 de junho de 2015, sendo finalizado no dia 22 de agosto de 2015. Entretanto, ressaltamos que o curso deveria ter sido finalizado no dia 08 de agosto de 2015, devido à falta por motivo de saúde falta do professor/instrutor. Tendo assim, um prolongamento do curso para que o mesmo pudesse recuperar as aulas não ministradas.

O trabalho de campo teve como foco observações das aulas, bem como uma participação onde foi possível ter certo envolvimento entre pesquisadora e professor/instrutor, pesquisadora e alunos, no qual foi possível a utilização de conversas bastante informais entre todos, sempre de uma maneira muito polida e respeitosa.

O Diário de Bordo (APÊNDICE 4) relata a observação participante na instituição educacional SENAC seção Ceará, em uma sala de aula do Curso de Moda Corel Draw.

Entrei em contato com o professor/instrutor do curso escolhido onde foi possível conversar bastante. Foi explicado o teor do estudo. Após minhas explicações. Ele perguntou o porquê da minha escolha pela sua turma. Expliquei que soube do curso através de um grupo de instrutores e também por saber que o curso estava voltado para o processo criativo dos próprios discentes. O mesmo ficou muito empolgado pela escolha da turma.

É importante frisar que a empolgação do professor/instrutor é de grande ajuda para o sucesso da pesquisa. E isso colabora para que as relações entre todos os envolvidos possam acontecer da melhor maneira possível.

Depois da conversa inicial com o professor/instrutor, fui apresentada aos estudantes, os quais foram muito cordiais com a minha presença. Logo de início houve uma boa interação com os mesmos. Entretanto, com o passar das observações, percebi que existiam grupinhos no qual tentei por muitas vezes me encaixar, mas nem todos estavam disponíveis para conversar.

Percebi também que ao longo do caminhar e da minha presença como uma observadora participante causou certa estranheza em uma pequena parcela dos estudantes. Tentei por diversas vezes uma aproximação maior com todos. Mas, nem sempre as pessoas estão disponíveis para conviver com outras que pensam e agem de forma diferente daquilo que trazemos conosco.

Isso ficou muito claro quando nos momentos de interação entre pesquisadora e alunos, onde os mesmos eram indagados sobre o professor/instrutor e sua prática pedagógica. Ouvi relatos que informavam que o docente era **“uma pessoa maravilhosa, mas não tem paciência, fazendo as pessoas ficarem com medo dele”**; **“[...] o professor precisa trabalhar a relação aluno/instrutor, tendo mais calma e disponibilidade; [...] precisa ser menos agitado (risos)”**; **“[...] sinto que falta um pouco de paciência em relação aos alunos”**.

Ao conversar com outros alunos, fica evidente que o professor/instrutor tem muito conhecimento do assunto. De acordo com os entrevistados, o docente traz em seu interior bastante informação. Tira dúvida com muita precisão. Um bom exemplo disso é a fala de alguns pesquisados, como: **“Ele é um ótimo professor. Explica muito bem”**; **“Um conhecimento e domínio da técnica perfeita”**; **“[...] ótimo professor, muito dedicado e atencioso com os alunos”**; **“Para mim é bom, pois está sempre disponível para ensinar coisas novas”**.

De acordo com as falas acima fica claro que os estudantes muitas vezes são levados por sentimentos nas suas relações sociais, profissionais, culturais, familiares e econômicas. Isso não difere muito das que foram observadas pela pesquisadora. Muitos dos alunos conforme visto (APÊNDICE 4) passavam muito tempo do curso conversando ou até mesmo utilizando o telemóvel dentro de sala de aula. Fatos que de certa maneira irritavam constantemente o docente, fazendo com que o mesmo em vários momentos interrompesse a aula para chamar a atenção dos estudantes.

Ao conversar com o docente, percebe-se que o mesmo tem muita vontade de que seus alunos aprendam o assunto. O mesmo faz o possível para que os mesmos se dediquem a sua aprendizagem. Ele busca chamar atenção dos estudantes para um fato de que ao perderem tempo conversando e/ou utilizando o telemóvel em sala de aula, eles estão pagando caro para

não aprenderem, e que seria muito mais lógico que as pessoas ficassem em casa. Evitariam de gastar dinheiro sem necessidade.

Ressalto aqui que independente de ser uma turma de pessoas com idades diferenciadas e com diferente tipos de níveis acadêmicos, o alunado não tem maturidade suficiente para ser tratado como protagonista, haja vista que em muitos momentos estão a reproduzir maneirismos de sujeitos que estão em plena adolescência. Entretanto, vale frisar que em muitos momentos alunos mais dedicados obtinham mais atenção do docente, no qual o mesmo se desdobrava em atenção, procurando sanar as mais diversas dúvidas.

Bruckner (1988, p. 54) constata a seguinte afirmação:

A consciência de nossa pequenez acompanha a de uma responsabilidade cada vez mais esmagadora. Isso explica a dificuldade que temos em continuar a ser responsáveis: a responsabilidade tornou-se demasiado pesada. Além disso, a atomização da sociedade ocidental moderna suprimiu a mediação entre o indivíduo e a sua responsabilidade.

Dialogando com a citação acima, verifica-se que a responsabilidade da aprendizagem não pode ficar a cargo do professor. O mesmo tem apenas que incentivar e mediar o desenvolvimento das competências de cada sujeito. Levando-os a se sentirem parte de todo o contexto.

Ao conversar com o Diário de Bordo notamos também que em muitos casos os discentes não sabem utilizar o Corel Draw. Mas, os mesmos acreditam que saber fazer uso das TIC é de fundamental importância nesse mundo globalizado.

Porém, em uma das minhas observações notei que o entrevistado C é um líder nato, possui muito desenvoltura, como também é um mediador entre os demais colegas e o professor/instrutor. O mesmo está em constante contato com seus pares. Os incentiva a participarem mais das aulas, bem como se prepararem mais em relação ao que estudam, já que conforme relatado por ele **“Se a gente não se preparar bem, o mercado de trabalho te exclui”**.

Em muitos dos momentos esse aluno foi tratado de forma pejorativa por parte de alguns colegas (os mesmos que se recusaram a participar da entrevista), já que esses

indivíduos sempre indicavam que ele era um “babão”, um puxa saco”<sup>10</sup>, fora outros adjetivos de cunho inadequado a situação.

Ressalte-se ainda que o aluno pesquisado acima criou um blog e também um grupo na ferramenta WhatSapp para postar informações sobre processo de criação ligado ao curso que a turma estava fazendo, bem como relatar dicas importantes sobre o curso e as mais diversas mensagens entre os participantes (DIÁRIO DE BORDO – APÊNDICE 4).

Dialogando com o Diário de Bordo foi interessante perceber que existe interação entre o Centro de Processamento de Dados (CPD) do SENAC/CE e o docente, já que em muitos momentos existe um funcionário da área de informática que o auxilia na sua prática pedagógica, pois em diversas situações há a necessidade desse indivíduo para dar um suporte maior, já que como um fato ocorrido com o aumento da turma no segundo dia, ficou evidente a versão do Corel Draw utilizada pelo docente na sala, era a diferente da versão que estava inserida no computador que os estudantes estavam usando (DIÁRIO DE BORDO – APÊNDICE 4).

O tempo todo o professor/instrutor explica a atividade e em seguida os alunos executam a tarefa criando novos “modelos”<sup>11</sup>, fazendo uso das ferramentas do programa Corel Draw e sua percepção e criatividade.

Ressalte-se que o aluno tem toda a liberdade para criar. O professor/instrutor está em contato constante com os estudantes, levando-os a se questionarem se o uso da ferramenta utilizada no curso está de acordo com suas necessidades.

A certificação do curso é dada mediante o desenvolvimento de um projeto individual de criação de algumas peças do vestuário. O estudante necessita depois apresentar o modelo criado por ele para todos da turma, em forma de seminário.

O que pude observar através da minha estadia no Curso de Moda do SENAC/CE, é que o professor/instrutor tem muita vontade em fazer com que os alunos realmente aprendam. Entretanto, os próprios alunos necessitam se conscientizar que o docente é apenas um mediador e que o processo de aprendizagem se dá através de cada indivíduo. Acredito que a partir do momento em que houver essa conscientização por parte de cada estudante não

---

<sup>10</sup> Grifo nosso.

<sup>11</sup> Grifo nosso.

apenas na Educação Corporativa, mas em toda a cadeia educacional, bem como na vida, será possível realmente vivenciar uma aprendizagem coletiva em toda sociedade mundial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.*

*Fernando Pessoa – Poeta Português*

O século XXI imporá a cada profissional a necessidade do constante aprendizado e da fácil readaptação. Num mundo de rápidas transformações do fazer e do pensar humanos, a especialização técnica deve andar lado a lado com uma percepção abrangente do mundo. A “insegurança” que as novas tecnologias podem trazer, por alterar nossos hábitos no trabalho, tem de ser encarada como uma motivação para nos reinventar, descobrindo outras aptidões e mantendo com o mundo uma postura proativa e não apenas reativa (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

O profissional do século XX deverá estar atento às cobranças que o mundo moderno fará. Se as empresas são incentivadas a adotar uma postura de responsabilidade social, os indivíduos também não poderão furtar-se às novas demandas. Assim, o propósito de construir uma sociedade mais integrada, mais justa, mais limpa e que garanta a cada um, sua parcela de bem estar, deve ser responsabilidade de todos – indivíduos, comunidade, iniciativa privada e governo (SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ, 2008).

Na sociedade atual, em que a chamada Era Global da Informação e do Conhecimento está mudando o cenário mundial, sofrendo significativas transformações, que envolvem aspectos e dimensões socioculturais, econômicas, tecnológicas e educacionais, a disseminação da informação tem papel importante na construção do conhecimento e na formação da cidadania. Assim, essa sociedade é um novo ambiente global baseada em comunicação, informação, conhecimento e aprendizagem.

Diante de tais transformações, torna-se necessária a compreensão do cenário mundial e dos diferentes segmentos dentro das sociedades nacionais desde as várias



atividades econômicas, como o modo de atuação e articulação de diversas organizações e instituições, não só como as instituições e centros de ensino e pesquisa, como, também, os próprios indivíduos. Essas mudanças levam a uma reflexão tanto na formação do profissional da informação, como naquele sujeito que necessita da busca da informação para gerar um novo conhecimento a partir da socialização do saber.

Esta socialização do saber está em relação ao conhecimento construído e, transferido à sociedade por meio dos canais de comunicação, para a assimilação do conteúdo do assunto em diversos contextos sociais.

A construção do conhecimento se dá a partir das experiências. Mas, como observa Amat (1990) a conversão da informação em conhecimento, implica em descobrir formas de conhecer, e não descobrir formas de buscar a informação mediante as tecnologias como as bases de dados.

Para colaborar com o aperfeiçoamento dos profissionais da informação, no sentido de gerenciar a informação, em vez de tecnologia, Davenport (2000) mostra que o fascínio pela tecnologia nos fez esquecer o grande objetivo do profissional da informação, que é o de informar aos seus usuários/alunos através de suas necessidades de compartilhar informações úteis.

Parafraseando Moran (2007), há uma grande diferença entre informação e conhecimento. Ambos se confundem entre si. Para o autor, temos uma grande gama de informações, onde os dados estão disponíveis a todos e são organizados dentro de uma determinada lógica e estrutura. Ainda para ele, o conhecer é integrar a informação no nosso dia a dia, se apropriando dela, tornando-a cheia de significado, na qual esse conhecimento não pode ser simplesmente repassado, e sim, que deva ser criado e construído cotidianamente.

Então, se acreditarmos que a informação e o conhecimento são criações humanas, neste cenário de mudanças, existe dessa forma um papel fundamental para nos adaptarmos às constantes evoluções das realidades sociais, enfatizando o ambiente da informação em sua totalidade. Essa totalidade leva em conta os valores e as crenças da organização sobre informação, a fim de chegar às necessidades dos indivíduos.

Nessa forma de pensar, em vez de concentrarmos somente na tecnologia, a ideia baseia-se na maneira de entendermos, também, como as pessoas produzem, disseminam,

compreendem e usam a informação. Para Davenport (2000), ao contrário dos dados, a informação exige análise e o conhecimento é a informação de um contexto, um significado, uma interpretação, que alguém refletiu sobre o conhecimento e acrescentou a ele sua sabedoria.

Essa sabedoria pode ser interpretada de várias maneiras, tanto no campo das ciências da cognição, como no entendimento de que o objeto de conhecimento está além das ciências humanas e, só pode ser apreendido a partir do espaço em que se desenvolve o saber. Assim observamos que:

No espaço do saber, conhecer é, em um mesmo movimento, redefinir sua identidade, observar e modificar configurações dinâmicas, entregar-se a uma dialética da avaliação, da decisão e da reavaliação permanente dos critérios de avaliação (LEVY, 1998, p. 175).

Dessa maneira, somos convidados a pensar sobre as disciplinas que prestam serviços, em relação ao espaço do saber com o laço social, em todo do aprendizado. Para o autor acima, torna-se necessário à relação com os outros, através do ato de comunicação para fazermos viver o saber.

Em relação ao processo de aprendizado, existe a necessidade de investir em inovação e criatividade, o que implica promover maneiras que estimulem o aprendizado, no sentido de capacitar e acumular conhecimentos.

Na sociedade da informação e do conhecimento a disseminação da informação se preocupa com o alunado e suas necessidades para a geração de novos conhecimentos, a fim de melhor entender e explicar a gestão nos sistemas e unidades de informação, através das buscas nas bases de dados no entendimento global da instituição.

Conforme postulam Carpin, Behrens e Torres (2014, p.95),

Os movimento educacionais no seio das escolas de educação profissional as quais ainda persistem em adotar práticas pedagógicas que orientam para a obtenção de apenas conhecimentos técnicos necessitam com urgência rever seus processos educativos. Isso porque as mudanças que ocorrem nos processos produtivos e comerciais exigem que os futuros profissionais desenvolvam e consolidem conhecimentos que possam ser aplicados em sua prática não apenas como profissional, mas também no âmbito social. Haja vista que as transformações políticas e culturais requerem um indivíduo com possibilidades de atuar além do mundo profissional, ou seja, aprender para vida, participar de forma mais ativa no contexto político e social.

Verificamos que toda e qualquer instituição educacional, em especial aquelas que lidam com Educação Corporativa, aqui representada pelo SENAC/CE, devem se preparar para um mundo mais globalizado, competitivo, bem como dinâmico. Faz-se necessário preparar seus discentes para que possam ser sujeitos participativos dentro da sociedade, que sejam levados a pensar, que possam refletir e tomarem decisões de forma clara e concisa, visando sempre à construção do próprio conhecimento, mas, também, o de toda uma coletividade.

É preciso criar situações para que os docentes atuantes em suas dependências se sintam motivados a buscarem maneiras diversas de inovar em suas práticas pedagógicas, visando uma maneira de colaborar e mediar uma aprendizagem que realmente faça sentido para os estudantes.

Nesse sentido, Rehem (2009, p. 36) aponta para o seguinte questionamento:

O mundo moderno está passando por profundas mudanças, que atingem os modelos produtivos na sua base material de produção e reprodução, a maneira de produzir, de escoar as mercadorias produzidas e fazê-las circular, bem como os modos de vida das pessoas, as formas de socialização, a própria cultura, os instrumentos de pensamento utilizados para a explicação da realidade e o planejamento do futuro.

As mudanças vividas por todo o planeta buscam hoje, indivíduos que estejam mais sintonizados em construir o próprio conhecimento, que possam ser sujeitos que compreendam a nova dinâmica da sociedade produtiva, mas que ao mesmo tempo se sintam capazes de atuar de forma democrática e solidária em um mundo em que as mudanças se fazem constantes o tempo todo.

No atual momento a educação necessita de docentes que pratiquem ações inovadoras dentro de suas salas de aula, que possam atuar de maneira onde a prática e a teoria se reconciliem de forma a trabalharem juntas, onde cada uma delas possa ser o suporte da outra, não é o possível fazê-las trabalhar em separado, elas precisam dialogar entre si (MORAES, 2008).

Entendemos que o momento requer um profissional multifacetado que seja um mediador na construção do conhecimento dos seus alunos, que não se prenda apenas ao ato de ensinar e sim que se permita também a aprender, pois como bem diz Delors (1996, p. 89-90),

[...] a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo da vida, serão de algum modo para cada indivíduo os pilares do conhecimento: **aprender a conhecer**, isto é, adquirir os instrumentos da

compreensão; **aprender a fazer**, para poder agir sobre o meio envolvente; **aprender a viver juntos**, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente, **aprender a ser**, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta (grifo do autor).

A ação de inovação pedagógica deve permear os saberes durante do o processo de ensino e de aprendizagem, de forma que tanto o docente quanto o seu alunado possam transitar de forma reflexiva, planejada e crítica, visando assim, tomadas de decisões que consideram a complexidade que sempre esteve presente na sociedade.

O uso das TIC em qualquer área da humanidade e na educação, em especial no Curso de Moda, amplia a possibilidade de aprendizagem não só por parte dos alunos, mas também por parte do professor.

Libâneo (2007, p. 309) em seus escritos afirma que: “o grande objetivo das escolas é aprendizagem dos alunos, e a organização escolar necessária é a que leva a melhorar a qualidade dessa aprendizagem”.

A possibilidade de se usar as TIC é o de entender e de saber aplicá-la como potencial de aprendizagem, visando um processo que seja algo inovador, que provoque nos discentes a curiosidade, a busca por respostas, e que os mesmos sintam-se capazes de construir seu conhecimento, pautado dentro de um sistema democrático, solidário e participativo, no qual o coletivo seja a marca dessa inovação.

A utilização das TIC por parte dos estudantes não é o de aprender com a máquina, e sim transformá-la como uma ferramenta que os leva às mais diversas possibilidades. Para isso, cabe ao professor/instrutor conduzir seu alunado a um processo de reflexão, de busca, de descobrimento, que se possa ver e rever seus próprios valores, através de prática inovadora em que a condição socrática seja uma premissa real e de uso contínuo.

Cada vez mais poderoso em recursos, velocidade, programas e comunicação, o computador nos permite pesquisar, simular situações, testar conhecimentos específicos, descobrir novos conceitos, lugares, ideias. Produzir novos textos, avaliações, experiências. As possibilidades vão desde seguir algo pronto (tutorial), apoiar-se em algo semidesenhado para completa-lo até criar algo diferente, sozinho ou com outros (MORAN, 2007, p. 44).

A possibilidade de criar algo através de uma ferramenta como o computador serve de grande valia para que os indivíduos possam trabalhar e aprender de forma plena, na qual o processo de criação seja um divisor de águas. Que seja possível construir uma aprendizagem pautada na partilha de forma a colaborar para o enriquecimento da humanidade.

Os estudos e as análises de dados que são apresentados ao longo de toda a dissertação foram analisados tendo como base o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), bem como o processo de inovação pedagógica no Curso de Moda através do aplicativo Corel Draw no SENAC/CE, onde foram levadas em consideração as mais diversas possibilidades existentes dentro da sala de aula.

Diante de todo o contexto se faz necessário fazer um breve resumo sobre as observações colhidas no Diário de Bordo (APÊNDICE 4), para um melhor esclarecimento de tudo que foi vivido durante o período da pesquisa

Durante a observação participante realizada nas dependências do SENAC/CE percebemos que os recursos tecnológicos foram utilizados com uma relativa facilidade, e no momento em que existia dificuldade, o professor/instrutor estava sempre presente quando solicitado.

Entretanto, o uso de novas tecnologias como telemóvel, trouxe como já relatado no capítulo 2 (dois) uma série de entraves no momento da aprendizagem, já que muitos dos alunos estavam focados nas mídias sociais, dificultando dessa forma o entendimento sobre o aplicativo Corel Draw. Ressalte-se também que as conversas paralelas eram uma constante.

Ao longo de toda a pesquisa percebemos que o professor/instrutor sempre esteve presente dentro de sala de aula, motivando os alunos, tentando realmente levá-los a pensar sobre o processo de criação na área de Moda. Observamos que o mesmo sempre se utilizou de sua condição socrática para fazer com que os discentes se sentissem parte de um todo, no qual foram dados aos estudantes vez e voz sempre para se manifestarem sem nenhuma punição e/ou entrave, conforme relatos abordados no capítulo 2 (dois).

Analisando a instituição educacional SENAC como um todo, percebemos que a mesma sempre procura estar presente no dia a dia do alunado, facilitando sua dinâmica dentro das salas, prestando esclarecimentos sempre que possível e quando solicitados. Funcionários e professores/instrutores muito bem preparados e com reconhecimento pelo mercado de

trabalho. O núcleo gestor se faz de forma atuante e na medida do possível tenta inovar criando novos cursos, grades curriculares modernas e utilização de equipamentos que estejam em pleno funcionamento no mercado profissional.

Durante o processo investigativo, foi possível presenciar a criação de um blog e de um grupo no WhatsApp por um determinado aluno que participou da pesquisa, que segundo ele próprio poderia servir de base para uma melhor aprendizagem, bem como troca de informações entre o professor/instrutor e os alunos.

O trabalho de pesquisa realizado nos permitiu ver mais de perto que o uso das TIC tem o poder de aproximar o aluno de novas ferramentas e de aplicativos que vão surgindo no dia a dia da sociedade. Principalmente no que diz respeito às práticas pedagógicas de um professor/instrutor que buscou o tempo inteiro estar presente nas aulas não como um mero repassador de informações, mas, sim, de um mediador, no qual a construção do conhecimento era a tônica central do desenvolvimento do seu trabalho pedagógico.

Nesse sentido o cotidiano de trabalho foi por natureza um processo inovador ao considerar atitude investigativa do professor/mediador o uso das tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem e as possibilidades criativas de autonomia vividas pelos estudantes ao longo da experiência, mesmo com as dificuldades apresentadas no fazer da sala de aula.

Esperamos que as informações obtidas ao longo dessa jornada investigativa possam trazer efeitos positivos e que sirva para auxiliar outros trabalhos que venham a surgir nessa linha de pesquisa.

A pesquisa poderá contribuir com a comunidade educacional, principalmente nas práticas pedagógicas em sala de aula, para que tanto professores/instrutores, gestores, funcionários e quiçá alunos possam avaliar de forma crítica seu papel dentro desse ambiente acadêmico.

Diante do nosso entendimento, percebemos que a instituição SENAC/CE está no caminho certo da promoção da aprendizagem, mas precisa melhorar no que diz respeito à construção de conhecimento, no qual depende de uma mudança de paradigma principalmente dos professores/instrutores que devem perceber o uso das TIC como uma ferramenta de promoção do saber, bem como de estarem preparados para uma mudança significativa de

postura e prática pedagógica, deixando de lado práticas falidas e ultrapassadas, buscando novas formas de fazer o mais com o menos.

Percebemos que o paradigma construcionista de Papert veio para possibilitar a construção de um conhecimento mais bem elaborado no sentido de contribuir para um novo futuro. Porém, ainda não nos damos conta que o futuro é hoje e não o que virá daqui a dois, cinco, dez ou vinte anos. O mundo muda constantemente e de forma rápida. De acordo com Alvin Toffler (2004) em sua obra intitulada “A Terceira Onda”, estamos vendo emergir uma nova civilização, nunca antes vista na história da humanidade. Estamos a buscar de novas tecnologias, novas curas para doenças, formas diversas para gerir a economia, maneiras diferenciadas de viver coletivamente entre outras.

O paradigma construcionista vem colaborar para uma nova perspectiva dentro de sala de aula, já que a construção de qualquer conhecimento está pautada não mais no saber do professor, não é mais a base essencial da educação. Pelo contrário, o aluno é que deve se sentir responsável pelo seu próprio conhecimento. Ele é que irá dinamizar ou não a sua própria aprendizagem.

Dialogando com Papert e sua obra, percebemos que ao desenvolver a autonomia do nosso alunado no processo de ensino e de aprendizagem através da teoria construcionista, construímos um indivíduo mais consciente do seu papel no mundo, bem como um sujeito mais autônomo que não espera para aprender. Pelo contrário, vai à busca daquilo que lhe interessa em um dado momento.

Neste sentido, a instituição educacional precisa se modernizar e acompanhar as mudanças que aí estão e que já fazem parte do dia a dia da sociedade mundial, pois tudo está interligado e percebemos que os nossos alunos já se apropriaram das novas tecnologias, dominando-as até bem mais do que os próprios professores, em função do acesso que tem as mesmas.

Não adianta de nada ter instrumentos de última geração se ainda continuamos a fazer tudo da mesma maneira, sem nada mudar. Assim, indagamos: para que queremos programas bonitos, agradáveis se os mesmos não servem para que os alunos pensem, reflitam e questionem? Se faz necessário refletir sobre o porquê e para que as novas tecnologias são utilizadas em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, M. Biografia. In: ABBADE, M. (Org.). **Eternamente Jovem** – Retrospectiva James Dean. 1ª ed. Ministério da Cultura. Banco do Brasil. Rio de Janeiro-RJ. p. 27-29. Setembro de 2012.
- A HISTÓRIA DA MODA NO CEARÁ. Disponível em: [www.filati.com.br/a-historia-da-moda-no-ceara](http://www.filati.com.br/a-historia-da-moda-no-ceara). Acesso em: 11.03.2016.
- ALÉSIO, S. C.; DOMINGUES, M<sup>a</sup>. J. C. de S.; SCARPIN, J. E. Fatores determinantes na escolha por uma Instituição de Ensino Superior do Sul do Brasil. **VII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. Joinville-SC. P. 1-15, 2010.
- ALMEIDA, M. E. B. Incorporação da tecnologia de informação na escola. In: MORAES, M. C. (org.). **Educação a distância: fundamentos e práticas**. Campinas: Núcleo de Informática Aplicada à Educação/UNICAMP. 2002.
- ALMEIDA, S. F. C. de. **A motivação da aprendizagem no adulto jovem**. Revista de Psicologia. V. 4. N. 1. Jan/Jul. Fortaleza, 1986.
- ALVES, F. C. **Diário – um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas**. Instituto politécnico de Viseu. Disponível em [www.ipv.pt/millennium/millennium29/30.pdf](http://www.ipv.pt/millennium/millennium29/30.pdf). Acesso em 25.07.2016.
- ALVES, H. M. B. **O marketing das instituições de ensino superior: o caso da Universidade da Beira Interior**. 1999. 202f. Dissertação (Mestrado em Gestão) – Departamento de Gestão e Economia, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 1999.
- ANDER-EGG, E. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.
- ANDRADE, R. J. F. de; RODRIGUES, M. R. y. **Educação Corporativa: prática de treinamento na sociedade do conhecimento**. IV Congresso Nacional de Excelência em Gestão. Responsabilidade Socioambiental das Organizações Brasileiras. p. 1-17. Niterói-RJ, Brasil, 31 de julho, 01 e 02 de agosto de 2008.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 15ª. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008.
- ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar**. Fascículo 11. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ANUÁRIO DE MODA DO CEARÁ/JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE. Fortaleza-Ceará, 2014.
- ASTI VERA, A. **Metodologia da pesquisa científica**. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.



ATEE/RDC 19. Centro de Investigação e Desenvolvimento 19. **Perspectivas Sobre Currículo na Formação de Professores. Scenario Planning em Educação.** Amsterdam. Agosto. p. 1-21. 2001.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D. & HANESIAN, H. **Aquisição e retenção de conhecimentos:** uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Editora Plátano, 2003.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DA BARBIE. Disponível em: [www.verdadeirahistoria.com.br/2015/01/a-verdadeira-historia-da-barbie.html](http://www.verdadeirahistoria.com.br/2015/01/a-verdadeira-historia-da-barbie.html). Acesso em: 02.08.2016.

BECKER, Fernando. O que é o construtivismo?. *Ideias*, n. 20. São Paulo: FDE, 1994. p. 87-93. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_20\\_p087-093\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf). Acesso em: 19 de out. 2016.

BLOGINVOGA. **História da Moda** – Os anos 60 4 seus ícones inesquecíveis. Disponível em: [www.bloginvoga.com/2011/08/08/bloginvoga-moda-a-historia-da-moda-dos-anos-60-e-seus-icone-inesqueciveis/](http://www.bloginvoga.com/2011/08/08/bloginvoga-moda-a-historia-da-moda-dos-anos-60-e-seus-icone-inesqueciveis/). Acesso em: 20.01.2016.

BRAGA, J. **História da moda:** uma narrativa. 7ª ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** adaptações curriculares. Estratégias para a Educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.

BRUCKNER, P. Filhos e vítimas: o tempo da inocência. In: MORIN, E. PRIGOGINE, I. (Org.). **A sociedade em busca de valores.** Lisboa: Instituto Piaget, p.51-64, 1988.

BUENO, M. **Minidicionário da língua portuguesa.** 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.

BURDEK, B. E. **Diseño:** história, teoria y práctica del diseño industrial. Barcelona: Gustavo Gili. 1999.

CAPRA, F. **A Teia da Vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix. 1996.

CARPIM, L.; BEHRENS, M. A.; TORRES, P. L. Paradigma da complexidade na prática pedagógica do professor de educação profissional no século 21. **Revista da Educação Profissional.** Rio de Janeiro: Boletim Técnico do Senac. V. 40. n. 1. janeiro/abril, 2014. p. 91-107.

CASAROTO, F. N.; PIRES, L. H. **Redes de pequenas e médias empresas:** desenvolvimento local. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

CASTILHO, K.; MARTINS, M. M. **Discursos da moda:** semiótica, design e corpo. 2. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

CATANI, D. B.; BUENO, B. O.; SOUSA, C. P.; SOUZA, M<sup>a</sup>. C. C. C. (Orgs.). **Docência, Memória e Gênero** – Estudos sobre formação. 2 ed., São Paulo: Escrituras, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Vozes, 2006.

CIDREIRA, R. P. **Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura**. São Paulo: Annablume, 2006.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação Matemática: da teoria à prática**. Campinas: Papirus, 2000.

DAVENPORT, T. H. **Ecologia da informação: porque só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação**. Tradução: Bernadette Siqueira Abraão. São Paulo: Futura, 2000.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. São Paulo: Cortez, 1996.

DEWEY, J. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo como o processo educativo – uma reexposição**. 3ª ed., Trad. Haydée de Camargo Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DIAS, V. B.; PITOLLI, A. M. S.; PRUDÊNCIO, C. A. V.; OLIVEIRA, M. C. A. de. O Diário de Bordo como ferramenta de reflexão durante o Estágio Curricular Supervisionado do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz – Bahia. **Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC**. Águas de Lindóia, SP – 10 a 14 de novembro de 2013, p. 1-7.

DODGSON, M. **Organizational learning: a review of some literatures**. Organization Studies, v. 14, n. 3, p. 375-394, 1993.

DOLABELA, F. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora Cultura. 2003.

DOMINGUES, D. **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: UNESP, 1997.

DROVET, R. C. da R. **Distúrbios de aprendizagem**. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

DRUCKER, P. **Desafios gerenciais para o século XXI**. São Paulo: Pioneira, 1999.

DURAND, J. C. **Moda, Luxo e Economia**. São Paulo: Babel Cultural, 1988.

FALCÃO, G. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

FEGHALI, M. K.; DWYER, D. **As engrenagens da moda**. 2.ed. ren. e atualizada. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2010.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FINO, C. N. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais.** Universidade da Madeira-UMa. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>. Acesso em: 04.12.2014.

FINO, C. N. **Pesquisar para mudar** (a educação). V Colóquio CIE-Uma. Apostila Mestrado. p. 1-16, 2013.

FINO, C. N. & SOUSA, J. M<sup>a</sup>. **As TIC Redesenhando as Fronteiras do Currículo.** Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación. n. 8. vol. 10. Ano 7. 2003.

FRANCO, M. A. R. S. Dinâmica compreensiva: integrando identidade e formação docente. **X ENDIPE**. 2000, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FREIRE, F. M. P.; VALENTE, J. A. **Aprendendo para a vida: os computadores na sala de aula.** São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin: psicologia e educação um intertexto.** Juiz de Fora: EDUFJF, São Paulo: Editora Ática, 2000.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GHEDIN, E. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GOSTINSKI, C. Relevâncias da História da Moda: dos anos 10 à virada do século XX. **Intelecto C.** n. 5. Jan-Mar. Novo Hamburgo: Catânia. p. 48-91. 2009.

GREGÓRIO, M. P. de F.; PEREIRA, P. da S. Construtivismo e aprendizagem: uma reflexão sobre o trabalho docente. **Educação.** Batatais, v. 2, n. 1, p. 51-66, junho, 2012.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade,** 9<sup>a</sup> ed., Porto Alegre: Editora Mediação, 1996.

INSTRUTORIA: orientações para a prática docente no Senac. Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2013.

KHAN, S. **Um mundo uma escola: a educação reinventada.** Rio de Janeiro: Intrínseca. 2013.

LAPASSADE, G. **As microssociologias.** Trad. Lucie Dídio. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LAVER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa.** São Paulo: Companhia das letras, 2005.

LEVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os Tempos Hipermodernos.** São Paulo: Barcarolla, 2004.

MACEDO, R. S. O rigor hermenêutico na análise e interpretação em etnopesquisa. In: OKADA, A. (Org.). **Cartografia cognitiva: mapas do conhecimento para pesquisa, aprendizagem e formação de professores**. Cuiabá-MTS: KCM, v. 01, p. 43-56, 2005.

MANUAL DE LIDERANÇA E GESTÃO DE EQUIPAS. 2011. Disponível em: [http://www.paginas.fe.up.pt/contqf/qualifeup/UOI/documents/Docs\\_Workshops\\_Formacao/M anualdeLiderancaeGestaodeEquipas.pdf](http://www.paginas.fe.up.pt/contqf/qualifeup/UOI/documents/Docs_Workshops_Formacao/M anualdeLiderancaeGestaodeEquipas.pdf). Acesso em: 05.12.2014.

MAXIMIANO, A. C. A. **Teoria Geral da Administração: da revolução urbana à revolução digital**. São Paulo: Atlas, 2006.

MORAES, C. R.; VARELA, S. **Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem**. Revista Eletrônica de Educação. Ano I, Nº 01, Ago./Dez. 2007. Disponível em: [http://web.unifil.br/does/revista\\_eletronica/educacao/Artigo\\_06.pdf](http://web.unifil.br/does/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf). Acesso em: 18.07.2016.

MORAES, M<sup>a</sup>. C. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais**. São Paulo: Antakarana: Willis Harman House, 2008.

MORAN, J. M. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD – uma leitura crítica dos meios**. P. 1-8. Disponível em: [www.portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6TextoMoran.pdf](http://www.portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6TextoMoran.pdf). Acesso em: 15.03.2016.

\_\_\_\_\_. **As múltiplas formas de aprender**. Revista Atividades & Experiências. São Paulo. Jul. 2005. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/moranpositivo.pdf>. Acesso em 05.12.2014.

\_\_\_\_\_. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2007.

MUND, A. L.; DURIEUX, F.; TONTINI, G. **A influência do marketing na opção do aluno pela Universidade Regional de Blumenau**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO, 24, 2001, Campo Grande. Anais... Campo Grande, XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Computação, 2001.

NIEMANN, F. de A.; BRANDOLI, F. Jean Piaget: um aporte teórico para o construtivismo e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa e de Matemática. **IX ANPEDSUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. 2012.

PAPERT, S. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

\_\_\_\_\_. **A família em rede: ultrapassando a barreira digital entre as gerações**. Trad. Fernando José Silva Nunes. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

PAPERT, S. **Constructionism: A New Opportunity for Elementary Science Education**. A proposal to the National Science Foundation. Massachusetts Institute of Tecnology, Media Laboratory. Epistemology and Learning Group, Cambridge, Massachusetts, 1986.

PATON, R.; PETERS, G.; QUINTAS, P. **Estratégias de Educação Corporativa: universidade corporativas na prática.** p. 1-15. Disponível em: [www.educar.desenvolvimento.gov.br/public/arquivo/arg1229431109.pdf](http://www.educar.desenvolvimento.gov.br/public/arquivo/arg1229431109.pdf).

PEREIRA, C. E.; BOSQUETTI, M. A.; PAULA, P. P. P. G. de.; EBOLI, M. **Educação Corporativa e Desenvolvimento de Competências: Um Estudo de Caso no Setor de Auditoria.** 30º Encontro da ANPAD, Salvador-BA, Brasil. 23 a 27 de setembro de 2006.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** 12 imp. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

\_\_\_\_\_. **Fazer e compreender.** São Paulo: Editora Melhoramentos e Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

\_\_\_\_\_. **A Epistemologia Genética.** Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 1972.

REHEM, C. M. **Perfil e formação do professor de educação profissional técnica.** São Paulo: Ed. Senac, São Paulo, 2009.

ROBERTY, C.; DIAS, C.; CATÃO, M.; VOLKOV, L. Bom gosto e elegância. **Revista Eclética.** Porto Alegre-RS. p. 85-87, Julho/Dezembro, 2006.

RUIZ, J. A. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

RÜTHSCHILLING, A. A. **Design de Vestuário de Moda Contemporânea: Criação Versus Produção.** Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho. 2009.

SILVA, A. C. **Educação e tecnologia: entre o discurso e a prática.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 527-554, jul./set. 2011.

SILVA, G. J. **Design 3D em Tecelagem Jacquard como ferramenta para a concepção de novos produtos** – Aplicação em Acessórios de Moda. Dissertação de Mestrado. Unidade do Minho: Guimarães. 2005.

SILVA, J. de S. **Mudança Organizacional: teoria e gestão.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 2003.

SILVA, M<sup>a</sup>. C. P. da. **A paixão de formar** – da análise à educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SIMIONI, M.; CAMPANHOLO, T. **Universidades Corporativas: vantagem competitiva com a gestão do conhecimento.** p. 1-17. Disponível em: [www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv3n5/artigo02.pdf](http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv3n5/artigo02.pdf). Acesso em 06.04.2016.

SISTEMA FECOMÉRCIO CEARÁ: Federação, Sesc, Senac. **IPDC 60 anos: uma história de várias realizações.** Fecomércio. Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2008.

SOUSA, J. M<sup>a</sup>. **Os cenários do futuro face às dinâmicas do global e do particular.** Disponível em: <http://www3.uma.pt/jesusousa/Tribuna/3.pdf>. Acesso em 22.01.14. 2013.

SOUSA, J. M<sup>a</sup>.; FINO, C. N. **As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional.** Educação e Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 11-26, jan/jul. 2008.

SOUZA JÚNIOR, M. **Inovação Pedagógica: o uso de TIC na inclusão sócio-laborativa de pessoa com necessidade especial.** Universidade da Madeira – Uma. Dissertação de MESTRADO. Portugal: Funchal. 2015.

SUGANO, L. Y.; AIRES, B. S.; AIRES, B. S. **A tecnologia aplicada aos vestuários esportivos e sua relação com o consumidor.** In: MELLO, P. C. B.; FONSECA, R. (Orgs.). **Arte, Novas Tecnologias e Comunicação: fenomenologia da contemporaneidade.** Livro Digital. P. 1-400. São Paulo-SP-Brasil, 2010.

TACLA, M. T. G. **Desenvolvendo o pensamento crítico no ensino de enfermagem.** Goiânia: AB, 2002.

TOFFLER, A. **A Terceira Onda.** Tradução de João Távora. 29<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente.** São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1989.

WERNECK, H. **Ensinamos demais, aprendemos de menos.** 18<sup>a</sup> Ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

XAVIER, A. C. **As Tecnologias e a aprendizagem (re)construcionista no Século XXI.** Revista Hipertextus, vol 1, 2007. Disponível em <http://www.hipertextus.net/volume1/artigoxavier.pdf>. Acesso em 04. Ago. 2014.

# APÊNDICES

## Apêndice 1 – Carta de Anuência



O Sr. Rodrigo Leite Rebouças diretor Regional do **Senac/CE**, sediada à Av. Tristão Gonçalves, 1245, Centro, Fortaleza/CE, vem por meio desta informar que está ciente e de acordo com a realização nesta instituição da pesquisa intitulada “**O USO DA TIC COMO INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO NO CURSO DE MODA DO SENAC/SEÇÃO CEARÁ**”, sob a responsabilidade da pesquisadora **Shirley de Nazareth Lopes Braga**, para a obtenção do título de seu Mestrado pela Universidade Pública da Madeira – UMa, sob a orientação da Profª. Dra. Ana Cristina Duarte (orientador português), e também sob a orientação da Profª. Dra. Maria Cílvia Queiroz (orientadora brasileira) a ser realizada no período de 01.06 a 30.09.2015.

Esta instituição está ciente da liberação/entrada do pesquisador para a coleta de dados referentes à pesquisa.

O pesquisador responsável declara estar ciente das normas que envolvem a pesquisa, e no que diz respeito à coleta de dados, comprometendo-se a utilizar os dados coletados, exclusivamente para os fins de pesquisa.

Fortaleza-CE., 05, de Junho de 2015.



## Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**PROJETO: O USO DAS TIC COMO INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO NO CURSO DE MODA DO SENAC/SEÇÃO CEARÁ**

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL: SHIRLEY DE NAZARETH LOPES BRAGA**

**ORIENTADORES: PROF. DR<sup>a</sup>. ANA CRISTINADUARTE**(Orientadora Português)  
**PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARIA CILVIA QUEIROZ** (orientadora Brasileira)

**Endereço: Rua Nunes valente, 1390, Dionisio Torres, Fortaleza-CE., CEP 0-071**

**Telefone: (85) 87704082/ 99913139**

**E-mail: [shirleynlb@gmail.com](mailto:shirleynlb@gmail.com)**

Nesta pesquisa pretendemos investigar o desempenho da aprendizagem do aluno do Curso de Moda com acesso ao uso das Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC, bem como ao mundo digital e sua inclusão no ambiente sócio-laborativo.

Os dados serão coletados por meio de (1) observação *in loco* em sala de aula; (2) através de entrevista semiestruturada sobre a realização do processo de aprendizagem de acesso e uso de equipamentos tecnológicos pelos sujeitos-informantes da pesquisa.

Os responsáveis pelos participantes concordarão que participem da pesquisa através da assinatura deste termo de consentimento livre e esclarecido após serem explicados os riscos e benefícios da pesquisa bem como o fato que podem se retirar da pesquisa em qualquer momento e que seus nomes não serão divulgados.

Embora em toda pesquisa haja riscos de constrangimento ou invasão de privacidade ao expor questões relativas às práticas de utilização das ferramentas tecnológicas pelos sujeitos que ficarão registradas, estaremos atentos à minimização de tais riscos quando da coleta de dados, proteção e depósito legal dos dados. A pesquisa não oferece benefícios imediatos aos participantes, mas disponibilizamos a consulta para acompanhamento dos informantes sobre o andamento e resultado da pesquisa. Salientamos que ao responder a pesquisa, o sujeito-informante terá a supervisão de um representante da instituição como para garantir a idoneidade da pesquisa, bem como respondê-la sem nenhum problema

Após a análise dos dados, finalização, defesa e aprovação da dissertação, será realizada uma reunião para apresentação da dissertação para a instituição contando com a participação de gestores, professores e comunidade em geral.

Eu, \_\_\_\_\_ responsável por  
 \_\_\_\_\_ venho por meio do  
 presente termo, declarar ter sido informado(a) claramente sobre a finalidade da pesquisa  
 acima:

- (1) declaro estar ciente que o pesquisador aborda as experiências de minha aprendizagem como usuário das novas tecnologias presente em minha residência, sala de aula entre outros ambientes que utilizam o mundo digital;
- (2) declaro ainda que a presente autorização é feita a título gratuito nada devido de ambas as partes;
- (3) declaro que entendo que em nenhum caso os meus dados serão usados em meu e seu prejuízo;
- (4) reconheço que participo (a) livremente desta pesquisa, apenas para fins previstos neste termo e que tenho a liberdade de recusar a participação ou de retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo pessoal;
- (5) e, para todos os fins efeitos de direito, assino este instrumento em 02 (duas) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo.

Fortaleza-CE., \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2015.

\_\_\_\_\_  
Concedente

\_\_\_\_\_  
Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Testemunha 1

\_\_\_\_\_  
Testemunha 2

### Apêndice 3 – Questionário

UNIVERSIDADE DA MADEIRA – UMa

**NOME DA PESQUISA – O USO DAS TIC COMO INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO NO CURSO DE MODA DO SENAC/SEÇÃO CEARÁ**

#### QUESTIONÁRIO A – USO E ACESSO DE TIC

Identificação: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Nível Educacional: \_\_\_\_\_

1) Qual o seu interesse no Curso Desenho de Moda com o Corel Draw?

---

---

---

---

2) Como você chegou ao Curso Desenho de Moda com o Corel Draw no SENAC?

---

---

---

---

3) Você sabe utilizar as novas tecnologias no seu Curso de Moda?

( ) Sim    ( ) Não    ( ) Às vezes    ( ) Não sei responder

4) Você acredita que as novas tecnologias são necessárias no Curso de Moda?

( ) Sim    ( ) Não    ( ) Às vezes    ( ) Não sei responder

Porquê? \_\_\_\_\_

---

---

---

5) Como você compreende a sua aprendizagem dentro do Curso de Moda com o uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC)?

---

---

---

---

6) De que forma você avalia a prática pedagógica do professor/instrutor dentro do Curso Desenho de Moda com o Corel Draw no SENAC para a construção de sua aprendizagem?

---

---

---

---

7) Você se sente responsável pela construção da sua própria aprendizagem?

( ) Sim    ( ) Não    ( ) Às vezes    ( ) Não sei responder

Porquê?

---

---

---

---

8) O que a instituição SENAC representa para você?

---

---

---

---

9) Qual o diferencial que fez com que você escolhesse essa instituição de ensino?

---

---

---

---

## Apêndice 4 – Diário de Bordo

### RELATO INICIAL

Antes de começar a relatar sobre minha primeira observação em sala de aula, vale a pena relembrar fatos que me levaram chegar até esse momento de entrar na sala de aula do Curso de Moda para eu pesquisar.

Quando comecei a cursar as disciplinas de acesso ao Mestrado percebi que podia enveredar pelos cursos que o SENAC/CE (instituição em que atuo profissionalmente) oferecia. Passei a pesquisar e verificar qual deles seria mais conveniente para que eu viesse a estudar.

Depois de muito perambular pelos mais diversos cursos do SENAC, resolvi que iria pesquisar sobre o curso de Moda, que além de ter me encantado, seria um desafio para mim, já que sou da área de Ciências Contábeis.

Entrei em contato com o Diretor de Educação Profissional do SENAC/CE Sr. Rodrigo Leite, para saber se existia a possibilidade de realizar essa observação na turma do curso de Moda. O diretor em questão solicitou cópia do meu anteprojeto para ler e saber se existia essa possibilidade.

Depois de decorrido dois dias após a entrega da cópia do projeto, o Sr. Rodrigo entrou em contato solicitando minha presença na instituição. Cheguei à mesma e fui muito bem recebida pelo mesmo, no qual informou que minha solicitação para realizar a pesquisa na instituição tinha sido aprovada. Porém, como condição o Diretor indicou que eu só poderia começar a observar a turma após minha qualificação junto à Universidade da Madeira – UMA.

Fui qualificar o projeto na UMA e fui questionada do porquê de estudar uma área sem vínculo nenhum comigo. Expliquei que me sentia desafiada em buscar um conhecimento diferente daquilo que aprendi em termos profissionais.

Após minha chegada à cidade de Fortaleza resolvi tirar uns dias para descansar e pensar de como deveria começar. Decorrido esse pequeno recesso, comecei a escrever a dissertação, bem como sempre estava em contato com a coordenação do curso de Moda para saber quando uma nova turma começaria para poder investigar a mesma desde o seu momento inicial até o seu término.

Depois de um momento relativo extenso de espera o curso começou em junho de 2015, já que a turma que eu iria investigar começou no período em que eu estava em Funchal qualificando meu projeto.

Após saber de quando o curso começaria fui à procura do professor/instrutor da área de Moda, para saber mais qual seria o curso, bem como apresentar minhas referências e falar sobre o que iria pesquisar.

Fui levada até a presença do Sr. Cícero Silva, mais conhecido por Khyko, no qual solicitou chamá-lo de forma mais informal. Logo de início nos damos muito bem, foi uma afinidade de primeira.

Expliquei a ele o teor da minha pesquisa e o que eu buscava. O mesmo sentiu-se muito à vontade para saber de tudo, e apresentou algumas sugestões para um melhor desenrolar da pesquisa. Lembro aqui que o professor/instrutor sempre foi um entusiasta pela área de Moda, e tudo que viesse para que seus alunos pudessem aprender mais e melhor seria de muito bom grado.

Ressalto que tudo foi explicado em todos os detalhes para que não ficasse dúvida nenhuma sobre de como a pesquisa seria conduzida.

Abaixo começo a relatar minha experiência pelo mundo da Moda, mesmo sendo em um curso de pequena duração.

## DIÁRIO DE BORDO

DATA: 06.06.2015 – 1ª Observação

Cheguei muito cedo ao SENAC. Estava muito ansiosa para saber de como tudo se processaria. Ao entrar na instituição, cumprimentei todos os funcionários e me encaminhei para a sala dos professores onde logo ao entrar avistei o professor/instrutor que mais uma vez insistiu em ser chamado de professor/instrutor sem o título de professor.

Após esse contato com o docente, o mesmo me informou que o curso que eu iria realizar a pesquisa seria o de Desenho de Moda no Corel Draw X5, curso esse com uma boa procura segundo relatos do mesmo.

Encaminhamo-nos para a sala de aula e ficamos lá conversando até o momento da aula começar. Pontualmente às 8h00 da manhã, o professor começou dando as boas vindas aos alunos. Fez uma explanação sobre o curso, sua atuação profissional e de como conduziria o curso. Solicitou que cada aluno se apresentasse e falasse um pouco sobre sua vida profissional e o que levou até lá.

Fiquei muito atenta às respostas dos alunos, já que uma das minhas indagações aos discentes seria o de saber o porquê de eles estarem ali. Foi muito interessante os relatos de cada um. Após esse primeiro momento e como só faltava eu para ser apresentada, o professor/instrutor

Khyko me chamou até a frente da sala e me apresentou para os estudantes. Nesse momento senti as pernas tremerem.

Mesmo com as pernas bambas, consegui me apresentar para toda a turma. Disse-lhes o motivo da minha estadia lá e o que pretendia pesquisar. Logo de início senti que uma parte dos alunos se sentiu muito à vontade para participarem da pesquisa. Entretanto, um pequeno grupo foi logo avisando que não tinha nada a ver com eles. É claro que todos foram esclarecidos sobre o que era a pesquisa, na qual foi respondido todas as dúvidas. Tudo o que eles quiseram saber foi respondido prontamente.

Depois de toda a explanação voltei a minha cadeira e comecei a observar o comportamento da turma e o professor/instrutor começou sua aula. A sala contava com 18 alunos, sendo 15 alunas do sexo feminino e 03 alunos do sexo masculino. Isso me chamou atenção, já que apesar de estarmos em pleno século XXI onde todos nós podemos realizar qualquer tipo de atividade, o número de mulheres suplantava e muito o número de homens, indicando dessa forma que a Moda ainda é vista como um reduto tipicamente feminino.

O professor/instrutor entregou a cada aluno um livro “Desenho Técnico no Corel Draw”. O mesmo ainda indicou alguns sites e livros para a pesquisa.

Tudo transcorreu muito bem até o intervalo, no qual tive a oportunidade de conversar com alguns alunos onde fui muito bem recebida. Na volta para a sala de aula, pedi a palavra ao docente e entreguei para cada aluno um Termo de Consentimento para que os mesmos pudessem ler e ficarem a par sobre seriedade da pesquisa. Informei a eles que a Direção da instituição estava a par de tudo e que qualquer dúvida era só se dirigirem à Direção.

Após essa informação que deixou de ser transmitida no momento da minha apresentação, os alunos ficaram mais aliviados em saber que tudo era muito sério e que não iriam sair prejudicados em nenhum momento no seu desempenho acadêmico no curso.

Depois dessas novas explicações me retirei da sala para deixa-los bem à vontade para decidirem que posicionamento tomar. Após um período de 30 minutos voltei à sala de aula e recolhi os Termos de Consentimentos, verificando dessa forma quais foram os estudantes que resolveram participar da pesquisa.

Onze discentes resolveram fazer parte da pesquisa, sendo constituído de dez mulheres e um homem, perfazendo um total de onze indivíduos. Ressalto aqui que em nenhum momento houve constrangimento e/ou indução para que o aluno aceitasse fazer parte da pesquisa. O mesmo teve a oportunidade de se decidir sozinho e que também foi esclarecido que o mesmo poderia abandonar o estudo a qualquer momento se assim o desejar.

Informamos que apesar de nem todos os alunos participarem da pesquisa não houve nenhuma divisão em sala de aula, já que os próprios discentes que resolveram participar do estudo correspondem a mais da metade dos estudantes. Não tendo em nenhum momento prejuízo para a pesquisa, onde apenas foram focados os alunos participantes.

Faz-se preciso explicar que mesmo tendo apenas alguns discentes dispostos a colaborar com a pesquisa, foi realizada dentro da sala de aula uma observação participante, sendo levado em consideração apenas os sujeitos pesquisados. Num primeiro momento foi acordado com o professor/instrutor do curso de moda uma separação dos sujeitos pesquisados dos alunos que não estavam dispostos a participarem do estudo em questão.

Entretanto, ao fim do primeiro dia de observação o professor/instrutor achou melhor não criar esse clima de “apartheid” na sala de aula, já que isso poderia provocar um clima de muita hostilidade, sendo muito prejudicial para o bom desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. O que eu concordei plenamente. Cumprimentei o professor/instrutor e fui embora para retornar na semana seguinte para continuar a observação.

#### DIÁRIO DE BORDO

DATA: 13.06.2015 – Não houve observação

Cheguei bem cedo à instituição. Fui avisada de que o professor/instrutor Khyko não iria ministrar aula, pois estava doente. Retornei para casa.

#### DIÁRIO DE BORDO

DATA: 20.06.2015 – Não houve observação

Novamente cheguei bastante cedo. Assim que entrei na instituição fui informada que o professor/instrutor continuava doente. Fiquei muito frustrada, já que estava com muita vontade de que tudo pudesse ocorrer da melhor forma possível. Mas tentei compreender o lado do mesmo. Pois, sempre ouvi falar que o docente nunca faltava e que sempre estava presente na instituição. Sendo assim não podia fazer absolutamente só voltar para casa e replanejar minha rotina.



## DIÁRIO DE BORDO

DATA: 27.06.2015 – 2ª Observação

Cheguei bastante cedo no SENAC. Assim que estava entrando na instituição avisto o professor/instrutor. O mesmo veio ao meu encontro. Nos cumprimentamos. Perguntei se ele estava melhor e ele disse que sim. Porém, percebi que o mesmo estava com um aspecto abatido, mas continuava com seu bom humor em alta. Fomos direto para a sala de aula. Conversamos sobre diversos assuntos até o momento da aula começar.

Às 8 horas em ponto a aula começou com todos os alunos presentes, coisa rara de se ver. Até fiz esse comentário com o docente no cantinho da parede, onde rimos um pouco, mas nada em que os alunos pudessem desconfiar sobre o teor da conversa.

Os alunos quiseram saber como andava a saúde do professor. Ele explicou que estava melhor mas que ainda estava a se cuidar. Achei interessante a preocupação dos alunos com o professor. Porém, foi possível notar que os mesmos alunos que não quiseram fazer parte do estudo não se manifestaram, ficaram apenas calados, ou mexendo no telemóvel.

Depois desse momento inicial a aula foi tranquila, os alunos tentaram ao máximo estarem atentos para evitar cansar o professor/instrutor.

No intervalo voltei a conversar com os alunos que estão a participar da pesquisa. Os mesmos estão muito interessados no desenvolvimento do curso. Isso fica claro na fala de um entrevistado que denominei de A, que afirma: **“Tenho interesse, pois quero entrar no mercado de trabalho que exige experiência no Corel e Photoshop”.**

Nessa rodinha de conversa, os outros disseram que **estavam lá para aprender e que precisava ficar melhor preparado para os desafios da profissão.**

Os alunos estavam a se queixar que tinha uma turminha que não queriam nem está ali. Só se preocupavam em manusear o celular. Não queriam aprender. De acordo com um entrevistado, **seria melhor eles não aparecerem, só estão aqui para atrapalhar, não colaboram com nada.**

Voltamos para a sala de aula, onde tudo transcorreu da mesma maneira. A aula foi finalizada ao meio dia. Todos nos despedimos e cada um foi para o seu lado para só voltar a se encontrar na próxima semana.

## DIÁRIO DE BORDO

DATA: 04.07.2015 – 3ª Observação

Hoje é a minha terceira observação na sala de aula do professor/instrutor. Chego muito cedo ao SENAC. Encontro com uma das participantes da pesquisa na entrada da instituição. Ela como sempre está sempre bem produzida. É uma pessoa com um astral muito contagiante, sempre está de bem com a vida. Vamos caminhando juntas para a sala de aula. Somos as primeiras a chegar.

Aproveito para saber o que ela está achando do curso. Ela me diz que: **Shirley, o curso é muito bom. O docente é excelente profissional. Alguns alunos são bem interessados. Mas tem um grupinho que é sem futuro. Não colaboram com nada. Nem sei o que eles estão fazendo aqui. São meros figurantes (GARGALHADAS).** Não pude deixar de gargalhar com a aluna. E, também me sentir triste com a falta de compromisso de alguns alunos por não aproveitarem a chance de aprenderem.

Depois de conversar amenidades, os alunos da turma foram chegando, e logo em seguida o professor/instrutor. O mesmo começou a aula no horário de sempre, e novamente volto a insistir que os alunos estão todos na sala de aula no horário determinado. Isso favorece muito na questão da aprendizagem, pois os discentes não perdem além do conteúdo, informações extras que podem ser de grande valia para todos.

O uso de telemóvel em sala de aula dificulta um pouco a concentração dos estudantes, bem como do professor/instrutor, já que tem alunos que atendem ao telefone em plena sala não respeitando o docente e muito menos os colegas.

Novamente a aula transcorreu de forma agradável. Porém, ressalto aqui que o professor teve que parar a aula em determinados momentos para reclamar do barulho em relação ao WhatsApp e também o toque alto do telemóvel.

Fora esses pequenos incidentes a aula é sempre bem dinâmica. O professor pede a participação de todos. Está o tempo todo em constante movimento atendendo a todos que solicitam a sua presença quando da aula prática. Ele transmite um entusiasmo muito grande. Existe uma motivação constante na sala, pois o professor/instrutor Khyko afirma que todos são capazes de realizar as atividades, que o erro pode ocorrer, mas que através desse erro é possível aprender com eles e transformá-los em uma aprendizagem ativa.

É interessante perceber que a instituição SENAC tem como prioridade motivar o aluno na sua aprendizagem, já que isso faz parte do processo metodológico da mesma, vide apostilas, livros e referências internas.

Eu acredito muito que a motivação é uma parte importante no processo da aprendizagem, pois segundo deu para verificar a instituição SENAC recebe pessoas de todas as faixas etárias, bem como condição financeira. Fica claro que o aluno precisa ser motivado. É preciso acreditar no potencial do aluno. Isso é uma coisa que o professor/instrutor diz sempre, **“o aluno tem de saber que ele é capaz de realizar as atividades, se a gente diz que ele fez errado, ele na aula seguinte não volta mais”**.

É por isso que percebo que a aula do docente é rápida, dinâmica, cheia de perguntas. Ele coloca o aluno para pensar, Ele instiga a curiosidade da sua turma. Mesmo tendo alguns indivíduos que não desejam participar, a grande maioria está motivada a querer dá o melhor de si. Há um brilho no olhar do aluno.

Hoje não houve intervalo, pois o professor/instrutor teria que sair mais cedo, resolvemos de comum acordo que a aula seria direto, sem prejuízo para ninguém. O próprio professor trouxe uma atividade que foi produzida em equipe, e como eu previa, os grupinhos estavam formados. Os participantes da pesquisa de um lado e os não participantes do outro. Mesmo não tendo dividido a turma, ela por si só sabe que existe uma divisão muito grande entre os pares.

Porém, tudo foi muito tranquilo a atividade foi feita de forma simples e com muita participação dos alunos. Após a apresentação de todos os alunos, o professor/instrutor encerrou a aula e fomos embora, para voltar na próxima semana.

## DIÁRIO DE BORDO

DATA: 11.07.2015 – 4ª Observação

Levantei hoje com muita dor de cabeça, mas como tenho compromisso no SENAC não é possível faltar. Chego à instituição com um pouquinho de atraso. A aula já tem começado. Tento evitar qualquer barulho para não interromper a aula do professor/instrutor. Mas, mesmo tentando evitar qualquer barulho que denuncie meu atraso, acabo não passando despercebida. Muito pelo contrário, o docente, apenas deu um risinho de canto de boca e falou que eu estava atrasada. Fiquei um pouco sem resposta. Se tivesse um buraco no chão teria sido engolida por ele (KKKKKK). De certa forma a fala do orientador de sala aliviou meu estresse.

Sentei na minha cadeira de sempre. Retirei meu caderno de anotações e comecei a fazer algumas anotações que pude captar no momento da minha entrada na sala. O professor/instrutor novamente solicitava aos alunos que o uso de telemóveis deveriam se restringir ao final da aula, para não atrapalhar no processo de aprendizagem, bem como

colocar o mesmo no modo silencioso, já que o barulho de mensagens chegando ecoa por toda turma.

Percebo que esse problema de uso de telefones inteligentes (smartphone) é muito comum em todos os lugares inclusive nas salas de aula, que por mais que solicitamos que os mesmos devam ser colocados no modo silencioso, os discentes teimam em não fazê-lo.

Hoje realmente não estou muito a fim de escrever nada. A cabeça dói. Está difícil se concentrar na observação dos alunos e na prática pedagógica do professor/instrutor. Gostaria de estar em casa, deitada na minha cama, sem precisar me importunar com ninguém.

Estou muito apática, os alunos que fazem parte da pesquisa tem notado o meu distanciamento e estão a perguntar se tem algo de errado comigo. Aviso que estou com muita dor de cabeça, que tenho problema de enxaqueca. Uma das alunas diz que a mãe dela tem e que em diversos momentos foi para no hospital, chegando inclusive a ficar hospitalizada por conta da intensa dor de cabeça.

Mesmo não me sentindo muito bem, conversando com os alunos no horário do intervalo, vários deles querem aproveitar o curso para melhorar sua questão profissional, outros apontam para poder entrar no mercado de trabalho esse curso é de fundamental importância.

Realmente nesse dia não estava me sentindo muito bem. Ainda no intervalo passei muito mal no banheiro e uma aluna teve que me amparar para que eu não viesse a cair. Pedi uma colega de trabalho que fosse comigo para o hospital. O que prontamente ela aceitou. Não consegui nem dá uma satisfação a turma e nem tão pouco do professor/instrutor. Apenas parti.

## DIÁRIO DE BORDO

DATA: 18.07.2015 – 5ª Observação

Caro diário de bordo, hoje estou um pouco melhor. Mas ainda careço de cuidados médicos. Estou de licença médica por 10 dias, fui aconselhada pelo médico a me desligar de tudo por um período. Mas como é possível se desligar de tudo se tenho que finalizar minha pesquisa, trabalhar, caso contrário não poderei sobreviver (GARGALHADA). Essa é boa, os médicos mandam a gente ficar tranquilos esquecer tudo, mas no fim das contas se não ganhar dinheiro o problema se torna maior. Vá entender. É preciso conviver com essas demandas.

Cheguei ao SENAC no horário. Os alunos logo me abordaram para saber de minha saúde e se estava melhor. Avisei que estava melhor, mas que precisava ficar de repouso, mas como tinha o compromisso com a turma iria finalizar a pesquisa. Eles se sentiram lisonjeados, percebi

pelo modo de como foram mais solícitos, inclusive aqueles que não estavam a fazer parte da pesquisa.

Entrei na sala e pouco tempo depois o professor/instrutor entrou cumprimentou a todos, ao olhar para mim, perguntou como eu estava de saúde, quis saber das minhas reais condições, e bem como para evitar realizar atividades que me fizessem cansar. Antes de começar a aula pediu aos alunos que evitasse me cansar, pois ainda estava a se recuperar, palavras do docente.

Achei a atitude dele de muita cortesia. Através da fala do mesmo pude perceber o quanto o professor/instrutor, é dedicado as pessoas, independente de ser uma funcionária da instituição SENAC, e ele nem me conhecer, o mesmo trata as pessoas com muita cordialidade, olha sempre para as pessoas. Ele não se limita apenas em ser um profissional, ou o profissional. Ele ultrapassa essas barreiras. Ele é um ser que está sempre em contato com o aluno, que busca auxiliá-lo na sua descoberta, faz com que esse aluno se torne um ser humano que deseja aprender. Para esse professor tão valioso não importa quem é quem, e sim o que se quer aprender.

Desde o primeiro momento que conversei com o docente, percebi o ser humano iluminado e que busca luz para os outros brilharem também. O desejo dele é que as pessoas venham para o curso que ele estiver ministrando que busquem aprender, que sejam curiosas. Segundo ele, se o aluno não tiver curiosidade, não é possível ir muito longe. **“Shirley, eu acho que as pessoas têm de serem curiosas, se não for não vai aprender nunca. Eu fui e sou curioso. Eu acho que desde criancinha fui curioso. Queria saber como tudo acontecia, funcionava. Minha mãe sempre dizia que eu ia ser inventor por conta da minha curiosidade. Muitas vezes fui ridicularizado por fazer perguntas demais. Inclusive por professores. Sempre disse para mim mesmo, que quando eu crescesse iria apostar no talento e na curiosidade das pessoas. Pois, só assim é possível crescer. Sem curiosidade não conseguimos sair do lugar para explorar o mundo. Ficamos anestesiados e parados no tempo e no espaço.**

No dia de hoje, só tive olhos para as práticas pedagógicas do professor/instrutor e de como o mesmo conduzia sua turma, sua reação quando a turma se saia bem. Ele sempre muito eufórico, parece uma criança que ganhou um brinquedo. Mas, mesmo quando sua turma está apática, ele busca de todas as maneiras fazer com que os mesmos se sintam motivados a darem o melhor de cada um deles. Ele tenta abraça-los, trazê-los para uma aprendizagem em que o protagonista é o próprio aluno. Isso é algo raro nas práticas da maioria dos docentes.

A aula está no fim. Como foi bom observar as ações do docente, como a vibração dele traz a possibilidade de melhorar minha sala de aula. Despedimo-nos e fui para casa com uma clara visão de que posso muito melhorar minha prática pedagógica.

## DIÁRIO DE BORDO

DATA: 25.07.2015 – 6ª Observação

Caro diário, cheguei ao SENAC no horário de sempre. Tive um tempinho para conversar com as recepcionistas da instituição. As mesmas são muito atenciosas e estão sempre a disposição de alunos, funcionários e professores. São muito polidas, atenciosas e dedicadas. Após um bate papo bem informal, fui em direção a minha sala de aula. Ressalte-se aqui que as meninas da recepção sempre estão bem vestidas e com uma maquiagem perfeita. Ou seja, impecáveis.

Ao entrar em sala de aula encontro o professor/instrutor, no qual pediu para trocar uma palavrinha com ele antes dos alunos. Ele iria realizar uma prova com os alunos e pediu para que após o intervalo se isso fosse possível deixa-lo a sós com os estudantes. Eu disse que não tinha nenhum problema. Ele pediu para eu ficar até o momento do intervalo pois ele iria fazer uma revisão geral do que ocorreu até o presente momento. Para matar minha curiosidade perguntei se a avaliação iria valer nota. E ele disse que sim. Porém, como ele lembrou: **“Para mim o que importa não é a nota do aluno e sim o que ele aprendeu e como aprendeu”**. Achei essa fala de uma importância sem igual, isso faz toda diferença no ato de ensinar e de aprender.

Assim que os alunos chegaram foi aplicada uma técnica de relaxamento pelo docente, logo em seguida os alunos admitiram que esse momento de relax, como disseram, foi prazeroso e tranquilizador.

Após o relato dos alunos, o professor/instrutor, resolveu fazer uma revisão de tudo até então estudado por todos. A revisão constou dos conteúdos, mas que foram apresentados pelos alunos em parceria com o professor. A forma de fazer revisão em parceria trouxe muita segurança para os alunos, isso ficou muito notório, já que os estudantes se sentiram muito confiantes nas suas respostas. Vou aproveitar essa maneira de fazer revisão levando em conta aquilo que o aluno já sabe. Além de estimular o aluno, os outros podem intervir e indicar que aprenderam de outra maneira sobre o mesmo assunto. Isso nos dá a possibilidade de crescimento coletivo.

Assim que começou o intervalo peguei minhas coisas e fui embora, para voltar no sábado seguinte, conforme pedido do professor/instrutor.

## DIÁRIO DE BORDO

DATA; 01.08.2016 – 7ª Observação

Levantei hoje bem disposta. Cheguei ao SENAC no horário de sempre, ou seja, bem cedo. Novamente bati um bom papo com uma das recepcionistas. A mesma falou que gosta muito de trabalhar na instituição. Mas que está estudando Administração na Universidade Federal do Ceará – UFC, e que seu curso em nenhum momento sofre interferência do seu trabalho.

Após a nossa conversa, fui para minha sala de aula. E lá encontrei duas alunas conversando. Perguntei como foram na avaliação da semana passada, as mesmas responderam que se saíram bem, e que a maneira do docente fazer a revisão ajudou muito a elas. Sentiram-se mais confiante na avaliação.

Uma das alunas comentou que: **“Seria tão bom que todos os professores pudessem fazer uma revisão da mesma maneira que o professor/instrutor fez. Pois, ele foi simplesmente fantástico, deixou a gente à vontade e todo mundo aprendeu o conteúdo sem nem notar que aprendeu (risos)”**.

Assim que ela terminou de falar os demais alunos chegaram inclusive com o professor Khyko. Ele olhou pra mim e perguntou se eu já estava investigando sobre o que aconteceu após o intervalo no sábado anterior. Todos os alunos começaram a rir. Fiquei ruborizada, mais informei que sim. E ele disse: **“Minha cara Shirley, se desejamos aprender, temos de sair do nosso mundinho e ir a busca do conhecimento. Só existe solução é porque existe problema, se não houver problema, não existe solução”**.

Achei essa fala do docente muito adequada. Minha admiração por ele só cresce. Os alunos hoje estão o tempo inteiro a perguntar como se saíram na avaliação. Ele informou que todos se saíram muito bem. Porém, existem aqueles que foram muito melhores e alguns poucos que foram medianos. Entretanto, o professor/instrutor indica que cada um tem de se aprimorar, busca compreender sua melhor forma de aprender. Ele afirma que: **“Caros alunos, estou aqui apenas como um orientador, um mediador. Quem realmente tem de aprender são vocês. O que vocês buscam aprender eu já aprendi. Estou buscando outras aprendizagens. Essa é a dinâmica da vida. A gente passa o tempo todo aprendendo”**.

O docente é um ser muito consciente e faz questão de deixar isso muito claro para seus alunos. Quem tem de aprender são eles.

O professor/instrutor indicou que não existe avaliação por nota. Porém, o mesmo desenvolve projeto final para trabalhar as competências dos alunos.

Como a aula estava muito prazerosa, e onde cada um quis participar, os alunos foram para o intervalo, mas voltaram rapidamente para continuar a aula. Percebi que no dia de hoje os alunos estavam muito à vontade com a disciplina e com o professor e a aprendizagem fluiu de forma muito natural e lúdica.

## DIÁRIO DE BORDO

DATA: 08.08.16 – 8ª e última observação

Caro diário de bordo, hoje levantei com uma sensação de despedida Finalizo minha pesquisa no SENAC. Já começo a sentir saudades. Que chato.

Cheguei à instituição praticamente no mesmo horário de sempre. Cumprimentei as recepcionistas e fui direto para a sala de aula. Ao chegar vários alunos já se encontravam por lá. Cada um trouxe um refrigerante ou suco, outros trouxeram comida. Perguntei o porquê daquilo, os mesmos informaram que iriam fazer uma celebração no final do curso. Gostei muito da ideia e pedi a um aluno que fosse comprar algo para colaborar com a festinha. O que fui prontamente atendida.

Após um período de poucos minutos o restante dos alunos e o professor/instrutor chegaram à sala. O professor/instrutor começou a aula, fez revisão de tudo que foi abordado em sala de aula. Trabalhou a questão da motivação indicando que cada um dos alunos ali presentes poderia chegar a qualquer lugar e que o sucesso poderia demorar a vir, mas com trabalho, perseverança e vontade eles poderiam conseguir.

O professor entregou todas as avaliações dos alunos e foi corrigir cada quesito com os mesmos. Onde cada um dos discentes, verificou seu erro e foi aberta plenária para corrigir o mesmo de forma coletiva. Dessa forma eu entendo que todos só têm a ganharem. Pois, favorece a construção de uma aprendizagem ativa, ética, respeitosa, comprometida além de favorecer uma solidariedade construída em favor de todos.

Todas as questões que constavam da avaliação foram corrigidas e discutidas pelos estudantes. Isso provocou uma grande farra. Cada aluno quis expressar a forma de como resolveu o problema, o professor Khyko teve que intervir um pouco para que não ficasse uma algazarra em sala de aula.

Após essas informações, os alunos resolveram demonstrar seu carinho para com o mestre e rapidinho ajeitaram a sala. Entregaram presentes para o docente e diversos cartões de felicitações.



Eu até ganhei um presentinho uma boneca de pano de uma aluna que fez a boneca e os adereços da mesma com o que tinha aprendido no curso. Isso demonstra o quanto essa aluna aprendeu durante o curso.

Após esse momento de comemoração, tanto eu quanto o professor/instrutor agradecemos aos alunos e partimos nas mais diversas direções em busca de novos conhecimentos e aventuras.

## RELATO FINAL

Meu querido diário, é como muito pesar que tenho que indicar aqui a morte do professor/instrutor que foi morto em consequência de um assalto dois meses depois de ter encerrado a disciplina. Sofri muito com sua perda. Não tive coragem de ir ao enterro do mesmo. Quis guardar comigo a imagem de um professor, ser humano, homem, menino, velho que com sua sabedoria sobre agregar valores e motivações a todos que conviveram com ele. Um breve adeus e quiçá nos encontraremos em outro momento.